BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXVII • JANEIRO DE 1952 • N.º 299

QUEIMADAS DE CAMPO E DE MATAS

Wanderbilit Duarte de Barros
Eng. Agrônomo

Hábito dos mais antigos no interior do país é a queimada. Ela é prática aceita pacìficamente por quantos labutam nas rudes tarefas agrárias e que vêem no fogo o meio propício, pela rapidez e aparente vantagem, para a limpeza e beneficiamento do solo.

Introduzido pelos primeiros colonos aqui aportados, segundo alguns observadores, embora outras autoridades em matéria de pesquisa histórica afirmem que a queimada constituia tarefa generalizada entre os indígenas, o fogo é empregado em grande escala na quase totalidade das terras no nosso meio rural. Utilizado sem limite, ateado no pasto não aceirado, com o objetivo de eliminar pragas vegetais ou animais daninhos (ratos, cobras e outros), o fogo se alastra dando geralmente desastrosos resultados. A rebrota do capim no pasto é apenas de ligeira vantagem, pois se a forragem pode ser mais alimentar, graças aos tenros rebentos, o solo se torna mais sêco e mais duro, sendo difícil a penetração das primeiras águas de chuvas. Estas deslizam e arrastam o melhor material do terreno, depositam-no vargedos ou os lançam nos cursos dos córregos e rios. O solo perde de embeber-se, não se enriquecendo de humidade e de azoto, em que é pródiga a chuva.

Quando a queimada atinge a mata suas consequências tornam-se mais desagradáveis. O material sacrificado atinge, em tôda a parte, calculado em dinheiro e prejuízo, a cifras consideráveis que aumentam as perdas do capital de tôda a Nação. Madeiras de utilidade variada, muitas das quais já hoje raras, perecem sem outro aproveitamento que não para a carvoaria. Tôda a flora é sacrificada, sofrendo a natureza inteira os efeitos dêsse trabalho. Morrem, com o fogo, os vegetais, os animais de tôdas as formas e, o que é mais sério, o próprio solo. Há estudos perfeitos demonstrando que a temperatura do solo, notadamente nos países tropicais, como o Brasil submetidos ao fogo das queimadas, atinge a altos graus térmicos, suficientes para prejudicarem a vida de vermes, micróbios e insetos, que levam existência no interior da terra.

A temperatura do solo, a 2,5 centímetros de profundidade, alcança durante a queimada 250°, menos 200 que a temperatura da superfície no mesmo momento, enquanto que, entre os 22 e 23 centímetros de profundidade, o grau térmico alcança a 40°, muito alta para, entre o solo e essas profundidades, permitir boa existência de sêres necessários à formação e manutenção de fertilidade do solo.

Excluídos êsses inconvenientes todos, uma outra desvantagem da queimada reside no fato de ficar a superfície exposta ao ressecamento pela acelerada evaporação determinada por falta de proteção contra os ventos. Aceitável apenas em uma ocasião, quando se realiza a coivara, o fogo deve, nos demais casos, ser evitado pelo que de pernicioso nas gerais conseqüências tem para as nossas terras.

Aliás, com o intúito de prevenir a ação dos incendiários, o Código Florestal Brasileiro preceitua penalidade severas. Isto, porém, não é primordial, pois o que deve o poder público fazer é despertar a atenção do roceiro, do fazendeiro, dos homens do interior, para os perniciosos efeitos das queimadas, indicando-lhes que elas sobrecarregarão em "deficit" as condições futuras do solo da propriedade. Êste é o meio certo de combater, nesta época de fogo, as queimadas de nossas terras.

(Coperação da Prefeitura Municipal de Campinas)

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | JANEIRO DE 1952 | Número 299

Sumário

COLABORAÇÃO:

Socialização sem socialismo, no Brasil — J. Testa.
A água do solo e o sombreamento dos cafèzais em São Paulo — Coaraci M. Franco.
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Hendes Sobrinho.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Uma interessante experiência de Serviço Social Rural.
A produção de café na Venezuela.
Restauração dos cafeeiros — Paulo Cuba.
Café "caturra amarelo" — Edgard Fernandes Teixeira.
Instruções sôbre a adubação do cafeeiro — Salim Simão.
O café Sumatra de Mundo Novo.
A recuperação das terras na região de Louveira.
Características das principais variedades de café — Alcides Carvalho.
O Café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).

ESTATÍSTICAS:

Colaboração

SOCIALIZAÇÃO SEM SOCIALISMO, NO BRASIL

CADA VEZ MAIOR A INTERFERÊNCIA DO PODER PÚBLICO NA ESFERA PARTICULAR

J. TESTA
(Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café)

O Brasil é um país curioso. Não há, aqui, planejamentos, como em outras partes. Vivemos da improvisação, que é aliás, muito latina, mas encontrou entre nós um solo excepcionalmente favorável. É possível que isso seja até um bem, pois a imposição de cânones rígidos, tão contrários à nossa mentalidade, nos privaria de pormos em ação nossa maior virtude, que é exatamente essa capacidade de improvisação. Mesmo os raros planejamentos que fazemos, como por exemplo o Plano Salte, acabam sendo seguidos à mercê das contingências e das possibilidades.

E mais curioso, ainda, é verificar o que vem acontecendo com referência a uma questão de doutrina, capital noutros lugares, mas que aqui se vai deixando evoluir de acôrdo com as circunstâncias: a socialização progressiva do país, a interferência cada vez maior do Estado na esfera particular, o Socialismo de Estado, enfim, que, se noutras regiões é propugnado às claras, por partidos organizados e govêrnos dêles oriundos, aqui se vai implantando aos poucos, insensivelmente, quase sem que o percebam os próprios fautores da mudança. É, por assim dizer, um socialismo instituido "com a mão do gato".

Sendo uma das nações mais individualistas do mundo, e tendo fundado a sua economia nêsses princípios de livre iniciativa, que, aliás, são entre nós teóricos e práticos, visto ser muito pequeno e pouco influente nosso Partido Socialista, o que acontece é que vimos tomando, nos últimos tempos, tão numerosas providências de ordem socialista que, a continuarmos nessa marcha, teremos atingido dentro de não muito tempo a uma situação paradoxal, de uma nação individualista onde quase tudo estará coletivizado...

Noutras regiões, para que os grandes Bancos, o sistema de transportes, o de eletricidade, a siderurgia, o petróleo, passassem à esfera da administração pública, necessária se tornou a expropriação, democrática ou ditatorial. Ou agiu-se pela prepotência, como na Rússia e nos seus satélites, ou, como se faz na Inglaterra e nos países escandinavos, os socialistas atingiram o poder, diretamente ou por meio de coligações, e impuzeram suas reformas. No Brasil, nem uma nem outra cousa. A interferência do Estado se faz por uma série de medidas, oriundas de várias fontes e idéias, e que vão dando, com o tempo, aquêle mesmo resultado conseguido nos países da velha Europa: a socialização progressiva.

Será isso um sinal dos tempos novos? Será uma contingência fatal da evolução da humanidade? Tornar-se-á impossível, no futuro,

o capitalismo completo, o individualismo puro? A discussão do assunto nos levaria mais longe do que pretendemos ir, por hoje. Acentuamos, apenas, o que se tem feito e se pretende fazer, no Brasil, nêsse terreno.

* * *

A razão principal dêsse estado de cousas é simples: trata-se do fato de sermos um país novo, onde quase tudo está por fazer, e onde a iniciativa particular não teve ainda amadurecimento mental ou possibilidades financeiras para exercer devidamente o seu papel, cabendo ao govêrno, então, suprir com suas iniciativas aquela deficiência. O mesmo tem acontecido em outras regiões, como vemos, ainda agora, no México, na Argentina, na Venezuela, no Chile. Nos países velhos o capital e as iniciativas particulares puderam aplicar-se paulatinamente, à medida que a civilização avançava. As necessidades financeiras ou econômicas eram incipientes, e puderam ser providas aos poucos. Não acontece o mesmo nos países novos, que se defrontaram, sùbitamente, com a necessidade de constituir um gigantesco sistema de transportes, de energia elétrica ou outro qualquer. A ação supletiva do Estado se tornou, assim, indispensável.

Mas, além dessa razão fundamental e justificável, outras existem, mais discutíveis. Uma delas é por certo a demagogia, que preconiza a ação não apenas creadora mas também coercitiva do govêrno, o que é mais grave, e isso em muitos e numerosos casos onde melhor fôra que se deixasse agir a livre iniciativa, apenas estimulando-a, quando necessário.

Nós temos defendido, sempre, o **free-enterprise.** Será necessário, evidentemente, que os poderes públicos intervenham com frequência, já para acoroçoar ou mesmo iniciar empreendimentos que devem ser realizados, já para instituir serviços assistênciais que cada vez mais lhe competem, já para limitar ambições, infelizmente muito humanas, coibindo os abusos do poder financeiro e econômico. Essa interferência, todavia, do Estado, deve ser discreta, adequada, democrática. Se exercida intempestivamente, ou de modo exagerado, entra em colisão com e esfera particular, de que se torna sócia, mentora e limitadora. A iniciativa particular perde, então, seu estímulo; toda a imensa massa dos cidadãos passa a ser constituida, pràticamente, de funcionários públicos; desaparece o interesse da luta, da competição.

* * *

Apesar do seu espírito de sacrifício e de sua vitalidade democrática, a Inglaterra de hoje é um país em grandes dificuldades. Na esfera pública, temem as nações que com ela comerciam chegar à contingência de uma segunda desvalorização da libra, ou a um congelamento de seus créditos nos bancos ingleses. E, na esfera particular, o inglês, que vive em perpétuo racionamento, nem ao menos pode ir comer fóra do país, pois sòmente tem licença de deixá-lo com um máximo de 150 libras no bolso. Quer dizer que o cidadão britânico, o clássico turista de cachimbo e paletó xadrez, póde até correr o risco

de se tornar indesejável nas estalagens do outro lado da Mancha, êle a quem tôdos porfiavam em servir de guias e engraxar as botas...

O draconiano sistema de impostos em vigor, aboliu a riqueza. Em tôda a Inglaterra só existem 86 pessôas com renda superior a 6.000 libras. E apenas 11.600 pessôas possuem renda entre 4.000 e 6.000 libras.

Obrigada a manter ainda uma esquadra relativamente importante e várias bases longínquas, a Gran Bretanha dá hoje a impressão de um desses nobres arruinados, que vivem com sacrifícios para manter um digno padrão de vida.

O atual govêrno conservador já vem procurando dar marcha-a-ré na socialização da siderurgia. A dos transportes e da medicina, que não provaram bem, deverão provavelmente esperar ainda algum tempo, visto que seria impolítico suprimí-las dràsticamente.

Do outro lado do Atlântico, os primos americanos nadam em dinheiro e em utilidades de tôdo o gênero, de que possuem, êles sòzinhos, mais da metade das disponibilidades mundiais. Chegaram ao ponto de realizar um gigantesco esforço de produção para a guerra, de cuja amplitude pouca gente se dá conta, e ainda manter pràticamente no mesmo nível a produção para uso civil! Para uso civil do próprio páis e do mundo inteiro... como também o é a produção militar.

Seria, evidentemente, um êrro crasso, pretender que essa disparidade entre a Inglaterra e os Estados Unidos se deva aos dois sistemas políticos em confronto: o Socialismo e a Livre Iniciativa. Inúmeras razões existem para essa diferença. Mas, ninguém põe em dúvida que um dos motivos capitais que fizeram e mantêm a grandeza dos Estados Unidos é o seu regime de livre competição, de livre iniciativa, de emulação.

* * *

No Brasil hodierno, o sistema de transportes está quase totalmente nas mãos do govêrno. A Central do Brasil, a Santos-Jundiaí, Leopoldina Railway, Rêde Mineira de Viação, Viação Férrea do Rio Grande do Sul, Paraná-Santa Catarina, Sorocabana, Araraquara e outras, estão sob a direção do govêrno federal ou estadoais. O transporte marítimo e fluvial, com o Lóide e companhias associadas e empresas estadoais, está quase inteiramente sob a administração pública. O sistema petrolífero — jazidas, prospecção, transporte a maior parte das refinarias é da alçada federal. Nas grandes centrais elétricas, que até agora eram de iniciativa, particular, o poder público vai interferindo cada vez mais, como o atestam Paulo-Afonso, Salto Grande, Fecho do Funil e outras. A siderurgia e a indústria pesada, com Volta Grande e a Fábrica Nacional de Motores, o carvão, as companhias de transportes urbanos, o próprio setor cafeeiro e o do abastecimento urbano são outros tantos pontos onde a influência governamental se tem feito sentir, permanente ou esporàdicamente e em gráu maior ou menor.

Se examinarmos o assunto em detalhes, chegaremos à conclusão de que a maioria dessas iniciativas se justificam. Como se poderia instalar a grande central elétrica de Paulo-Afonso, senão por iniciativa

de poder público? Quando chegar a vez das Sete Quedas ou do Iguassú, quem poderá fazê-lo? Volta Redonda, Vale do Rio Doce e algumas outras teriam podido ser realizadas por particulares e, se o fossem, seria isso interessante ao país?

Não obstante, quer-nos parecer que o poder público, muito embora deva continuar a exercer essa ação supletiva, deve ter sempre o cuidado de acoroçoar, incentivar, ajudar mesmo, a iniciativa particular, sempre que ela se manifeste, evitando entrar com ela em concorrência e apenas cerceando-lhe, quando necessário, lucros exagerados ou as iniciativas que possam causar prejuizo à população.

Desde que o empreendimento particular se apresente — como no caso das Lights, da Companhia de Petróleo União, da Usina Siderúrgica de Mogí das Cruzes e outras, o poder público não lhes deve fazer concorrência e, ao contrário, estimulá-las e ajudá-las.

É lamentável, por exemplo, que pareça não haver outra solução para a Cia. Mogiana de Estradas de Ferro senão a transferência ao govêrno estadual. Uma política geral ferroviária deve ser instituida sem perda de tempo, pois nem mesmo o poder público deve e póde arcar com o imenso onus decorrente dos deficits dessas emprêsas.

Companhias particulares de navegação devem, também, ser estimuladas.

Que o poder público continue a ter sua função orientadora, de estímulo ou de auxílio. Nunca, porém, deverá sobrepor-se à iniciativa particular, ou suprimí-la.

A ÁGUA DO SOLO E O SOMBREAMENTO DOS CAFÈZAIS EM SÃO PAULO

Coaraci M. Franco
Engenheiro Agrônomo
Instituto Agronômico de Campinas

Permanece a controvérsia entre os partidários do sombreamento generalizado dos cafeeiros e aquêles que lhe fazem restrições.

No intuito de permitir um amplo e livre debate do assunto, temos divulgado, em nossas páginas, essas opiniões divergentes, aliás justificáveis, pois é sabido que tem sido constatada, entre nós, a existência de cafèzais onde o sombreamento não provou bem, e isso quase ao lado de outros onde a aplicação dêsse processo deu resultados maravilhosos.

As duas correntes têm a representá-las não sòmente experimentadores particulares cuidadosos, como também agrônomos dos mais competentes em nossos meios técnicos e científicos.

Julgamos o assunto da maior importância e digno de acurada investigação, motivo pelo qual estabelecemos em nosso Boletim aquelas diretrizes.

A questão de se saber se deve ou não ser sombreada — no todo ou em parte — nossa lavoura cafeeira; é assunto vital e urgente, como também outros (irrigação, mecanização, etc.), que vêm sendo atacados com eficiência pelos nossos cafeicultores e pelos Institutos e agrônomos oficiais.

Dando essa nossa contribuição, para ajudar a solução do problema, acreditamos prestar um serviço à cafeicultura.

Nota da Redação.

INTRODUÇÃO

Não deixa de ser interessante o fato de serem sombreados os cafèzais dos outros países americanos produtores de café e de não o serem os nossos, com algumas poucas exceções.

É provável que também entre nós as primeiras culturas cafeeiras tenham sido feitas à sombra e não se tenha dado, sem razão, o abandono de tal prática, salvo em algumas regiões mais úmidas de outros Estados. Pelo menos em Campinas, a primeira tentativa de sombreamento data da época da introdução dessa cultura no município, por volta de 1817. É o que testemunha o trabalho publicado em 1872 pelo botânico Correia de Melo (1), do qual passamos a transcrever o trecho que nos informa sôbre o destino dos dois primeiros cafèzais do município de Campinas: "Êstes dois cafèzais, porém, ainda foram abandonados: o do primeiro porque não tendo o consumo conservado o alto preço observado no Rio de Janeiro, julgou mais acertado continuar com a cultura da cana e fabricação do açúcar, que então constituía a principal indústria do município; e o do segundo por ser seu proprietário mal informado sôbre o tratamento desta planta, que lhe disseram não vegetar bem senão à sombra, preparando a terra para a plantação deixou ficar as árvores altas para produzirem o competente abrigo; e disso resultou que o cafèzal pouco ou quase nada produzia."

Em trabalhos anteriores (2, 3), vimos que, frequentemente, em talhões sombreados, após alguns meses de sêca, o solo se acha no

"wilting point" (*), nas camadas mais exploradas pelas raízes do cafeeiro. Isso explicava os inúmeros insucessos experimentados còm essa prática, na cultura cafeeira.

Na presente publicação, apresentamos novos dados que trazem maior evidência em favor das conclusões tiradas nos trabalhos atrás citados.

Os métodos empregados foram exatamente os mesmos anteriormente descritos.

DADOS OBTIDOS

A seguir, apresentamos, em quadros, os dados obtidos.

Quadro I. Talhões do ensaio de variedades e progênies da Estação Experimental Central de "Santa Elisa" em Campinas. Sombreamento com ingàzeiros e **Cassia strobilacea.** Os dados dêste quadro são médias de duas determinações feitas nesses talhões.

Profundidade	Água disponível %		Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado	
m			
0,5	2,4	1,8	27-5-49
1,0	2,8	1,4	

Quadro II. Talhões do ensaio de variedades e progênies da Estação Experimental Central de "Santa Elisa" em Campinas. Sombreamento com ingàzeiro e **Cassia strobilacea.**

Profundidade	Água disponível %		Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado	
m			
0,5	1,5	0,9	12-8-49
1,0	2,1	0,0	
1,5	1,8	0,0	

(*) Há, em português, várias expressões para significar "wilting point", entre as quais "água inativa", por nós empregada em trabalho anterior (4). Preferimos adotar definitivamente a expressão inglêsa, por ser quase universalmente conhecida, e para assim não introduzir maiores complicações na sinonimia portuguêsa.

Quadro VI. Talhões do ensaio de variedades e progênies da Estação Experimental de Mococa. Sombreamento com ingàzeiro e **Cassia strobilacea.**

Profundidade	Água disponível %		Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado	
m			
0,5	3,5	1,2	1-8-49
1,0	2,3	1,7	

Quadro VII. Talhão sombreado com Pisquin, na Estação Experimental de Mococa.

Profundidade	Água disponível %		Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado	
m			
0,5	1,2	1,9	2-8-49
1,0	1,1	1,9	

Quadro VIII. Talhões ao sol, e sombreado com Pisquin, na Usina Itaiquara.

Profundidade	Água disponível %			Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado na encosta	Talhão sombreado no topo do morro	
m				
0,5	1,0	5,9	0,0	2-8-49
1,0	2,2	4,1	0,0	

Quadro IX. Talhões ao sol, e sombreado, da fazenda Alegre, em São João da Boa Vista. Sombreamento com Pisquin.

Profundidade	Água disponível %		Data
	Talhão ao sol	Talhão sombreado	
m			
0,5	3,3	3,2	1-8-49
1,0	3,2	1,8	

Quadro X. Cafèzal sombreado, da fazenda do Sr. Domingos Leonardi, em Bragança Paulista. Sombreamento com Pisquin.

Profundidade	Água disponível %	Data
m		
0,5	5,4	6-9-51
1,0	3,0	

Quadro XI. Cafèzal, sombreado, da fazenda, em Bragança Paulista. Sombreamento com ingàzeiros. Os dados dêste quadro são médias de duas determinações feitas neste talhão.

Profundidade	Água disponível %	Data
m		
0,5	4,4	
1,0	3,4	6-9-51
1,5	2,2	

Quadro XII. Talhões do ensaio de espaçamento de ingàzeiros, como árvores de sombra, na Estação Experimental do Ministério da Agricultura (fazenda Lageado) em Botucatu. Os dados deste quadro são médias de duas determinações feitas em cada talhão.

		Água disponível %				
Profundidade m	Talhão ao sol	Talhões sombreados com ingàzeiros nos espaçamentos de:				Data
		4 m	8 m	12 m	16 m	
0,5	2,1	0	0	2,5	3,3	2-9-49
1,0	2,9	0	0	3,1	3,3	

Quadro XIII. Cafèzal sombreado com ingàzeiro na fazenda Ôlho-d'água, em Botucatu. Os dados dêste quadro são médias de duas determinações feitas neste talhão.

Profundidade m	Água disponível %	Data
0,5	1,2	4-9-51
1,0	1,8	

DISCUSSÃO

Os quadros I e II se referem aos mesmos talhões em Campinas, apenas em épocas diferentes. Os dados do primeiro quadro foram obtidos quando os cafeeiros sombreados, se bem que de aspecto inferior aos plantados a pleno sol, se apresentavam ainda enfolhados, parecendo não estarem sofrendo grande concorrência das árvores de sombra. Trata-se de um ensaio de variedades e progênies com sete anos de idade. Os dados mostram que, de fato, apesar de conter o solo, sob as árvores de sombra, menor quantidade de água disponível, ainda havia nêle suficiente umidade para manter a vegetação. Dois meses e meio mais tarde, os cafeeiros

sombreados apresentavam-se grandemente prejudicados pela sêca, tendo derrubado quase a totalidade de suas fôlhas. O Quadro II mostra os dados de água disponível no solo obtidos nessa época. Vemos, por êle, que os cafeeiros ao sol encontravam ainda água para absorver nas três profundidades estudadas, enquanto os sombreados não mais podiam absorver senão pequena quantidade de camada mais rasa do solo.

Ainda que existissem outras razões, só essa — a falta de água absorvivel no solo — seria suficiente para explicar o péssimo estado vegetativo dos cafeeiros debaixo da sombra.

O Quadro III refere-se aos dados obtidos em outro talhão sombreado, novo, na Estação Experimental de "Santa Elisa", situado no outro extremo da Estação, e que se apresentava com bom aspecto vegetativo na época sêca. Havia, como se vê, água absorvível no solo. O cafèzal é novo, com cinco anos de idade, tendo as árvores de sombra 4 anos. É provável que o pequeno consumo de água, consequente da pouca idade das plantas, seja a razão de ainda existir água disponível no solo, naquela época.

No quadro IV vemos as percentagens de água disponível encontradas em talhões sombreados, e ao sol, na Fazenda Santa Alice, em Terra Roxa, em 1.º de Junho de 1949, quando os cafèzais se apresentavam bem enfolhados. Constata-se que havia bastante água disponível no solo.

No ensaio de linhagens e progênies à sombra, na Estação Experimental de Ribeirão Prêto, os cafeeiros debaixo da sombra derrubam tôdas as suas fôlhas nas épocas sêcas, tomando mesmo um aspecto de plantas mortas, enquanto as plantas, nos lotes ao sol, se apresentam ainda enfolhadas. Constata-se, nessas ocasiões, que o solo do lote sombreado já não encerra água disponível às plantas, dando-se o contrário no solo do lote do sol. O quadro V mostra o que acima dissemos, deixando claro que a razão do insucesso do sombreamento naquele local se deve á falta de água disponível no solo, dentro do cafèzal sombreado, nas épocas de grande sêca.

O quadro VI mostra as quantidades encontradas de água disponível às plantas no solo dos lotes sombreados e ao sol, no ensaio de variedades e progênies da Estação Experimental de Mococa. As plantas, sombreadas, se bem que de aspecto inferior às do lote ao sol, apresentavam-se em bom estado de vegetação. Vê-se, pelos dados obtidos, que havia água disponível no solo do lote sombreado, embora em menor quantidade do que a existente no solo do lote ao sol.

Existe ainda na Estação Experimental de Mococa um lote de mil cafeeiros, mais velhos, sombreados com Pisquin de dez anos de idade. O aspecto das plantas sombreadas nas épocas sêcas é bastante superior aos das plantas ao sol, uma vez que aquelas se conservam bem enfolhadas. Os dados de umidade lá obtidos, em época sêca, explica o fenômeno, pois, no quadro VII, vemos que no lote sombreado havia água disponível ainda em maior quantidade, do que no lote ao sol. Talvez isso se deva ao fato de ocupar o lote sombreado a base de uma encosta, enquanto que o não sombreado se situa na parte mais alta, onde o solo é sensívelmente inferior, mais sêco e pedregoso.

Havia, no cafèzal da Usina Itaiquara um lote sombreado com Pisquin que, mesmo nas épocas de grande sêca, se apresentava vigoroso, com

uma vegetação exuberante. Situava-se, êsse talhão, em uma encosta, em forma de concha, ocupando o terreno desde a sua base até ao tôpo do morro. Os cafeeiros situados no tôpo apresentavam, ao contrário, mau aspecto vegetativo. O quadro VIII mostra os dados lá obtidos. O cafèzal ao sol, que tomamos para testemunha, situava-se do outro lado da encosta e pertencia a outra fazenda. Distava, entretanto, pouco do lote sombreado. Vemos, pelo quadro citado, que o solo na encosta onde os cafeeiros apresentavam uma vegetação exuberante encerrava grande quantidade de água disponível, das maiores por nós encontradas nos cafèzais estudados do Estado de São Paulo. No tôpo do morro o solo achava-se no "wilting point" até um metro de profundidade, fator suficiente para explicar a razão por que lá os cafeeiros se apresentavam em mau estado.

O quadro IX mostra os resultados da determinação de água disponível nos solos de um talhão sombreado, e outro ao sol, na fazenda Alegre, em São João da Boa Vista. O talhão sombreado apresentava-se mais enfolhado do que o sem sombra, e os dados mostram que existia água disponível no solo do cafèzal sombreado.

Os dados apresentados no quadro X foram obtidos no talhão sombreado da fazenda do Sr. Domingos Leonardi, em Bragança Paulista. Embora pequeno, êsse talhão sombreado com Pisquin apresentava-se com vegetação exuberante no período sêco de 1951. A grande quantidade de água disponível encontrada no solo explica o sucesso do sombreamento naquele local. Os dados do quadro XI são referentes ao solo do cafèzal sombreado da fazenda Caetê, em Bragança Paulista. A quantidade apreciável de água disponível encontrada no solo justifica a vegetação muito boa do cafeeiro à sombra, naquela fazenda.

Na Estação Experimental do Ministério da Agricultura, em Botucatu (fazenda Lageado), há um ensaio de espaçamento de ingàzeiro como árvore de sombra, montado há mais de dez anos. Os espaçamentos empregados nesse ensaio são: 4 x 4; 8 x 8; 12 x 12 e 16 x 16 metros, para os ingàzeiros.

Na estação sêca, os cafeeiros sob os dois menores espaçamentos apresentavam-se em mau estado. Nos espaçamentos de 12 x 12 e 16 x 16 o aspecto vegetativo dos cafeeiros era bom, tomando-se os lotes testemunhas ao sol para têrmo de comparação. A se julgar pelo estado de vegetação do cafeeiro, estava havendo vantagem no sombreamento, nos dois maiores espaçamentos. Devemos esclarecer, entretanto, que o espaçamento acima referido é teórico, em consequência de grande número de falhas entre os ingàzeiros. À vista disso, nos dois maiores espaçamentos onde os cafeeiros reagiram melhor, talvez o espaçamento médio real fôsse quase o dôbro do teórico.

É verdade que os ingàzeiros, em espaçamento, tão largo produzem uma sombra muito irregular. Entretanto, não estavam fazendo concorrência em água aos cafeeiros, conforme vemos no quadro XII, e, dessa forma, êstes podiam beneficiar-se da matéria orgânica que as árvores de sombra forneciam. Embora em pequena quantidade, essa matéria orgânica era de grande vantagem, dada a pobreza do solo nesse componente, conforme se notava nos lotes testemunhas, não estercados. A produção nos lotes sombreados com os dois espaçamentos

maiores parecia ser apenas pouco menor do que a dos talhões não sombreados.

Por fim, apresentamos, no quadro XIII, os dados de água disponível no solo obtidos no talhão sombreado da fazenda Ôlho-d'Água, em São Manoel. Acha-se êsse cafèzal sôbre terra roxa, de excelente qualidade e bastante compacta. O aspecto dos cafeeiros na época sêca era de grande viço. A existência de água disponível no solo explica o sucesso do sombreamento naquele cafèzal.

CONCLUSÕES

Os dados discutidos no presente trabalho permitem que se tirem as seguintes conclusões:

1. Sempre que um cafèzal sombreado se achava em bom estado de vegetação, o solo encerrava água disponível às plantas, e, em todos os casos, em que os cafeeiros à sombra se apresentavam despidos de fôlhas, visìvelmente prejudicados pelo sombreamento, o solo não mais continha água disponível nas camadas mais exploradas pelas raízes dos cafeeiros.

Isso nos permite concluir que é a falta de água disponível no solo, nas épocas sêcas, causada pela concorrência das árvores de sombra, na absorção daquele líquido, o fator responsável pelos inúmeros insucessos experimentados no sombreamento dos cafèzais em São Paulo, o que confirma os resultados dos trabalhos anteriores (2,3).

2. Nos solos compactos e argilosos do arqueano (massapé e salmourão), o cafeeiro, em geral, vegeta bem debaixo da sombra, pois, em todos os casos estudados nesses solos, havia água disponível na época sêca e os cafeeiros apresentavam-se em bom estado de vegetação. Nos outros tipos de terra, é muito frequente o cafeeiro não resistir à concorrência das árvores de sombra.

3. No julgamento dos cafèzais sòmente consideramos o aspecto vegetativo dos cafeeiros. Em igualdade de condições, um cafèzal sombreado produz menos. Sendo assim, para se concluir se será vantajoso ou não sombrear um cafèzal, mesmo onde o cafeeiro vegeta bem à sombra, é necessário que se saiba se o decréscimo de produção será compensado pelas vantagens oferecidas pelo sombreamento.

SUMMARIY

The available soil water was measured in many shaded and unshaded coffee plantations. It as found that in all cases where the coffee plants were not thriving well under shade the soil was at the wilting point at the depths more explored by the coffee root system.

The results show that competition for water between coffee plants and shading trees is the factor responsable for many failure in shading coffee plantations in the State of São Paulo.

In the Archean soils of the State of São Paulo the competition for water do not seems to be so serious as to eliminate the possibility of shading coffee plantations.

LITERATURA CITADA

1. Correia de Melo, J. 1872. Em A cidade de Campinas em 1900, Leopoldo Amaral. Campinas, 375 pgs., Tipo Livro Azul, 1900.

2. Franco, C. M. — O problema do sombreamento dos cafèzais em São Paulo. Bol, Sup. Serv. Café XXII (248): 708-717. 1947.

3. Franco, C. M. — O problema do sombreamento das cafèzais em São Paulo. Ceres VIII (43): 37-51. 1948.

4. Franco, C. M. e H. C. Mendes — Água inativa de alguns tipos de solos do Estado de São Paulo. Bragantia 7: 129-132. 1947.

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico, Campinas

(Continuação)

2.5.3.6. — GENERALIDADES SÔBRE A CULTURA

a) — **Preparo do terreno:** A qualquer cafeicultor brasileiro, à leitura do título dêste item acudirá, imediatamente, a idéia de derruba, queimada e coveamento do terreno do futuro cafèzal para o plantio das sementes. Entretanto, tratando-se de Uganda, não se pode falar em extinção da floresta para o estabelecimento dessa lavoura, nem do desbaste da mata para uma cultura sombreada, porque naquele país não existem terras virgens disponíveis. A minguada área ainda revestida por matas se constitui de reservas pertencentes ao govêrno e, por isso, intocáveis. Em "Afrique terre qui meurt", da autoria de Jean-Paul Harroy, publicado em Bruxelas em 1949, encontramos, para o Protetorado, a madestíssima taxa de 7 por cento de terras florestadas sôbre a sua superfície total. Quem visita o país se surpreende com a ausência de matas naturais ou artificiais. E a gravidade dessa situação salta aos olhos: é intenso, ao longo das rodovias, o trânsito de velhos e mulheres carregando, sôbre a cabeça, não feixes de lenha, mas reduzidos amarrados de gravetos, que vão apanhar longe da sua morada, não raro a uma dezena ou mais de quilômetros. Ao estabelecimento de um cafèzal, a regra imposta ao nativo pela própria rotina se resume no plantio dos cafeeiros ao redor da sua cubata, em meio às bananeiras, que são o celeiro vivo da sua alimentação. Essa prática é seguida tanto nas zonas altas como nas de baixa altitude. A plantação é feita por meio de sementes ou de mudas de raíz nua, sem observância de alinhamento e compasso. Tampouco cuida o indígena da abertura de uma boa cova e do seu estercamento que são requisitos de sucesso a um cafèzal, em terras exaustas como as daquelas paragens superpovoadas.

b) — **Época de plantio:** Os meses de março, abril e maio estão compreendidos no período das "chuvas grandes" e constituem a época preferida pelos nativos para levar a muda ou a semente do cafeeiro à terra.

c) — **Viveiros: O cafeicultor** preto de Uganda é indiferente a uma boa ou má semente. E, por essa razão, o govêrno mantém viveiros para o fornecimento de mudas, provenientes de material produtivo, tanto na zona baixa como na alta. Estas são vendidas de raízes nuas. A importância cobrada pelo Departamento de Agricultura é insignificante, apenas o bastante para excluir-lhe o caráter de gratuidade, que é sempre motivo para substimação da dádiva.

d) — **Espaçamento e número de pés por cova:** Embora não guardando compassos certos, os cafeeiros das plantações indígenas distam

entre si, a grosso modo, 2,00 m a 2,30 m, tanto para os da ESPÉCIE C. ARÁBICA como para os do C. CANEPHORA. Quanto ao número de pés por cova, invariàvelmente adotam uma planta, porque do contrário seria difícil a poda do cafeeiro.

e) — **Defesa do solo contra a erosão:** Não logramos verificar observância sistemática de preceito algum, com relação às plantações de café. Entretanto, o cafèzal desordenado e a consociação com as bananeiras e outras plantas alimentares, garantem certa proteção do solo contra o arrastamento de terra pelas enxurradas. Por outro lado, o terreno não fica exposto à insolação direta porque a palhaça das bananeiras lhe garante certa cobertura.

f) — **Sombreamento:** O indígena planta o cafeeiro ao pé da sua morada, entre as bananeiras, pelo processo que descrevemos, e assim o deixa até o terceiro ou quarto ano, quando aparecem os primeiros frutos. Por essa ocasião, a maior parte dos pés de banana é eliminada e, à guisa de sombra, são plantados esparsos exemplares de FICUS s.p.. O sombreamento em Uganda é ainda assunto muito controvertido. E, quanto à essência para árvore de sombra, não há nada em definitivo. No passado, a sombra densa foi adotada, mas redundou em baixa produtividade do cafeeiro e na formação de ambiente extremamente favorável à broca do café e a outras pragas dos cafèzais. Considerando que o cafeeiro é uma planta florestal, a opinião dominante é a de que um sombreamento deverá existir, porém controlado: nem pleno sol nem sombra excessiva. Quando partimos de Campala, atravessamos dois cafèzais pertencentes a fazendeiros hindus, nos quais o alinhamento era regular e a sombra produzida por seringueiras. Entretanto, êste parecia um caso mais de consociação que pròpriamente de sombreamento de uma planta por outra. Na Estação Experimental de Bugusege, observamos a inexistência de ensáios de sombreamento. Interpelamos Mr. Tremlett sôbre o fato por nos parecer estranho que uma estação especializada em café não contasse com experiências daquela natureza. Respondeu-nos o chefe do estabelecimento que a exiguidade de espaço o impedia de fazê-lo. Solicitamos-lhe a opinião pessoal a respeito do sombreamento dos cafèzais e êle se declarou favorável ao mesmo, em Uganda, pelas seguintes razões: a) evitando a erosão e a insolação direta sôbre o solo, êste se humifica e o cafeeiro se torna mais resistente às moléstias, embora o ambiente seja favorável aos insetos depredadores do cafeeiro, especialmente a broca do café; b) a sombra impede, nas zonas altas, que a espécie C. ARÁBICA se deforme pelo excessivo crescimento vertical e redução dos ramos secundários; c) a sombra evita as safras desequilibradas e aumenta a longevidade do cafeeiro. Quanto ao segundo argumento, parece inverossímil que a ausência de sombra provoque o crescimento vertical desproporcionado do cafeeiro, porque a concorrência de luz entre um grupo de plantas é que deve provocar o heliotropismo. Entretanto, naquela estação experimental, tivemos oportunidade de verificar a ocurrência do fenômeno. O lote de cafeeiros que vimos e fotografamos era de variedade Kent, contava 18 anos de vida a pleno sol e a altura das plantas era de 6½ a 7 metros, (Fig. 6-B). Ficamos a conjecturar sôbre se o

motivo daquele crescimento tão desproporcionado não seria consequência da plantação de um só pé na cova. A nossa impressão, a cêrca do sombreamento, em resumo, é que essa prática não se apresenta como medida sistematizada em Uganda. O que se observa é mais uma miscelânea de bananeiras, cafeeiros e exemplares muito espaçados de uma árvore a que os nativos chamam "MUTURA (FICOS S. P.). Na zona de C. ROBUSTA, observamos que há mais plantações a pleno sol que sombreadas. E êste carater se acentua à medida que se contorna o Lago Vitória, caminhando-se para o ocidente. Por outro lado, observamos que C. ARÁBICA, do Monte Êlgon, é melhor sombreado que C. ROBUSTA da zona baixa. O fato não deixa de ser um tanto desconcertante, porque esta última espécie de cafeeiro é planta florestal do país, enquanto a primeira não o é.

A título de ilustração, mencionamos a seguir as notas que tomamos sôbre o cafèzal sombreado com seringueiras, a que nos referimos no começo dêste item: espaçamento entre cafeeiros 3m x 3m; compasso das seringueiras, 6m x 9m; um único cafeeiro por cova, sistema de poda, "multiple stem", com duas e três hastes; idade dos cafeeiros, 6 a 7 anos; seringueiras medindo de 12 a 14 metros de altura e derramadas até 6 e 7 metros acima do chão; estas árvores apresentavam sinais de pelo menos 2 sangrias, para extração do latex; ótimo aspecto geral tanto dos cafeeiros como das seringueiras; muito boa produção pendente de café.

g) — **Capinas:** São executadas sob a forma de cavouco, algo semelhante à carpa que, na nossa terminologia cafeeira, toma o nome de "embolada". A ferramenta utilizada é uma enxada parecida com a que chamamos "Laporte" e que empregamos para a abertura de covas. A êsse instrumento os indígenas dão o nome de "UNKUMBI". Um traço marcante o diferencia das enxadas usadas entre nós: o comprimento do cabo, que não vae além de dois palmos. São, via de regra, ferros gastos. Com a honrosa exceção dos portugueses e franceses, os outros colonistas da África, pode-se dizer, nada têm feito para modernizar e tornar mais eficientes as ferramentas rudimentares dos indígenas. E, neste particular, primam os belgas, que dentre os dominadores da África, são os mais indiferentes pela sorte dos natívos. A Bélgica não tem uma tradição colonizadora, e os seus administradores na África não se esforçam por adquirí-la. Em quase tudo que praticam deixam transparecer um intuito chocantemente imediatista. Em Uganda e territórios visinhos o arcaísmo da enxada é agravado pelas dimensões do cabo da ferramenta, que obriga o operador a trabalhar com o corpo dobrado, em posição tremendamente incômoda e cansativa, em que a cabeça se acha sempre voltada para o chão ao nível dos joelhos da pessôa. E o trabalhador do campo é à mulher, à qual está afeto o amanho da terra por secular tradição cultural. É incompreensível que, em mais de meio século de dominação e administração européia, alguem não tenha tentado incentivar pelo menos uma modificação no cabo da enxada dos pretos. São duas as atitudes em que a mulher é comumente vista nos lugares por onde passamos: no cultivo dos campos, completamente "dobrada" sôbre a enxada de cabo curto, ou transportando água em enormes cabaças e outras utilidades sôbre a cabeça.

Em um e outro caso carrega um filho: às costas, preso por meio de faixas, ou, engravidada, leva-o no ventre. O número de capinas é função da maior ou menor infestação de hervas daninhas que, por sua vez, é uma resultante de sombreamento mais ou menos intenso. Nas lavouras de fazendeiros hindus, onde as árvores obedecem alinhamentos e são regularmente sombreadas, a extinção do "mato" é praticada por meio de roçada, com um ferro semelhante ao nosso **"ferro de cortar capim"**, cuja lâmina é mais larga. A esta ferramenta os nativos dão o nome de "KIPANGA". As capinas têm lugar durante as chuvas "longas" e "curtas", cujos períodos situam-se no espaço que vae de março a novembro. Nos meses chuvosos a carpa é praticada uma vez por mês.

h) — **Adubações:** Não são praticadas pelas seguintes razões: elevadíssimo preço dos adubos, por causa do transporte; falta de gado para a produção de esterco; ignorância do nativo a respeito das vantagens dos fertilizantes e dificuldades quasi insuperáveis de catequizá-lo a esta prática útil e lucrativa.

i) — **Poda:** A poda do cafeeiro em Uganda se apoia nas seguintes razões: a) porque o cafeeiro deixado à vontade produz bem durante uma década, quando começa a decadência da sua produção; b) o cafeeiro não podado continua a crescer verticalmente, e ao fim de 10 a 15 anos, atinge alturas até de 6 metros, que dificultam a colheita, além da depredação a que a árvore fica sujeita durante essa operação.

c) o contínuo crescimento da haste principal prejudica o desenvolvimento dos ramos laterais, que são os produtivos: d) as árvores não podadas têm um período de frutificação mais ou menos indefinido e longo, que constitue fator favorável à proliferação dos insetos inimigos da cultura. São três os sistemas de poda praticados em Uganda: **haste simples** (SINGLE STEM SYSTEM); **hastes multiplas** (MULTIPLE STEM SYSTEM) e o **sistema de árvore.**

Sistema de haste simples: Êste método de poda, como o seu nome indica, consiste na eliminação da extremidade principal do cafeeiro, para forçar o desenvolvimento dos ramos laterais, que constituem a parte produtiva da planta. A operação do seccionamento é repetida três vezes, a começar no viveiro. No sentido de tornar mais compreensível pelos nativos, a aplicação do método, os técnicos do Departamento de Agricultura resumiram da seguinte forma as suas recomendações: 1.ª poda (ainda no viveiro) na altura do joelho; 2.ª poda, na altura da cintura; 3.ª poda, na altura da cabeça. Um homem de estatura normal serve de referência para essas medidas. A formação do cafeeiro por êste processo leva 3 a 4 anos. Entretanto, o critério para a aplicação do método baseia-se mais no tamanho que pròpriamente na idade da planta. EM C. ROBUSTA, como só há uma frutificação e emissão de ramos laterais no mesmo internódio, os cafeeiros podados pelo sistema de haste simples tendem a crescer verticalmente e, à medida que isso vai sucedendo, a haste se torna despida de ramos laterais em sua parte inferior: a ramificação da parte produtiva da planta vai se reduzindo a uma pequena copa, que encima a hasta, em forma de um guarda chuva. Entretanto, o método é mais ou menos vantajoso à forma erecta de C. CANEPHORA. Para C. ARÁBICA o sis-

tema de haste simples foi usado até por volta de 1920 e, daí em diante, foi sendo substituido pela poda de hastes múltiplas, por três razões principais: a) sob as condições de clima e altitude locais C. ARÁBICA, podado pelo sistema "single stem", necessita atenção constante para impedir que o cafeeiro se transforme em um emaranhado de ramos secundários; b) pelo sistema de haste simples, são mais frequentes os casos de "dieback, seguida de morte da planta; a moléstia se manifesta com maior intensidade nas altitudes superiores a 1.800 m, nas fraldas do Monte Elgon, onde a ocurrência frequente do mal lhe valeu o nome de "Elgon dieback"; c) a produção e a vida do cafeeiro são menores.

Sistema de hastes múltiplas: É o método de poda preferido em Uganda para qualquer das duas espécies cultivadas de cafeeiro. Como o nome indica, consiste o processo na formação de uma planta com mais de uma haste, frequentemente duas. A poda se faz seccionando o tronco da planta nova, ainda no viveiro, a 30 centímetros do chão, para provocar a emissão de dois ou mais brotos verticais. A substitúição da haste única por várias hastes verticais, representa um restabelecimento constante da parte produtiva da planta. O cafeeiro em Uganda especialmente C. ROBUSTA, não podado, tende a crescer, deixando nú o caule, pela morte dos ramos secundários, que frutificaram. A poda "agobiada", que é também denominada "Porto Rico", encontra alguns adeptos em Uganda e, em certas fases, se confunde com o método de hastes múltiplas.

Sistema de árvore: Êste velho processo nativo é mais um método de educação da planta, modificador da sua estrutura natural do que propriamente um sistema de poda. Aplica-se com vantagens à forma denominada UGANDA C. ROBUSTA. O sistema pode ser descrito resumidamente, como segue: a muda é levada para o lugar definitivo e, ao atingir 50 a 60 centímetros de altura, é vergada pela extremidade superior até tocar o solo, sôbre o qual é presa por meio de um gancho de madeira que se enterra no chão, à guisa de grampo. O grau de curvatura é mais ou menos determinado pela formação de um ângulo de 30.º entre a linha do chão e o tronco da muda. É condição indispensável que a haste do cafeeiro esteja lenhosa para que os brotos verticais emitidos estejam também em condições de ser cortados em tempo certo. A esta operação, que em tudo é igual ao da poda"agobiada", os ingleses, com propriedade, chamaram-na de "bent". A planta assim contida, por espaço de um ano, emite ramos verticais dos quais são conservados 3 ou 4, dos mais próximos ao chão, sem serem, porém do mesmo internódio. Algum tempo depois, logo que êsses ramos estejam também lenhosos serão, por sua vez, submetidos ao "bent" porém em diferentes direções. Sôbre êles aparecerão novos brotos com os quais se procede da mesma forma que com os da muda inicial, deixendo-se 3 a 4 hastes verticais. Esquemáticamente, o cafeeiro formado pelo "sistema de árvore" se apresenta com uma estrutura de ramos básicos irradiados, dos quais sobem 9, 12 ou 16 hastes verticais, que sustentarão a ramificação secundária ou produtiva da planta. O valor dêste sistema é evidenciado por numerosos cafeeiros ainda existentes no país. Um dos seus inconvenientes reside no fato da planta

crescer demasiadamente, transformando-se em verdadeira árvore, de colheita difícil. O processo tem sido desaconselhado pelos seguintes motivos: a) não se aplica à forma erecta de C. robusta cujos ramos se destacam do tronco principal quando se lhes tenta fazer o "bent"; b) a aplicação do método reclama muito espaço, especialmente quando se tem de vergar as hastes e prendê-las ao chão; c) a frutificação é mais tardia. Por outro lado há grande vantagem da regularização da produção e consequente longevidade da planta.

Na Estação Experimental de Cavanda, em um ensáio de poda o C. ARÁBICA, sombreado com "ÁRVORE DA CHUVA" (PITHECELLOBIUM SAMAN"), com cafeeiros plantados a 3,30 x 3,30 metros, 9 colheitas revelaram o seguinte resultado, em quilos de cereja, por canteiro:

SISTÊMA DE PODA	Kg. de cereja
Hastes simples	240
Hastes múltiplas	308
"Agobiada"	375

Na Estação Experimental de Bugusege, inspecionamos um ensáio de espaçamento e poda com **C. arábica,** sôbre o qual tomamos os seguintes apontamentos: o ensáio tem 18 anos e os blocos estão distribuidos ao acaso, ao sol e à sombra; o lote não podado, com cafeeiros plantados de 4,30 m x 1,30 m, foi o mais produtivo até a 12.ª safra; do décimo segundo ano em diante, o lote podado pelo sistêma de "hastes múltiplas", com cafeeiros plantados a 2,64m x 2,64m, avantajou-se na produção sôbre os demais tratamentos. A deformação dos cafeeiros, por causa do exagerado crescimento vertical, que reduz a ramificação secundária, dá à árvore o aspecto de um cupressus e as plantas assim deformadas atingem 5½ metros. A haste principal apresenta-se bifurcada a 2½ e 3 metros acima do chão. Estado sanitário bom, fôlhas bem verdes. Safra pendente estimada em 8 litros de café cereja por pé. Segundo informações do agrônomo Tremlett, que nos acompanhou, essa deformação de **C. arábica** não sombreado não é comum em toda a África Oriental Inglêsa, mas peculiar às zonas altas de Uganda.

j) — **Colheita:** De uma maneira geral vae de novembro a janeiro, considerando-se que na zona baixa **C. robusta** frutifica quasi o ano todo, dando uma colheita temporã. Esta é feita a dedo com escolha dos grãos maduros, que são recebidos em jacás, latas, etc...

k) — **Preparo do produto:** Já vimos que a séca do café robusta é feita sôbre o chão, em terreiros de terra, á beira da morada dos agricultores. O café é colhido em cereja. Não raro, durante a séca, sobrevem chuvisqueiros que ensopam o chão: o resultado é um café fermentado, da pior qualidade. Os maus atributos naturais do café robusta são agravados pelo gôsto e cheiro de terra e pela enorme quantidade de grãos pretos e ardidos. Verificamos que, enquanto isso ocorre na zona baixa, são dispensados especiais cuidados com **C. arábica,** na usina de Bululu.

1) **Benefício:** Enquanto o café robusta é beneficiado no país,

como na "Uganda Coffee Mills Company Ltd", de Campala, C. ARÁBICA é remetido em pergaminho para uma beneficiadora central em Nairobi, onde é descascado e exportado em forma de "blends".

2 5 3 7 — INIMIGOS DA CULTURA

Dentre os inimigos do cafeeiro em Uganda, três são de excepcional significação econômica, por isso que antes de descrevê-los, desejamos destacá-los, consignando assim uma advertência àqueles que têm a responsabilidade do policiamento sanitário vegetal do Brasil, especialmente os que se encontram no Estado de S. Paulo e Paraná. Cada um desses inimigos do cafeeiro terá a sua descrição encabeçando a respectiva classe. São êles: ANTESTIA LINEATICOLLIS, inseto sugador dos frutos e ramos; HEMILEIA VASTATRIX, fungo das fôlhas; DIGITARIA ESCALARUM, terrível herva daninha.

a) — **Insetos:**

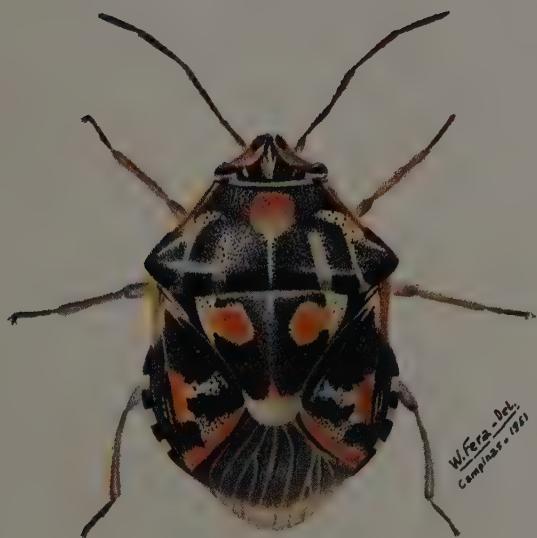
Antestia: Com êste nome o inseto ANTESTIA LINEATICOLLIS é conhecido no centro da África. Os inglêses o chamam **"Percevejo variegado do café"** (VARIEGATED COFFEE BUG). Adotando uma ex-pressão corrente nos meios policiais, diremos que o ANTESTIA é o "inimigo número um" do cafeeiro no Continente Negro. É a praga mais temida por qualquer cafeicultor, especialmente pelos alienígenas. Dizima lavouras e desanima lavradores. Não poucas regiões cessaram de produzir café por causa do ANTESTIA. Sugador, como todo hemíptero, êste inseto causa sérios danos ao cafeeiro: sugando os frutos verdes, esvasia-lhes as lojas e provoca a sua queda; nas cerejas verdoengas o efeito de sucção não é de maior monta, mas acontece que o inseto inocula um fungo, NEMATOSPORA, que produz uma mancha escura, de bordo reentrante na periferia do grão de café, depreciando-o e transformando-o em um defeito para a formação dos tipos comerciais, além de alterar a bebida do café; finalmente suga a extremidade dos ramos matando-lhes a parte apical e, como reação, a planta emite um feixe de brotos em cada extremidade afetada que fica semelhante à uma vassoura e empresta ao cafeeiro aspecto de superbrotamento. Os tufos de brotos que assim sobrevêm, além de serem compostos de ramos improdutivos, alteram a estrutura natural da planta, que requer poda eficiente para retornar à forma primitiva. Em meio aos ramos tenros dos tufos, os insetos ainda novos encontram abrigo e alimento para terminação do seu ciclo. As fêmeas depositam os ovos em colonias de 12 unidades, sôbre as cerejas ou sôbre fôlhas, e, ao cabo de 12 dias, êsses ovos entram em eclosão e daí a três meses, após passar pela metamorfose comum, o inseto estará adulto. A praga se multiplica, de preferência, nas formas selvagens das rubiáceas da flora ugandense. O combate do ANTESTIA é particularmente difícil, tendo em vista que, como sugador, furta-se à ação dos sais de arsênico e dos compostos de nicotina, quando aplicados em forma de pulverizações as lavouras indígenas se encontram consociadas com bananeiras, em grande desordem, fato que dificulta, sobretudo, um eventual polvilhamento ou pulverização de qualquer inseticida; finalmente, o fato de convencer o nativo, que é o

Antestia lineaticollis, Stal

Figura 7

grande produtor de café da África, da conveniência do combate à praga, representa ingente tarefa de resultados duvidosos. Para se avaliar as dificuldades no combate basta mencionar que o único método que logrou resultados efetivos, na África Oriental Inglesa, foi a catação do inseto à mão. E o processo, mesmo naquele continente, com mão de obra a salário de fome, provou impossibilidade material e econômica de realização. Em Tanganica o uso de "iscas" arsênicas deu resultados, porém em Uganda e Quênia, mostrou-se ineficaz, porque os cafeeiros permanecem com frutos por boa parte do ano. E, a praga, enquanto encontrar cerejas e frutos verdes, os prefere às iscas venenosas.

Estas são pequenas bolotas de arseniato de sódio e açúcar de cana. Vimos a praga atacando cafeeiros em Uganda, Quênia, Tanganica e, sobretudo na Província de Quivu, no Congo Belga. O ANTESTIA em Uganda não constitue praga econômica de C. ROBUSTA, mas é o flagelo de C. ARÁBICA. O aparecimento da praga no país é mais ou menos recente, data de 1915. O bicho pode ser encontrado sôbre cafeeiro robusta, excepcionalmente, quando os cafeeiros desta espécie acham-se ao lado de plantas de C. ARÁBICA, Ainda, em Uganda, ocorre outro hemíptero, o ANTESTIA FACETA, que é encontrado atacando os cafeeiros no oriente do país, inclusive no Buguicho.

Lygus (LYGUS COFFEE CHINA) ou "CAPSIDAE" como vulgarmente o chamam, é, na ordem dos insetos danosos ao cafeeiro, o que ocupa o segundo lugar em importância econômica. É um hemíptero e, portanto, um sugador. Ataca os botões florais, perfurando-os com a sua tromba até atingir os estames e os suga e inocula um fungo que provoca o apodrecimento dêsses órgãos da flor. Não obstante, esta se abre, e a coloração pardacenta do estame denuncia o ataque do inseto. A infecção fungosa contamina a base da corola e se propaga á sua extremidade interessando a corola toda, cujas peças se enrugam, se destacam do cálice e permanecem sôbre os estames, numa posição característica, como si fôra um capuz preto. Contudo, o estilo não se contamina pelo fungo, continua a crescer, mas tem a sua abertura vedada à entrada de pólem de outras flores pelo capuz de pétalas mortas. Como é óbvio, não há fecundação das flores cujos botões foram atacados, nem com pólem de outras flores, por causa da obturação do estilo. Os estragos são maiores nos anos em que as chuvas tardam por ocasião da florada e as árvores permanecem com os botões fechados por muito tempo. Uma seqüência de floradas ao em vez de uma só, é também fator de maiores prejuizos porque constitue meio para evolução do inseto. O combate ao LYGUS foi tentado em Uganda, por meio de pulverizações com uma solução de nicotina e parafina. No país, considera-se intenso o ataque e recomendável o combate quando são encontrados, em média, cinco insetos por árvore. Esta praga ataca, indistintamente, C. ARÁBICA e C. ROBUSTA.

Broca do café (HYPOTHENEMUS HAMPEI). Esta praga, embora de menor importância que o ANTESTIA, causa em Uganda, muito maiores prejuizos ao café que no Brasil, por causa do sombreamento. Parece-nos oportuno reproduzir a esse respeito a opinião de A.P.G. Michelmore entomologista da Estação Experimental de Cavanda; Em Ugan-

da, disse-nos êle, estabeleceu-se um apreciável equilíbrio biológico entre a broca e os seus inimigos naturais e, como consequência, a porcentagem de grãos danificados tornou-se reduzida. Entretanto, tôda a vez que o café for sombreado o equilíbrio se rompe em favor da broca. Os ataques da praga serão tanto mais intensos quanto mais denso for o sombreamento. Enquanto o ANTESTIA é o flagelo de C. ARÁBICA a **broca** é o grande inimigo do C. ROBUSTA. A altitude influe poderosamente na biologia dêste inseto, sendo-lhe extremamente favoráveis os níveis inferiores a 1.600 metros acima do mar. É por essa razão que naquele país C. ARÁBICA escapa à ação devastadora da **broca.** Nos dispensamos de comentar os hábitos desta praga por serem bastante conhecidos nossos. Enquanto o antestia vive bem nas altitudes ao redor de 1.500 m, a broca encontra ambiente ótimo a 1.200 m, nas lavouras sombreadas da planície ugandense.

Leaf-eating caterpillar: Sob esta designação geral os inglêses englobam três espécies de lepidópteros, cujas larvas atacam C. ARÁBICA e C. ROBUSTA. Como o nome indica, êstes insetos depredam os cafeeiros atacando sobretudo as fôlhas. Cada um dêstes "curuqueres do cafeeiro" tem preferência acentuada por certa parte da planta: a METADREPANA MARANTICA come as fôlhas deixando-lhe à mostra as nervuras; a METADREPANA DERSOI, ataca os frutos ainda verdes, comendo-lhe a casca e até os grãos; a CEPHONODES HYLAS corta o pedúnculo dos frutos verdes, derrubando-os. As borboletas adultas aparecem, mais ou menos o ano todo, atacando com maior ou menor intensidade, nesta ou naquela zona.

Queda do café verde: Há muitos anos em que o chão se forra de café verde por volta dos meses de junho e julho, diminuindo consideràvelmente as safras. Segundo o entomologista de Cavanda, o fenômeno é motivado pela ação simultânea da broca, das lagartas e de causas fisiológicas consequentes. Disse-nos êle que experimentou uma série de medidas de combate à broca, com DDT e outros inseticidas porém, sem resultado, pelas seguintes razões: insidência da broca o ano todo por causa da frutificação temporã de C. ROBUSTA; impossibilidade de aplicação de medidas profiláticas porque o nativo não se convence das suas vantagens; dificuldades que o sombreamento acarreta aos polvilhamentos ou pulverizações.

b) — **Hervas más**

Lumbugu: É o nome que os nativos dão à Digitaria (DIGITARIA SCALARUM). É uma gramínea rizomatosa, de extinção impossível pelos métodos usuais em Uganda, onde a coluna pluviométrica permite uma agricultura normal. Não é, por isso, uma praga só dos cafèzais. Nem mesmo com a mão de obra fácil daquelas paragens foi possível vencer a herva daninha. A digitária e o antestia foram duas pragas que eliminaram C. ARÁBICA das terras menos elevadas do país. É de tal relevância econômica o prejuízo causado pela gramínea que na Estação Experimental de Cavanda há varios ensáios visando, unicamente encontrar um método para a sua extinção. Um dos ensáios consiste em tentativas de abafamento da praga em cafèzais pela LEUCENA GLAUCA. São comuns casos de abandono de terrenos pelos

nativos, por causa da LUMBUGU e que, posteriormente, foram invadidos pelo capim elefante sob cuja vegetação permaneceram por 20 e 30 anos. Retirado o elefante, para tentativas de novas culturas, a DIGITARIA voltou com o mesmo ímpeto anterior, desalentando novamente o agricultor. Possivèlmente, só com o aperfeiçoamento dos herbicidas é que a praga será extinta.

"Nanda": É a trapoeraba da África. Há três dessas COMMELIANACEAE: COMMELIANA BENGHALENSIS, COMMELIANA NUDIFLORA e COMMELIANA AFRICANA. As duas primeiras têm flores azues e a última as tem amarelas. Tanto nas montanhas como na planície ugandense, onde a coluna d'água não é inferior a 1.200mm, não logramos ver terrenos agricultados sem que a trapoeraba não estivesse presente. Nos cafèzais é praga que recobre todo o chão com intensidade tanto maior quanto mais sombreada for a lavoura. E os seus danos são aqueles que tão bem conhecem os cafeicultores paulistas da terra roxa, onde, nas baixadas, muitas vezes a nossa trapoeraba (COMMELIANA DEFICIENS) é o espantalho dos colonos.

Imperata (IMPERATA CYLINDRICA) é o sapé africano. Muito semelhante ao nosso (IMPERATA BRASILIENSIS). Apresenta-se como vegetação invasora das terras cultivadas em que o fogo anual as exauriu de matéria orgânica. Em tôda a bacia do Lago Vitória, por onde andamos, o sapé se apresentava como densa cobertura vegetal dos terrenos abandonados ou em descanso e também na forma esparsa, de permeio às culturas.

Diversos: Por tôda a parte, nas lavouras cafeeiras, constatamos a existência de "matos" muito semelhantes aos nossos, como o picão branco, carurú, herva tostão, pé de galinha, grama seda, rubi e trevo. Quanto a esta última dizem os inglêses que foi introduzida da América do Sul.

c) Moléstias

Moléstias das fôlhas: (HEMILEIA VASTATRIX) É o fator oponente à cultura de C. ARÁBICA em altitudes menores que 1.800 metros. Entretanto, C. ROBUSTA, é, via de regra, resistente ao fungo. No Monte Elgon, a HEMILÉIA aparece associada à miséria orgânica das plantas. Observamos que, em lavouras sombreadas, a incidência da moléstia era sempre menor que nas lavouras a pleno sol. Mesmo em cafèzais sombreados, as plantas de beiradas apresentavam-se atacadas pela moléstia,infestação que diminuia de intensidade à medida que se caminhava para a sombra, no interior dos talhões. Nas lavouras atravessadas por estradas, os cafeeiros à beira dos barrancos mostravam-se bem atacados pela moléstia e, em muitos casos amarelados, tudo indicando a presênça da moléstia em plantas depauperadas pela pobreza do terreno. O efeito da sombra na sanidade do cafeeiro, como se conclue, é indireto. As plantas do interior dos talhões apresentavam-se mais sadias porque estavam se beneficiando de solo enriquecido pela matéria orgânica, proveniente das fôlhas das árvores de sombra caídas sôbre o chão, e da simultânea proteção contra a erosão, enquanto que os cafeeiros das beiradas e barrancos se achavam em lugares ex-

postos, erodidos, e pobres de húmus. Verificamos que pequenas lavouras de nativos, estabelecidas em ladeiras erodidas, estavam bem atacadas pelo fungo, enquanto que as de terreno melhor conformado e bem sombreado com bananeiras, se apresentavam livres da moléstia e com regular carga de frutos. Assim, como a exposição do cafèzal à insolação plena é fator indireto de propagação da moléstia, também o praguejamento dêste, pela DIGITARIA, depaupera os cafeeiros pela concurrência que lhes move, tornando-os sucetíveis ao ataque do fungo. Outro fator de deperecimento da árvore, é o antigo sistema de poda de uma só haste "single stem" que predispõe o cafeeiro à irregularidade da produção, enfraquecendo as plantas, em certos anos, por excesso de carga e predispondo-o à contaminação pelo fungo. Hoje, por causa da HEMILEIA e do ANTESTIA, o sistema de poda vai sendo modificado para o de hastes múltiplas "multiple stem". Como se verifica nas condições ambientes do centro da África, onde a terra se empobrece com a mesma facilidade que as pragas proliferam, os métodos agrícolas têm que se amoldar aos inimigos das culturas, porque o combate direto aos mesmos é materialmente impossível, ora por falta de braços, ora por serem anti-econômicos.

Corky pulp disease: É moléstia cujo agente não se acha identificado. Aparece associada à broca do café, atacando os frutos de C. ROBUSTA. Manifesta-se nos bordos do orifício de entrada da broca, de onde se propaga até atingir o grão, inutilizando-o totalmente. Êste mal só é conhecido em Uganda e concorre para a "queda do café verde" a que nos referimos.

2.5.3.8. — CUSTO DE PRODUÇÃO E VALOR DA EXPORTAÇÃO DO CAFÉ NO ANO DE 1948

a) Custo de Produção do Café arábica:

Os dados mais recentes que obtivemos são os de 1948 e referem-se ao custo de produção na base do salário de 1 "shilling" diário correspondendo a Cr$ 2,60 (valor do shilling ao câmbio de Cr$ 52,00 por esterlino) inclusive as rações que os patrões são obrigados a fornecer. Reza a fonte onde os obtivemos — "East African Agriculture" Londres, 1950 — que os preços são aproximados e representam a média do ano acima citado, para fazendas e não pequenas culturas indígenas da África Oriental Inglesa.

Custeio de Trabalhos Culturais	**Preço** Cr$	**Preço total** Cr$
Cultivos	5,80	
Capinas	9,96	
Sombreamento, replanta e derramagem	0,63	
Poda	5,71	
Replantação de cafeeiros	2,71	
Adubações	10,08	
Combate às pragas	22,15	
Fiscalização dos serviços	4,43	61,47

Custeio da Colheita

Colheita	13,60	
Transporte	0,93	14,53

Custeio do Despolpamento e Séca

Despolpamento e séca		
Ensaque	0,45	
Conservação de máquinas	0,48	4,13

Custeio de Diversos

Administração	3,41	
Energia elétrica e água	2,80	
Conservação de casa, pontes e caminhos	1,26	
Assistência social	3,80	
Veículos	5,41	
Aliciamento de pessoal	17,58	
Superintendência	24,39	
Despesas gerais	25,80	84,45
	Soma	164,58

O custo de produção acima discriminado refere-se a 1 "Cwt" de parchment coffee", ou seja a 50 quilos e 800 gramas de "café em "pergaminho", posto na fazenda.

Como se pode verificar, as despesas do benefício não estão consignadas no custo, porque o café arábica na África Oriental Inglesa é todo beneficiado em usinas localizadas em Nairobi, capital de Quênia e Mochi, cidade ao pé do Quelimanjaro, em Tanganica.

Sabemos, por experiências do nosso Instituto Agronômico, que cada quilo de "café em pergaminho", rende 820 gramas de café limpo. A diferença é pois de 180 gramas ou 18% do pêso que corresponde ao pergaminho. Aplicada essa taxa porcentual encontraremos para cada "Cwt", com 50,800 de café casquinha, 9,144 gr. de pergaminho e consequentemente 41,656 gr. de café limpo. Assim, o custo da produção, de Cr$ 164,58, refere-se aos 41 quilos e 656 gramas de café limpo. Dividindo-se o preço de custo pelo pêso, teremos Cr$ 3,96 que correspondem ao preço do quilo de café arábica beneficiado. Tomando por base êsse preço unitário, o saco de 60 quilos, que é a nossa unidade de produção e comércio, custaria ao produtor de Uganda, posto na fazenda Cr$ 237,60.

b) **Custo da Produção do Café Robusta**

Cùsteio de Trabalhos Culturais	Preço Cr$	Preço total Cr$
Capinas	27,53	
Sombreamento, replanta e derramagem	0,48	
Poda	2,81	
Replanta de cafeeiros	0,30	
Adubação	5,97	
Combate as pragas	0,72	
Fiscalização dos serviços	1,47	39,28
Custeio da Colheita		
Colheita	14,57	
Transporte	0,63	15,22
Custeio de Benefício		
Benefício	4,10	
Catação	9,42	
Fôrça motriz	3,89	
Conservação máquinas	5,22	22,63
Custeio de Diversos		
Administração	1,44	
Conservação de casas, pontes e caminhos	4,44	
Assistência social	3,48	
Veículos	8,34	
Aliciamento pessoal	0,45	
Gerência	7,90	
Despesas gerais	11,19	37,24
	Soma	114,39

O custo da produção acima refere-se a 1 "Cwt", 50 quilos e 800 gramas, de café robusta beneficiado. O preço do quilo de café robusta limpo é de Cr$ 2,25. Tomando-se por base êsse preço unitário para éssa especie de café, o saco de 60 quilos custará Cr$ 135,00.

c) **Valor da Exportação do Café de Uganda em 1948**

O valor da exportação por países de destino foi o seguinte, segundo o "East African Economic and Statistical Bulletin nº 7, March, 1950".

Países de Destino	Milhares de Cruzeiros
Inglaterra	39.468
União Sul Africana	37.024
Sudão Anglo Egípcio	2.028
Outros países	90.342
Total da exportação	168.844

Nota:— A exportação para Quênia acha-se entre "outros países".

d) **Posição do Café na Exportação de 1948**

A relação a seguir mostra o valor dos principais produtos de Uganda exportados, em 1948, e põe em destaque a posição do café, segundo a mesma fonte de elementos da relação anterior.

Produtos	Milhares de Cruzeiros	Porcentos
Algodão	387.816	45%
Café	**168.844**	**19%**
Cigarros	110.292	13%
Açúcar	59.852	7%
Peles e couros	27.612	3%
Chá	12.636	1%
Diversos	100.766	12%

Segundo o mesmo boletim de estatística, a exportação de café de Uganda em volume e valor em 1949 foi a seguinte:

Sacos de 60 quilos de café beneficiado	404.706
Valor em cruzeiros	150.326.800,00

Êsses números permitem verificar que o valor do saco de café de 60 quilos remetido para o exterior foi de Cr$ 371,40. Vale, entretanto, dizer que êste preço não era o vigorante no mercado internacional. Êsse baixo preço de exportação decorre do contrato que o govêrno inglês firmou com as organizações produtoras da África. No caso do café, o contrato tinha um vigência de 5 anos. Quando os preços foram estabelecidos, o produto estava em baixa. Nessas condições, a Grã Bratanha foi a grande beneficiada, pois, de acôrdo com o referido contrato tôda a produção era sua, e uma vez supridas as necessidades metropolitanas, estava em condições de aparecer no mercado internacional como ponderável concorrente detentora de mercadoria adquirida por preços muito inferiores aos do comércio mundial. Assim como o café, tôdo o comércio da produção agrícola africana é dirigido por escritórios de contrôle, conferindo as metrópoles européias as prerrogativas de grandes negociantes internacionais. O fato representa grande perigo para nós, porque não possuimos um organismo disciplinador de preços, estoque e escoamento do nosso principal produto. A própria Colômbia, sem ser uma colônia, têm a sua "Federacion Nacional de Cafeteros". E o Brasil, como o maior produtor, se apresenta indefeso e à mercê dos grandes consórcios governamentais do café, que poderão manobrar o mercado, com os estoques que possuem, fazendo baixar o preço para compra de nossas disponibilidades e depois elevando-o para revenda aos EE.UU., etc. Outro perigo que corremos, sem um organismo disciplinador da nossa produção cafeeira, reside na tradição de ser Santos o termômetro mundial dos preços do café, mas, justamente por ser a maior praça cafeeira, tem sido sempre a última procurada para o supri-

mento norte-americano. Costumam os nossos visinhos do norte catar tudo que é café existente no mundo depois do que se dirigem a Santos para completar os seus estoques. Diante de tais condições, e da posição de grandes negociantes, com que os govêrnos europeus, detentores de Colônias na África, apareceram depois da última guerra, seria enfadonho ensistir sôbre a falta que nos faz uma instituição diretora da nossa política cafeeira. É claro que não estamos advogando a volta do famigerado D.N.C. que só pode ter deixado saudades a meia dúzia de aproveitadores, mas nenhuma aos lavradores, especialmente aos de São Paulo.

2.5.3.9 — IMPRESSÕES GERAIS DE UGANDA

a) **Administração Inglesa:** Eficiente, disciplinadora e democrática à moda anglo-saxã. Apreciável número de escolas elementares, porém separadas: para filhos de ingleses, para filhos de hindus e, finalmente, para filhos de natívos. Também as prisões obedecem o mesmo critério discriminatório. Nenhum sinal de mestiçagem inter-racial. Essa forma de administração, com base na separação de raças, fará surgir os problemas resultantes do preconceito oficializado, possìvelmente, em futuro não muito remoto. Contudo, os pretos parecem sentir-se à vontade, nada humildes e, bom número, já com ares de cidadãos, porém não da Comunidade Britânica.

b) **Centros Urbanos:** Campala, Entebe e Jinja são autênticas cidades jardins, edificadas à beira do Lago Vitória, com aquêle gôsto discreto do inglês, que as tornam extremamente belas. Entebe, sobretudo, é uma obra prima de arquitetura paizagista. Além destas três principais e modernas cidades, todas as vilas e sédes das administrações são também ajardinadas, muito aprazíveis, com seus extensos gramados e belas árvores, muito bem dispostas sôbre a paisagem, proporcionando lindas linhas de vista.

c) **Hoteis:** Todo o país está magnificamente dotado de hoteis para brancos, com diárias acessíveis. Onde o tamanho da "town" não comporta um hotel, o govêrno mantem um confortável "rest house".

d) **Vias de Comunicação: Rodovias** muito bem traçadas, cuidadosamente macadamizadas e com um serviço de conservação intenso. Há cêrca de 100 quilômetros asfaltados. Chama a atenção o capricho com que são vegetadas as beiradas das estradas, e o número de pretos que se ocupam em aparar a grama. **Serviços Aéreos** Uganda está em comunicação com Quênia e Tanganica, por meio das linhas da "East African Airways" que põe o país em ligação rápida com todo o mundo. Além das linhas dessa companhia a B.O.A.C. (British Overseas Airways Corporation) mantém o Protetorado em comunicação direta com a Inglaterra e África do Sul, por meio da linha internacional Southampton-Johannesburg, cujos quadrimotores se reabastecem em Campala. As viagens entre cidades são feitas com aparelhos DC3, para o que o país está aparelhado com modestos mas eficientes aeroportos em Toro, Soroti, Moroto, Massindi, Lira, Gulo, Arna e Barara — **Ferrovias** há uma estrada de ferro ligando a capital do país ao porto de Mombassa, na costa de Quênia e diversos trechos ferroviários ligando vários lagos.

Os dormentes das linhas são invariàvelmente de ferro, importados da Inglaterra. O emprêgo do ferro é, ao que dizem, devido aos cupins, possìvelmente a causa e a falta de madeira. **Fluviais.** Há tráfego nos lagos por meio de vapores, dos quais o principal é o do Lago Alberto.

e) **Comércio:** O comércio todo do país, tanto importador como exportador, atacadista ou varegista, por onde quer que se vá, está nas mãos dos hindus. Só logramos verificar uma exceção: o comércio distribuidor de calçados que é feito diretamente pelas lojas Bata.

f) **Status Social:** Embora beneficiando-se do automóvel, da bicicleta, da estrada de ferro, estradas de rodagem e possuindo o seu país boa rêde de comunicações aéreas, vive tribalisado o africano de Uganda, pagando tributo ao chefe de sua clan. Mesmo os nativos que residem na cidade, operários, chauferes de praça, garçons de hotel, domésticos, não estão desligados da tribo. Êste é um dos muitíssimos contrastes de que a África é tão cheia.

g) **Água:** Em muitas regiões, em certas épocas do ano, o precioso líquido passa a ser uma interrogação. O lençol friático é muito profundo. Não vimos cisternas, mas sempre deparamos com filas de mulheres baldeando água em grandes porungas sôbre a cabeça. Soubemos que, em muitos casos, ela é assim transportada para usos domésticos, até de 15 quilômetros de distância.

h) **Materiais de Construção:** A África nos pareceu pobre em argilas figulinas. Não vimos uma cerâmica, quer para fabrico de tijolos, telhas ou outras utilidades. Póde bem ser que a ausência de olarias seja também determinada pela falta de lenha. As casas dos brancos em Uganda são edificadas com blocos de uma rocha silicosa, cinzenta, mais ou menos mole, a que os operários dão a forma de um paralelepipedo. Neste particular observa-se gritante ineficiência da ferramenta: é uma cantaria de facão, pois, por todo o centro da África vimos os operários no penoso, lento e irracional trabalho de cortar pedra com uma faca, em tudo igual aos nossos facões de mato, de uns 40 centímetros de comprimento. A cobertura das casas dos europeus é de fôlha de zinco ou de colmos de capim elefante. Êste tipo de cobertura é muito pitoresco e funciona como isolante do calôr. Recentemente, estão construindo e cobrindo casas com fôlhas de alumínio corrugado e polido. Esta última condição concorre para que a luz seja refletida e o calôr não absorvido. Estivemos em algumas delas e pudemos sentir como a temperatura ali era agradável. A cobertura com êsse material, possìvelmente será uma solução para nossas instalações rurais. As cubatas dos nativos são edificadas com terra de subsolo e colmos de capim elefante, que suprem a falta de madeira e da taquara, de que tanto se vale o nosso caboclo. A estrutura da casa, é tôda amarrada com tiras de casca de bananeira porque não existe o nosso brasileiríssimo cipó.

i) **Saúvas:** Não as vimos em Uganda como, de resto, nos sítios que visitamos. Porém, o cupim e, principalmente o de galeria, é o flagelo de tudo que for construido ou fabricado com madeira. Não raro rui uma casa. Vimos na Nigéria um grande laboratório do Departamento da Agricultura, que havia pouco tempo ruira, em consequência do ataque do cupim ao madeiramento.

j) **Problemas em equação:** O grande problema de Uganda é o cresci-

mento da população e o da impossibilidade material de alimentar o povo, daqui a 30 ou 40 anos.

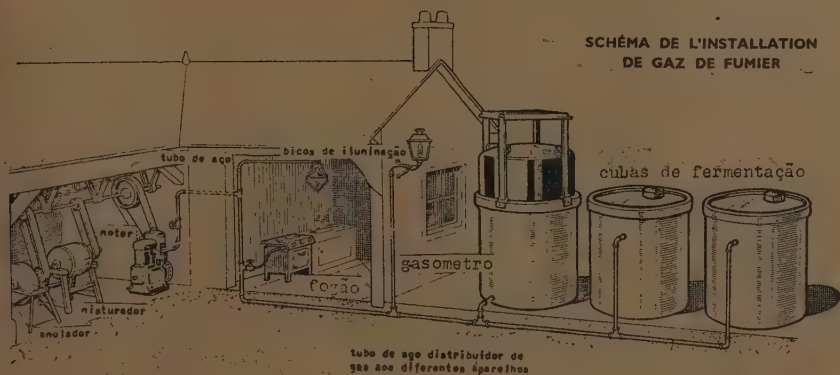
k) **Possibilidades de concorrência ao Brasil:** A rigor não se pode dizer que em Uganda não haja mais terras para café. Tôda a elevação que constitue o Monte Elgon e as outras do ocidente, bem como à beira do Lago Vitória, prestam-se para qualquer das duas espécies de rubiácea cultivadas no país. Acontece porém, que, como explicamos em capítulo anterior, essas terras estão ocupadas pela agricultura de produtos alimentícios. Como o abastecimento à população do pais, sempre em crescimento, é a grande incógnita de Uganda, pensamos que o Protetorado não irá, com sua produção de café, muito além da que atualmente a estatística de exportação vem acusando, embora haja denunciado pequenos aumentos. Acreditamos que, para o futuro, a produção cafeeira tenda a cair, porque o cafeeiro terá que ceder seu lugar às culturas cujos produtos compõem a dieta do nativo.

(Continúa)

O PRECEITO DO DIA

FALTA DAGUA NO ORGANISMO

A água é absolutamente indispensável ao organismo. A sêde, sinal de que o organismo sente falta dêsse líquido, deve ser saciada, exatamente como acontece com o sono e a fome.

Beba água sempre que tiver sêde. Evitará, assim, as consequências desagradáveis de sua falta no organismo. — SNES.

(Clichês referentes a um artigo do Sr. Sigmar Kaufmann, transcrito em nosso Boletim anterior, página 1033).

NOTA: — No artigo do sr. André Toselo: ENSÁIOS SÔBRE A COLHEITA DO CAFÉ — III, publicado no Boletim n.º 296, na página 827, **onde se lê:**

ABANAÇÃO: — Os mesmos cinco operários abanaram o café derriçado e rastelado proveniente das 100 plantas no seguinte tempo: início às 11 horas e 30 minutos e término às 11 horas e 52 minutos, o que corresponde a um tempo total útil de 22 minutos ou 110 minutos para um operário.

Nestas condições caberia a cada operário abanar

$$\frac{100 \times 69 \times 10}{110} = 545 \text{ pés por dia de 10 horas.}$$

Leia-se:

ABANAÇÃO: — Os mesmos 5 operários do ensáio B abanaram o café derriçado destas 100 plantas em 11 minutos, ou sejam o correspondente a 55 minutos para um operário. Nestas condições caberia a cada operário abanar

$$\frac{100 \times 60 \times 10}{55} = 1090 \text{ pés por dia de 10 horas.}$$

E na página 828, **onde se lê:**

Nestas condições caberia a cada operário derriçar

$$\frac{100 \times 60 \times 10}{1100} = 1090 \text{ pés por dia de 10 horas,}$$

Leia-se:

Nestas condições caberia a cada operário derriçar

$$\frac{100 \times 60 \times 10}{1100} = 54 \text{ pés por dia de 10 horas.}$$

Resumos e Transcrições

Uma interessante experiência de Serviço Social Rural

A Cooperativa de Assistência Social, de Pindorama

Agora, que se procura crear no país o Serviço Social Rural, julgamos interessante localizar nestas colunas o que se vem fazendo, com êsse objetivo em Pindorama, na Estação Experimental do Instituto Agronômico, sob a direção do agrônomo João Aloisi Sobrinho. O problema da assistência ao trabalhador rural nem sempre tem sido estudado nos seus justos termos. Aqui, tivemos, já, ocasião de examiná-lo, sob o título "A Lei Agrária, assunto de grande responsabilidade".

Transcrevendo, agora, esta reportagem, julgamos contribuir para melhor conhecimento da questão, que foi colocada, em Pindorama, sob o ângulo em que deve ser considerada.

O grande mérito da interessante experiência de organização de uma comunidade rural, que se processa na Estação Experimental de Pindorama, neste Estado, subordinada ao Instituto Agronômico, reside, a nosso ver, na tendência de dar aos próprios trabalhadores, na medida em que se esclarecem, a responsabilidade intelectual e material pela solução dos seus problemas individuais, familiares e coletivos. Embora ainda exista ali o regime de tutela e o sistema engendrado tenha surgido da deliberação pessoal e da capacidade de ação do atual diretor daquele próprio da Secretaria da Agricultura — observa-se uma crescente liberação dos empregados, e a própria natureza do orgão que se criou (uma especie de cooperativa rural) possibilita, cada vez mais, que se registre um movimento de melhoria, fruto mais do esforço próprio que de uma dádiva alheia. Vários fatores contribuiram para essa tendência, além da vontade própria do diretor da Estação de não exercer uma atividade paternal, mas apenas estimulante. Entre eles, poderemos destacar a facilidade de contacto com o meio urbano, muito próximo; a entrosagem entre funcionários mais qualificados e trabalhadores comuns; intensa alfabetização; certa qualificação do trabalho cotidiano, decorrente da constante experiência; salários acima da média da zona (Cr$ 50,00 diários); processos educativos decorrentes da própria organização associativa, com ambulatório no local, clube, biblioteca, cinema, campo de futebol, etc. O sistema assistencial, pelo seu exercício, contribui para o esclarecimento e a autoconfiança dos trabalhadores, donde o seu maior empenho em assumir responsabilidades.

LINHAS GERAIS DA ORGANIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA MUTUA

A organização incumbida da assistência social na Estacão Experimental de Pindorama denomina-se Cooperativa de Assistência Social. É uma entidade "sui-generis", de fundo nitidamente cooperativista, com objetivos assistenciais, educacionais e de previdência. Cada associado

contribui com uma determinada importância mensal (contribuição ordinária), acrescida de um adicional por pessoa da família incorporada à organização. Essa contribuição básica se destina a custear a assistência medica, considerada a mais importante. Em 1950, a receita foi de Cr$ 13.258,50, fora contribuições especiais para parto e hospital. Os sócios contribuem à parte para o clube de fins recreativos, esportivos e educacionais. A arrecadação direta aos associados atingiu em 1950 o valor de Cr$ 22.496,20. Outras rendas da cooperativa; festas do clube, renda do cinematógrafo, venda de medicamentos, rifas, doações, etc.. A receita total em 1950 atingiu Cr$ 36.967,20, o que significa que mais de 60% da renda se originaram de contribuições diretas dos associados, que naturalmente ainda contribuiram para outras receitas, como a do clube, dos medicamentos e do cinema. O número de associados em 1950 era de 384, dos quais 91 residiam fora da Estação: a cooperativa alarga assim o seu ambito, tendendo a ser uma organização de bairro.

COMO SE EXERCE ASSISTÊNCIA MÉDICA

A assistência médica prestada pela cooperativa compreende a parte de urgência e a de rotina. Para atender a esta, existe um pequeno ambulatório, onde trabalho um enfermeiro, que faz curativos, aplica injeções, distribui remédios a preços módicos ou gratuitamente (a cooperativa recebe grande quantidade de amostras, do que faz uma pequena fonte de renda). O enfermeiro também faz visitas domiciliares para assistir enfermos que não podem locomover-se. O médico, que reside na cidade, dá consultas periódicas no ambulatório e, a qualquer momento, no seu consultório próprio. Em 1950, foram efetuadas 350 consultas. Para a parte de urgencia, a Cooperativa proporciona a visita do seu médico, que em 1950 atendeu a 154 chamados diurnos e ainda fez 19 visitas noturnas. A pequena cirurgia é efetuada por conta da cooperativa e nas grandes intervenções ela contribui com 30%. Serviço gratuitos prestados pela Cooperativa: vacinação, inclusive de B.C.G. e contra tifo e difteria, banhos ultra-violeta, exames de laboratorio (feitos pelo Posto de Saúde de Catanduva), radiografias pulmonares (abreugrafia), etc. Serviços de radiologia são auxiliadas pela Cooperativa com 30%. No combate às verminoses, a assistência é gratuita, mas o remédio é vendido. A aplicação de penicilina também é gratuita, mas o produto, fornecido pelo interessado. Para ter-se uma idéia do movimento do ambulatório, informamos que em 1950 foram atendidos 1.615 homens, 1.996 mulheres e 1.445 crianças, sendo que só o total de injeções e curativos atingiu 5.114. Organiza-se também um serviço de assistência dentária.

REDUÇÃO DE DOENÇAS ENDÊMICAS

Uma das preocupações dos dirigentes da Estação Experimental e da Cooperativa de Assistência Social é ensinar pela cura. O combate à verminose conseguiu diminuir a incidência de 98% em 1946 para 8,3% em 1950. O tracoma, que acusava 80% de ataque, foi reduzido a pràticamente zero em 1950. Os casos verificados ultimamente resul-

tam mais da entrada de novos trabalhadores na fazenda. A assistência aos partos eliminou os casos de tétano umbilicais ou infecção de recem-nascidos. Por sua vez a assistência à gestante extingiu casos de infecção ou complicações post-parto. A mortalidade infantil parece ter diminuido e os casos de diarréia-enterite, muito comuns na fazenda e na região, cairam de 18 em 1946 para 3 em 1950. Através dessa assistência curativa, vão os trabalhadores adquirindo confiança na medicina organizada e ao mesmo tempo ficando mais receptivos ao aprendizado de noções de higiene, que passam a não considerar inocuas.

EMBRIÃO DE UM SISTEMA DE PREVIDÊNCIA RURAL

Modalidade interessante de contribuição é a referente a parto e funeral, que constitui o embrião de um verdadeiro sistema de previdencia rural. Quando nasce ou morre uma pessôa na fazenda, cada socio é taxado em Cr$ 1,00. A renda proveniente dos nascimentos custeará os partos (o preço de cada um é Cr$ 250,00) e a das mortes os funerais (Cr$ 450,00 cada um).Dessa forma, a familia de cada socio não tem despesas de vulto, quando alguem nasce ou morre: a Cooperativa assiste a parturiente e enterra o morto, por sua conta, graças ao fundo de previdência e assistência mutua, para o qual todos concorrem com pequena importancia. Periodicamente, as contribuições são ajustadas, na medida em que se elevam os preços dos serviços prestados. Com o processo adotado, a comunidade não recebe nenhuma caridade; ela própria custeia a entrada ou a saida dos seus membros deste mundo.

FASES DE DESCONFIANÇA, ABUSO E COMPREENSÃO

Ainda sôbre a assistência médica, observa-se na fazenda que a principio os trabalhadores viam o serviço com desconfiança. Depois das primeiras experiências,passaram a usar dele em excesso, registrando-se grandes abusos. Foi necessário mesmo a aplicação de multas para a família que chamasse o médico ou o enfermeiro sem necessidade. Posteriormente, porém, chegou-se a uma fase de compreensão, que é a atual, em que não só o cooperado solicita a assistência na medida das necessidades, como procura trabalhar mais ativamente para a melhoria da organização.

RECREAÇÃO, ESPORTE, ARTE E CULTURA

A parte recreativa e esportiva da fazenda compreende bailes, futebol, corridas, jogo de bocia, pequenos jogos de salão, etc. Um alto-falante de propriedade da Cooperativa funciona em dias e noites de folga, com irradiações musicais. Nas festas de aniversário, acontece o mesmo. Quando um morador faz 50 anos, o clube da cooperativa promove um grande baile. O cinema funciona quatro vezes por semana, exibindo filmes de longa metragem. Atualmente está ele instalado no novo prédio do clube, construido pela Estação Experimental e mobiliado pela cooperativa. O próprio aparelho de projeção foi adquirido por esta última. Promovem-se ainda festas cívicas e de arte, sob orien-

tação das professoras da escola local, com a participação das crianças em idade escolar. O palco do clube é o cenário dessas demonstrações. Na festa da árvore, coroa-se a rainha da fazenda. A Cooperativa preocupa-se ainda com problemas culturais, e fará funcionar uma biblioteca no novo clube, com 500 volumes, na maioria de carater recreativo. Ao mesmo tempo procurará tornar os hábitos de limpeza mais acessiveis e sistemáticos, com a montagem de um salão de barbeiro e engraxate no novo predio. No clube haverá ainda um bar, sem bebidas alcoólicas, banheiros e instalações sanitárias.

ECONOMIAS E CONFORTO DOMÉSTICO

Uma das partes mais interessantes das atividades da cooperativa reside na orientação dos investimentos das famílias. Faz-se uma campanha sistemática pela abertura de contas na Caixa Economica, e grande parte delas já possui sua caderneta de depositos. Da mesma forma, procurando melhorar o conforto doméstico, os dirigentes da Cooperativa fomentam a aquisição de ferro elétrico, rádios e máquinas de costura (a fazenda é servida de energia eletrica). Muitas casas de simples trabalhadores braçais estão munidas desses elementos de bem-estar. Visitamos algumas casas e observamos uma certa tendencia de estandardização dos adornos, processos de arrumação de quartos e salas — o que decorre de uma orientação única da parte da Cooperativa, que assim intervem no setor da economia doméstica.

A COOPERAÇÃO DA FAZENDA

A Estação Experimental contribui diretamente com o seu quinhão nos serviços de assistência. Assim, o saneamento da fazenda, com retificação de um rio e drenagem de córregos e baixadas e instalação de água encanada e privadas com fossas, contribuiu para melhorar as condições ambientais de higiene. O tifo e a malária, que grassavam na fazenda, desapareceram com aquelas medidas. Outra contribuição da fazenda consiste no suprimento gratuito de leite, frutas e legumes aos membros da Cooperativa. Isso influi para reforçar bastante a dieta alimentar e assim facilitar a assistência médica e melhorar o padrão sanitário. A fazenda contribuiu ainda com obras, como o novo prédio do clube, a construção onde funcionam a Cooperativa e o ambulatório, o campo de futebol, etc. Está projetada a construção de uma piscina, para os trabalhadores. A contribuição mais importante da fazenda talvez ainda seja a do estimulo prestado pela sua direção aos trabalhos de assistência e à sua atuação junto das autoridades e entidades da zona no sentido de que prestigiem e ajudem a Cooperativa, facilitando assim o aprofundamento e o alargamento da experiência que se promove na Estação Experimental.

AUTONOMIA CRESCENTE DA COOPERATIVA

Pelos dados que enumeramos acima sôbre o ano de 1950, pode-se considerar que a assistência prestada é bastante barata, estando ao

alcance de fazendeiros comuns. Podemos adiantar que a media do gasto anual "per capita" (por socio) foi de Cr$ 74,70 entre 1945 e 1950. A Estação Experimental gastou Cr$ 39,23 e a Cooperativa Cr$ 35,47, por ano. Isso pode significar que a fazenda está gastando mais. A verdade, porém, é que ela despendeu mais em investimentos (construções, saneamento. etc.), que valorizaram a propriedade e contribuiram para melhorar o material humano. Por outro lado, verifica-se, a partir de 1947, um constante crescimento da contribuição da Cooperativa, de maneira que em 1951 será possível admitir que ela tenha chegado a atingir 50% da média geral desde 1945. Assim, enquanto em 1945, a Cooperativa (ou sejam os trabalhadores cooperados) gastou Cr$ 20,32 por sócio assistido, em 1950 dispendeu Cr$. 58,58. Liberta-se ela assim progressivamente da tutela material da fazenda como salientamos de inicio, sendo que o seu patrimônio (móveis e dinheiro) deve atingir o valor de cerca de 100.000 cruzeiros. Quanto à tutela intelectual, desejamos destacar que o presidente da entidade é um funcionário, o sr. Oscar de Almeida, contador da Estação Experimental, e que o tesoureiro e o secretário são fiscais de campo, havendo trabalhadores comuns (homens e mulheres) no Conselho Fiscal. O agrônomo que dirige a estação — sr. João Aloisio Sobrinho — e o médico são consultores e naturalmente exercem atividade de orientação. Mas, gradativamente as deliberações da Cooperativa vão sendo mais próprias e interpretando a vontade dos sócios.

MAIOR PRODUTIVIDADE NO TRABALHO

Segundo nos informou o sr. Aloisi Sobrinho, a assistência social organizada na Estação, muito contribuiu para a melhoria dos serviços da fazenda, pois, aliada a novas providências de organização do trabalho postas em prática há alguns anos, resultou em maior produtividade dos trabalhadores. "Conseguimos, nestes últimos anos — disse-nos — estudar e cultivar maior area com menor numero de pessoas". Esclarecemos que a fazenda é especializada em café, tendo cultura com colonos, mas predominando as atividades relacionadas com estudos experimentais com a rubiácea e outras plantas.

M. MAZZEI GUIMARÃES

(Da "Folha da Manhã", de 29 de janeiro de 1952)

A PRODUÇÃO DE CAFÉ NA VENEZUELA

Durante muito tempo acreditou-se que a Venezuela poderia transformar-se num concorrente mais perigoso do que a Colômbia ao café brasileiro, dada a semelhança de condições dêsses dois países. Além disso, possui a Venezuela maior área para o cultivo do café, com clima e solo superiores aos da Colômbia. Agrônomos brasileiros que visitaram aquele país não se referiram expressamente a êsse fato, mas sempre salientaram a falta de braços, empecilho que levou muitos lavradores a diminuir e mesmo sacrificar seus planos de expansão da lavoura cafeeira. Em 1925, quando o petróleo começou a ser explorado, percebendo os trabalhadores salários que a agricultura não poderia pagar, dissiparam-se todos os temores de que a Venezuela pudesse transformar-se, como permitem suas terras e clima, num grande centro produtor de café. Assim é que as colheitas venezuelanas se resumem, no máximo, a um milhão de sacas, nos melhores anos. Há culturas em 17 Estados, além do Distrito Federal, mas as regiões mais importantes são Tachira, Merida, Trujillo e Lara. A colheita inicia-se em fins de setembro, prolongando-se até dezembro e, em alguns anos, mesmo até janeiro.

Em virtude da falta de braços e principalmente porque o petróleo continua sendo a atividade para a qual se dirige a maior parte dos trabalhadores venezuelanos, o que impossibilita, por enquanto, pensar no fomento de novas lavouras, o "Ministério da Agricultura y Cria" achou que o seu programa deveria cingir-se ao melhoramento dos cafèzais existentes, replantando onde ha falhas, combatendo a erosão, doenças e pragas, construindo viveiros para distribuição de mudas e aproveitando a casca do café para preparar o adubo "composto". Assim, nos últimos quatro anos, de 1947 a 1950, o "Servicio de Extención Cafetera" distribuiu 16.436.000 mudas de café, mais de 1 milhão de mudas para sombreamento, e fez 3.025.800 metros de cordões de contorno para combater a erosão.

"Este trabalho — diz o chefe do "Servicio de Extensión Cafetera" — teve tal aceitação, que desde começos de 1951 todas as despesas correm por conta dos lavradores, cabendo ao Serviço ùnicamente a direção dos trabalhos. Nos últimos anos construiram-se 1.005 máquinas para benefício de café. A porcentagem de café "lavado", quer dizer de boa qualidade, que se exportava em 1941, era de 45%, e em 1950 atingiu 92%. Iniciou-se também a preparação em larga escala do adubo orgânico "composto", pelo metodo Indore, o que é de importancia por serem consequência da erosão as deficiencias que apresentam as lavouras venezuelanas. Até este momento se fizeram 300 instalações para preparar esse adubo e é animadora a acolhida que o lavrador deu á iniciativa. Para proteger as compras e a exportação do café em grão foi criado o "Fondo Nacional del Café", e inaugurada uma escola onde os filhos dos produtores recebem ensinamentos não sòmente sôbre o

cultivo do café, mas também sôbre outras culturas adequadas ás zonas de clima médio, de topografia acidentada".

Não se deve esperar, portanto, que a produção de café da Venezuela venha a melhorar, a não ser em qualidade. Com uma população não maior de 4.820.000 habitantes, e a exploração de petróleo, que representa 97% do valor da exportação, a Venezuela, que é o terceiro país produtor de café da América do Sul, não se encontra em condições — apesar de possuir terras suficientes, o que não se dá com a Colômbia — de desenvolver a sua produção cafeeira nos proximos anos.

(Do "O Estado de S. Paulo", 26 de Setembro de 1951)

A ADUBAÇÃO VERDE DOS CAFÈZAIS

Ensaios realizados na estação experimental de Pindorama revelam que a adubação verde dos cafèzais apresenta resultados quase tão satisfatórios quanto a adubação de esterco de cocheira, após o quarto ano. Em outras palavras: os resultados da adubação verde não se fazem sentir logo no segundo ano, mas só após o terceiro ou o quarto ano. As plantas indicadas para adubação verde são as da família das leguminosas, mas as duas mais recomendáveis no momento são o feijão de porco e as crotalarias "juncea" ou "paulina"; segundo os cálculos feitos no Instituto Agronômico de Campinas, com base em diversas experiências fazendo-se a semeação de quatro linhas de leguminosas nas ruas do cafèzal, a produção de massa verde por mil pés de café é a seguinte: 15.524 quilos para a "crotalaria juncea" e 9.279 para o feijão de porco. O feijão de porco é, pois, menos produtivo do que a "crotalaria juncea", mas apresenta a vantagem de ser mais rústico; além disso, suas sementes são graudas e de fácil produção na própria fazenda. Atualmente, estudam-se no referido instituto novas leguminosas para adubação dos cafèzais, entre as quais se apresentam como das mais promissoras, a soja Otootan e a mucuna anã.

(Da "Folha da Manhã", 1 de Dezembro de 1951)

RESTAURAÇÃO DOS CAFEEIROS

Por PAULO CUBA

São Paulo ainda poderá manter milhões de cafeeiros. Essa planta abençoada, e nunca bem cuidada, continua sendo, apesar das vicissitudes, o mais rico veio aurífero do Brasil. Como a produção do café está se tornando cada vez mais cara, o lavrador precisa adotar novas práticas agrícolas a fim de que possa aumentar as suas colheitas, e assim baratear o custo do produto. Três práticas importantes precisam ser adotadas ou, se já empregadas devem ser aperfeiçoadas. São elas:

1) contrôle da erosão;
2) produção de esterco;
3) modo de aplicação do esterco

1 — CONTROLAR A EROSÃO é reter as águas, tanto quanto possível. Não se deve permitir o escoamento natural das águas das chuvas caidas no cafèzal. Essas águas devem infiltrar-se na terra. Assim elas não sairão carregando parte do solo e beneficiarão os cafeeiros, que são plantas que precisam de muita água.

O modo mais simples para se conseguir isso é uma combinação de covas e curvas em desnivel. Se abrirmos covas de 50 cm. em todas as dimensões, uma para cada dois cafeeiros, ou seja para cama 25 metros quadrados de terreno, seria necessário uma chuva de 5 mm. para enchê- las, caso não houvesse infiltração e toda a água escorresse pela superfície do solo, pois a capacidade de cada uma dessas covas é de 125 litros.

Como a infiltração das águas das chuvas se processa constantemente, essas covas abertas no cafèzal serão suficientes para reter as águas de uma chuva de 50 mm. em uma hora. Como, mesmo assim poderiamos estar aquem do limite de segurança, é aconselhável combinar as covas com curvas em desnivel. As águas que as covas não pudessem reter seriam captadas pelas curvas e levadas para fora do cafèzal, evitando a eroção.

As covas devem ser abertas uma para cada dois cafeeiros, isto é, um vão sim outro não, nas fileiras em sentido transverso ao declive. Na segunda fileira de covas, elas devem ser abertas alternando as ruas dos cafeeiros. As curvas, com pouca queda, devem ser feitas de 10 em 10 ou de 15 em 15 cafeeiros. Feito tudo como foi dito, nada impedirá o uso das capinadeiras puxadas por animal. Estas poderão trabalhar no sentido transverso ao do declive, pois, nas ruas em sentido favorável ao mesmo estarão as covas de retenção.

Estas covas, no fim do ano, estarão quase cheias de terra. Nessa ocasião, toda a matéria orgânica que puder ser alcançada pelo ancinho deverá ser arrastada para dentro da cova, que será acabada de encher com terra. No ano seguinte serão abertas novas covas nos intervalos que ficaram vagos no ano anterior.

Covas e sulcos não são novidades. As primeiras conhecidas dos lavradores que há muito já as usavam nos carreadores. As curvas, ou sulcos, são de facil construção e também não são coisa nova.

A combinação de ambos soluciona, praticamente, o importante problema de controle à erosão e o de retenção de água nos cafèzais.

2 — A PRODUÇÃO DO ESTERCO quase chegou a ser esquecida em face do vulto que tomou entre nós e adubação química. O esterco animal, valioso revivificador do solo das velhas culturas cafeeiras, é uma mistura de dejeções e palha devidamente curtidas e que não pode ser substituido por simples palhaça mais ou menos fermentada.

Adicionar matéria orgânica crua ao cafeeiro é perder tempo e dinheiro. É preciso que ela seja antes beneficiada, elaborada pela fermentação. As dejecções animais são quase insubstituiveis para esse fim. Elas contêm bactérias, fermentos, hormônios, os quais são imprescindiveis para a transformação da matéria orgânica.

Para o preparo do estêrco é preferível a escassez ao excesso de água. O estêrco é ainda o misterioso elo entre o animal e o vegetal, no ciclo da vida orgânica. Para a preparação do esterco pelo sistema "Nobre" empregamos 18 bois, que passavam o dia no trabalho e pernoitavam na cocheira. Durante 72 dias foram retiradas as camas, de 4 em 4 dias. Esse material foi depositado em uma esterqueira que se encheu ao cabo daquele período. Dois meses depois, um metro cúbico de esterco retirado do meio de esterqueira pesou 600 quilos. Verificou-se assim que com aquele número de animais e durante aquele tempo pôde-se obter 11.440 quilos de esterco bem curtido. Daí deduz-se que um boi, meio estabulado, produz em média, por dia 9 quilos de esterco bem curtido, ou sejam 3.285 quilos em um ano. Em conclusão, usando-se 10 quilos de esterco por cova, anualmente, são suficiente a 50 bois para adubar 16.425 cafeeiros.

3 — O MODO DE APLICAR O ESTÊRCO é muito importante para o seu bom aproveitamento. O corte de grande quantidade de raízes e radicelas superficiais depaupera consideravelmente o cafeeiro.

É sabido que as raìzes do cafeeiro procuram àvidamente o estêrco e se estendem até ele com rapidez. Se o estêrco for aplicado superficialmente, dentro dos primeiros dez centímetros do solo, como é uso comum, as raìzes mais finas e uteis afluem para a superfície. Acontece, porém, que o "mato" também vegeta, de preferência, nessa terra humosa. Então as capinas, ao extirparem as ervas daninhas, destroem tambem grande parte das radicelas dos cafeeiros.

Essa sangria, que se processa regularmente de 3 a 5 vezes por ano, é de consequências muito mais serias do que se supõe. Aí está a encantada razão pela qual o cafeeiro "amarela" quando o mato maduro é capinado. A capina, que deveria beneficiar o cafeeiro, chega, dessa forma, a prejudicá-lo sèriamente.

Estamos de pleno acordo com os lavradores que condenam o 20 centímetros abaixo da superficie — traz duas vantagens: aumenta a produção e torna possivel o uso da capinadeira e o da enxada na extirpação das ervas daninhas, sem prejuizo para o cafeeiro".

(Do "Correio Paulistano", 21 de janeiro de 1951)

CAFÉ "CATURRA AMARELO"

EDGAR FERNANDES TEIXEIRA

O café Caturra é uma variedade brasileira originária da zona limítrofe de Minas Gerais com o Espírito Santo, encontrado dentro dos limites que formam o triângulo — Itaperuna, no Estado do Rio de Janeiro, Cachoeira do Itapemerim, no Espírito Santo, e Manhuaçu, em Minas Gerais. E' a mais nova das variedades de valor econômico introduzidas em São Paulo e Paraná nestes últimos dez anos. Todas as pequenas lavouras da Sorocabana e do Norte do Paraná foram formadas de 1938 para cá e por isso não se tem ainda conhecimento perfeito dêsse novo café, daí a contradição das notícias a seu respeito. Para muitos o "Caturra amarelo" se transformou numa verdadeira planta milagrosa tal a produção que enche os seus galhos, dando motivo à morte do cafeeiro que sucumbe por falta de resistência para suportar carga tão exagerada. Como em quase todas as variedades de café, também o "Caturra" tem uma linhagem que dá frutos vermelhos e outra que dá frutos de coloração amarela.

Ambas linhagens ou variedades — a vermelha e a amarela — foram enviadas em novembro de 1937, para o Instituto Agronômico de Campinas, por um técnico do Ministério da Agricultura localizado no Espírito Santo. Procediam as sementes da fazenda São João, do sr. Hildebrando Martinho de Carvalho, no município de Siqueira Campos — ex-Guacui. Mais tarde é que se ficou sabendo que alguns lavradores espírito-santenses formaram suas lavouras, mais ou menos em 1918, com sementes de café Caturra, trazidas do distrito de Lessa, município mineiro de Manhumirim, antigo bairro do Limo Verde, da Serra de Caparaó. Dai a afirmação de que a variedade Caturra — tanto o vermelho como o amarelo — é café originário de Minas Gerais, que há uns trinta anos passou para o Espírito Santo, e há 13 anos foi introduzido em São Paulo e Paraná.

Descrição recente, feita pelos técnicos do Instituto Agronômico de Campinas, à vista de cafeeiros aqui cultivados desde aquela época caracteriza essa variedade, do ponto de vista botânico, da seguinte maneira: "Um dos principais característicos do café Caturra é o porte pequeno. Disso lhe proveio o nome. Plantas com cerca de onze anos apresentam, em média, uma altura de 2,0 metros, ao passo que cafeeiros Bourbon, da mesma idade e no mesmo terreno, atingem, 2,5 metros em média. Os internódios na haste principal são curtos, e a forma do arbusto cilíndrica, característico particularmente notável em cafeeiros de quatro a cinco anos. Os ramos laterais principais são um pouco mais pendentes que os do Bourbon, formando com o caule um ângulo médio de 66 graus. Os ramos laterais secundários e os de ordem inferior são particularmente abundantes e os internódios muito curtos, do que resulta, em parte, a grande capacidade produtiva do Caturra. As folhas novas são de cor verde-clara; quando maduras, são de um verde intenso, um pouco maiores e proporcionalmente mais largas do que as da varie-

dades Bourbon. As flores, um pouco menores do que as dessa mesma variedade, tem a corola branca e são dispostas em glomerulos; o ovário, bi ou trilocular; o cálice rudimentar e denticulado. Os frutos são curto-pendunculados, oval-elipticos, brilhantes, com mesocarpo carnoso, apresentando um comprimento médio de 15 milimetros e uma largura de 11 milímetros. As sementes "são plano-convexas, de coloração esverdeada, cobertas por uma fina película prateada, com 8 milímetros de comprimento e 6 de largura. São, aproximadamente, do mesmo tamanho que as do Bourbon, e também do mesmo formato que as sementes desta última variedade".

A princípio, supunha-se que o Caturra vermelho fosse mais produtivo do que o Caturra amarelo. Ao que parece, porém, o contrário também já se verificou. Aliás, a experimentação tem provado que em todas as variedades tanto no Bourbon, mas também no Comum ou Típica, no Sumatra, no Maragogipe e agora no Caturra, as linhagens de frutos amarelos produzem mais do que as de frutos vermelhos. Por isso também no Caturra se vai acentuando a preferência pelo amarelo, apesar de muitos lavradores e técnicos manifestarem-se favoráveis ao plantio intercalado de amarelo com vermelho, desde que ambos sejam café Caturra, porque os conhecimentos que se tem ainda não são suficientes para fixar o rumo a ser seguido. Em Campinas, durante os primeiros sete anos de experiência, o Caturra vermelho deu uma produção média de 3,7 quilos de frutos maduros por pé, ao passo que o Caturra amarelo produziu 3,5 quilos. O café Bourbon selecionado deu no mesmo periodo uma produção maior, ou seja 4,2 quilos de frutos maduros. Isto se se levar em conta a produção por mil pés, mas o café Caturra pode ser plantado a menor distância, com espaçamentos reduzidos, o que leva a crer que a produção por alqueire seja mesmo superior à do Bourbon.

São estas as informações mais recentes que temos sôbre o café Caturra amarelo, e que publicamos para atender o pedido que recebemos de um lavrador do Norte do Paraná, interessado em saber se deve formar novas lavouras com café Caturra amarelo ou vermelho, ou continuar plantando o Bourbon selecionado.

(Do "O Estado de S. Paulo", 4 de abril de 1951)

INSTRUÇÕES SOBRE A ADUBAÇÃO DO CAFEEIRO

SALIM SIMÃO

Basta percorrer as lavouras cafeeiras de São Paulo para verificar a necessidade imprescindivel de adubações adequadas e equilibradas. Em sua maioria elas se apresentam raquíticas, mal enfolhadas, envassouradas, cheias de galhos secos e de falha. As produções, embora alcancem 60 ou 70 arrobas em um ano, dificilmente ultrapassam 20 ou 30 arrobas no ano seguinte. Vejamos, em sintese, o que a Secretaria da Agricultura aconselha a respeito da adubação do cafeeiro.

QUALIDADE DOS ADUBOS

As experiências do Instituto Agronômico, nos diferentes tipos de solos utilizados para esta cultura, mostram que a base para a adubação do cafeeiro se deve apoiar na **materia orgânica,** utilizada sob qualquer das formas já conhecidas: esterco, palha de café, adubos verdes, serrapilheira do mato, compostos e tortas em geral.

O esterco será produzido nas esterqueiras cobertas ou descobertas, ou nos mangueirões, bastante para cada mil pés a serem adubados cinco cabeças de gado ou sete de muares, mantidos esses animais em produção por um período de trezentos dias nos mangueirões onde passam a noite presos. Cada animal precisará de uma área de quatro metros quadrados de mangueirão. Para vinte mil cafeeiros serão necessárias cem cabeças de gado e uma area de quatrocentos metros quadrados ou vinte metros por vinte de mangueirão.

A palha de café deverá ser devolvida à lavoura, sendo que em cada cinco sacas de cafe em coco colhidas haverá palha para adubar oito cafeeiros.

Dos adubos verdes pode ser empregado o feijão de porco, semeandose três linhas nas ruas do cafèzal nos meses de outubro ou novembro; por ocasião de seu florescimento, em janeiro ou fevereiro, deve ser cortado e em seguida enterrado. São necessários 90 a 100 quilos de sementes de feijão de porco para cada mil cafeeiros. Outras leguminosas aconselhadas para adubação verde do cafeeiro são a mucuna anã, as crotalarias e a soja.

Os restos de cultura, como bateduras de feijão, de arroz, canas de milho, capim, palha de café, etc., quando reunidos em locais onde exista água suficiente, poderão ser transformados em compostos. Sua fabricação obedecerá à seguinte marcha:

1) Local: água nas proximidades, terreno plano e possivelmente coberto.

2) Materiais: restos de cultura, palha de café fresca, cama de animais, capins, etc.

3) Montagem: colocar no terreno uma camada de um dos restos de cultura com a espessura de cinco centímetros, abrangendo uma área de quatro por nove metros. Irrigar bem, sem encharcar. Em seguida, irrigar com uma porção de mistura inoculante. Sobre a primeira camada

distribuir nova camada de palha de café ou cama de animais. Irrigar primeiro com água e depois com a mistura inoculante. Em seguida vem outra camada de palha de café ou cama de animais, e assim por diante, até alcançar a altura de mais ou menos sessenta centímetros. Na distribuição das camadas, ter o cuidado de não comprimi-las, trabalhando o operario do lado de fora do monte.

4) Irrigação: semanalmente até ficar bem molhado.

5) Reviramentos: fazer o primeiro reviramento 15 dias após a montagem colocar uma camada sôbre a outra e irrigar cada uma delas, Quinze dias após o primeiro reviramento, fazer um segundo, da mesma maneira. 0 terceiro reviramento será feito depois trinta dias, reduzindo-se o monte a uma area de dois por quatro metros. Mais um mês e estará pronto o composto para ser usado como adubo orgânico.

A mistura inoculante referida será preparada em um tambor ou tina, da seguinte maneira: 10 litros de terra urinosa, 30 litros de estrume fresco, 30 litros de estrume em fermentação e 10 litros de cinzas de madeira. Juntar água até ficar mais líquido que solido. Dividir a mistura em doze partes iguais e empregar uma parte por camada.

A respeito de preparação de compostos, aconselhamos nossos leitores a reler os artigos de Sigmar Kaufmann, publicados no primeiro volume da FOLHA AGROPECUÁRIA.

POSSIBILIDADE DE ADUBAÇÃO

A fazenda deve estar organizada para produzir matéria orgânica que de pelo menos para adubar um terço da lavoura. Aos dois terços restantes, um será coberto com adubos verdes e outro com adubos químicos. Exemplo:

No primeiro ano — parte "A" — esterco, palha de café, serrapilheira, composta, etc.: parte "B" — adubos verdes; e parte "C" — adubos químicos.

No segundo ano — parte "A" — adubos químicos; parte "B" — esterco, palha de café, composto, etc.; e parte "C" — adubos verdes.

No terceiro ano — parte "A" — adubos verdes; parte "B" — adubos químicos; e parte "C" — esterco, palha de café, composto, etc.

No quarto ano — volta a adubação do primeiro ano, e assim por diante.

APLICAÇÃO

A melhor forma de aplicação é aquela em coroa ou meia coroa na projeção da saia do cafeeiro e a uma profundidade de vinte a trinta centímetros. Todavia, por dificuldades de braços e pelo preço que tais modalidades acarretam, temos que a forma mais econômica e conveniente ao lavrador será a obtida por meio de sulcos abertos junto à saia do cafeeiro e sempre cortando as águas do terreno, à mesma profundidade de vinte a trinta centímetros, desde que o terreno não seja muito inclinado.

Época: depois da colheita.

Quantidade: de uma maneira geral, devem ser consideradas como boas as seguintes adubações, por pé de café:

"A" — 18 quilos de estêrco, composto ou serrapilheira (45 litros); 240 a 360 gramas de farinha de ossos (25%); 220 a 330 gramas de serrana-fosfato (27%); 70 a 83 gramas de cloreto ou sulfato de potássio (60%); 125 a 200 gramas de salitre do Chile (15,5%) ou 90 a 140 gramas de sulfato de amonio (20,5%).

"B" — 18 quilos de palha de café (45 litros); 240 a 360 gramas de farinha de ossos (25%) ou 220 a 330 gramas de serrana-fosfato (27%); 125 a 200 gramas de salitre do Chile (15,5%) ou 90 a 140 gramas de sulfato de amônio (20,5%).

"C" — 1.500 gramas de torta de caroço de algodão ou mamona; 240 gramas de farinha de ossos (25%) ou 200 gramas de serrana-fosfato (27%); 70 a 80 gramas de cloreto ou sulfato de potassio (60%).

"D" Adubos verdes, três fileiras; 240 a 360 gramas de farinha de ossos (25%) ou 220 a 330 gramas de serrana-fosfato (27%); 78 a 83 gramas de cloreto ou sulfato de potassio (60%); 100 gramas de salitre do chile (15,5%);

As cinzas de fogão, de olaria, de caldeiras, etc., constituem bom adubo potassico para o café. As quantidades a empregar variam de acordo com sua riqueza em potássio. De um modo geral, usar de trezentas a quinhentas gramas por cafeeiro em substituição ao cloreto ou sulfato de potássio.

A distribuição dos adubos químicos será feita juntamente com a matéria orgânica, ou então em separado, quando se adotar o esquema de divisão da lavoura em três partes iguais. Não se deve esquecer, no entanto, de efetuar sempre a caldeação dos adubos com a terra do sulco ou cova, qualquer que seja a adubação empregada. Quando se efetuar a adubação química isolada, deve-se considerar a fórmula "A", com exclusão da matéria orgânica.

(Da "Folha da Manhã", 1 de Dezembro de 1951)

O PRECEITO DO DIA

FEBRE TÍFICA E MOSCAS

As moscas podem transportar, das dejeções e secreções dos doentes, para os alimentos e objetos, o germe da febre tífica. Por isso é preciso destruí-las ou, pelo menos, impedir seu contacto com alimentos, vasilhames e outros objetos de uso doméstico.

No cambate à febre tífica, o extermínio das moscas é medida particularmente útil. — SNES.

Considerações em torno da conservação do cafèzal

Sobre a conservação do cafèzal, escreve **José Ferreira Veloso** da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado:

O cafeeiro é um arbusto que em seu estado nativo é encontrado no meio das florestas. Nesse ambiente, além de estar, mais ou menos, preservados dos ráios solares, ele vegeta num solo fresco e humoso.

Devido aos bons predicados dos seus frutos, foi essa planta largamente cultivada em muitos paìses. Em alguns, proporcionaram-lhe condições mesológicas semelhantes às do seu meio nativo; em outros como acontece entre nós, plantaram-na a pleno sol, havendo como consequência uma certa reação da planta concretizada na diminuição do tamanho dos seus frutos, folhas e entrenós. Por outro lado, a maior exposição aos ráios solares provocou um aumento de produção. Até aí tudo correu sem grandes alterações. Todavia, na parte que se refere ao solo, a questão muda de aspecto, pois é do conhecimento geral que o solo silvestre está sempre coberto por uma camada mais ou menos espessa de resíduos vegetais. Essa matéria orgânica que aí se deposita desempenha funções de máxima importância.

1.º — Atua como um autêntico papel chupão que absorve a totalidade das chuvas por mais fortes e prolongadas que sejam, evitando assim o fenômeno da erosão;

2.º — Com o correr dos anos, essa matéria orgânica vai se decompondo e formando o húmus, que é um dos elementos indíspensáveis ao solo de cultura e regulador da sua fertilidade;

3.º — Propicia o desenvolvimento de vermes e outros minúsculos animais que vivem em contacto direto com a terra, quer ingerindo-a, quer revolvendo-a e, por conseguinte, tornando-a mais arejada;

4.º — Diminui a evaporação da água do solo, conservando-o sempre fresco;

5.º — Torna o solo mais permeável.

Examinadas, assim, as principais vantagens que a materia orgânica proporciona aos solos, resta saber qual a maneira mais prática de incorporá-la aos nossos terrenos de culturas, especialmente àqueles em que estão localizadas as atuais lavouras de café velhas e pouco produtivas das zonas da Mogiana e Paulista, cuja restauração é, no momento, uma questão da máxima importância para São Paulo, pelo fato de ser justamente nossas culturas que se colhem os cafés de mais fina bebida.

Depois do adubo de curral, convenientemente preparado nas esterqueiras, mas cujo emprego é relativamente dispendioso, o cultivo de leguminosas para adubação verde é a prática mais recomendavel para incorporar a materia orgânica ao solo, restituindo-lhe assim a sua primitiva fertilidade.

Entre as leguminosas mais preconizadas para a adubação verde

dos cafèzais, citam-se a mucuna preta e o feijão de porco. Todavia, existindo coincidências nas épocas de plantação das leguminosas com a época de plantio das culturas intercaladas, de milho, feijão, arroz, etc., feitas pelos colonos, é necessário estabelecer um processo que não modificando as praxes agrárias da fazenda, concilie os interesses do fazendeiro com os dos colonos. Sabendo-se, entretanto, que em muitas fazendas as culturas intercalares são feitas em ruas puladas, fica facil estabelecer-se um sistema rotativo nas ruas do cafèzal, em que a mucuna ou o feijão de porco irão sendo plantados na rua, anteriormente ocupada pelo cereal, dois anos num sentido e outros dois anos nas ruas cruzadas. Estabelecer-se-á, assim uma rotação de culturas de 4 em 4 anos, com despesa mínima e máximo de aproveitamento.

A mucuna preta deverá ser plantada logo no inicio do ano agrícola, isto é, em outubro, em duas carreiras, distanciadas dois palmos ou pouco mais e no centro das ruas. A distância nas carreiras deverá ser também de dois palmos. Cada cova leva dois grãos de mucuna. Por ser uma leguminosa algo trepadora, no fim de certo tempo ela alcançará os pés de café, o que se evita podando-a a foice. Logo que aparecerem as primeiras flores ou mesmo pouco antes passa-se a grade de discos, e mais tarde cortam-se os pés a enxada, devendo tudo ficar bem espalhado pela rua.

Por essa forma é possível no mês de abril executar a coroação e no mês seguinte a colheita no pano.

(Da Época, 6 de janeiro de 1952)

O PRECEITO DO DIA

ILUMINAÇÃO UNIFORME

As grandes diferenças de iluminação, entre os vários pontos de umo sala, onde se lê ou trabalha, são tão prejudiciais à vista quanto a iluminação deficiente ou excessiva. Ao desviar-se a vista do livro e dirigíla para outro ponto menos iluminado, os olhos são obrigados a um rápido e violento esfôrço de adaptação. A repetição dêsse esfôrço levá-los-á ràpidamente à fadiga.

Poupe seus olhos, iluminando com uniformidade os vários pontos de sua sala de trabalho ou estudo. — SNES.

O café Sumatra de Mundo Novo

Há algum tempo se vem recomendando, com base em trabalho experimental, o plantio de linhagens de café Bourbon, tanto amarelo como vermelho. Acreditavam os nossos técnicos que o café Bourbon não poderia encontrar competidor nas condições de clima do nosso Estado. Muitos lavradores, no entanto, antes de tomar uma decisão, resolveram promover simples experiências, plantando algumas centenas e, em alguns casos, alguns milhares de cafeeiros das novas variedades, ao lado de outros tantos de cultivo habitual. Mas para logo um café pouco considerado começou a sobrepujar as novas linhagens do Bourbon. Referimo-nos ao café Sumatra.

Convém conhecer um pouco de sua história. Ha muitos anos, um dos nossos grandes lavradores, o sr. Luis Bueno de Miranda, procurou disseminar essa última variedade, trazida da ilha de Sumatra pelos lavradores Elias Pachaco Chaves e Fonseca Costa para suas fazendas em Araras. "Já com 3,5 anos de idade, essa variedade, em boas terras, proporciona excelente colheita graças ao seu rápido desenvolvimento e grande quantidade de palmas ou ramos secundários — afirmava o primeiro dos citados agricultores. Além do seu crescimento incomum e sua grande produção, igual á do Bourbon, o cafeeiro Sumatra oferece vantagem na flexibilidade de seus ramos, sendo, além disso. o produto superior em qualidade ás demais variedades. As bagas são alongadas, possuindo uma bela côr e o excelente aroma do cafeeiro comum, porém são maiores do que os desta variedade". Ora, apresentado com tais credenciais, de imediato a variedade Sumatra passou a ter a preferência de muitos lavradores, a ponto de o Instituto Agronômico de Campinas, no seu primeiro grande ensaio de variedades, inclui-la na competição que ali se faz, ao lado do Bourbon amarelo, Bourbon vermelho, Amarelo de Botucatu, Nacional e Maragogipe.

Os estudos botânicos que se fizeram, reunidos em trabalhos sob o título "Descrição das variedades e formas encontradas no Estado de São Paulo", dão um esclarecimento que levava a supor que a variedade Sumatra na realidade não existia, não sendo mais que o café conhecido por Nacional ou Comum e classificado pelos técnicos como "Coffea arabica L. var, typica Cramer". Então é que se conheceram mais alguns pormenores da sua história: o café Sumatra foi recebido pela firma Fonseca Costa & Cia., proprietarios da Fazenda Monte Belo, estação de Campos Sales, por intermédio da Casa Prado Chaves. O sr. Salvador Piza viu as sementes importadas e ficou impressionado com o seu tamanho. Obteve alguns frutos dos primeiros cafeeiros plantados em Barra Bonita e formou assim uma lavoura de 18.000 pés em sua fazenda em Agudos. Esta lavoura deu produções seguidas e tão elevadas, que, em outra fazenda desse lavrador, aberta na Noroeste, se plantaram exclusivamente sementes do Sumatra.

De uns tempos a esta parte, duas "linhagens" (ou "origens") do café Sumatra vêm impressionando todos os lavradores que formaram lavouras de café. Uma procede do Sitio dos Campos, em Mineiros, município

de Dois Córregos, e outra da Fazenda Aparecida, em Mundo Novo. Esta última, conhecida como café "Sumatra de Mundo Novo", ganhou ràpidamente fama de ser o melhor café para a Noroeste, a Alta Sorocabana e a Alta Paulista. Em todas essas zonas, afirmam muitos lavradores, o café "Sumatra de Mundo Novo" produz melhor, resiste ás enormes variações climaticas, por que tem passado São Paulo nos últimos anos, e tem de tal forma impressionado os plantadores que possuiam linhagens do Bourbon ao lado das do Sumatra que vários deles pensam arrancar o café Bourbon para substituí-lo totalmente pelo Sumatra. Dizem alguns lavradores que as novas linhagens do Bourbon apresentam grave defeito: nos primeiros anos, ficam de tal modo carregadas, que a planta se inutiliza por muitos anos ou definha, obrigando a replantas de 10 a 15 por cento. Esse mal é conhecido pelos técnicos por "die-back", e até hoje, infelizmente, não se conseguiu linhagem que fosse a ele completamente imune. Contudo, parece que o café "Sumatra de Mundo Novo" se distingue exatamente por ir dando cargas cada ano mais volumosas sem que a planta sofra qualquer ressentimento.

Seria conveniente que os técnicos do Instituto Agronômico de Campinas apurassem a veracidade dessa afirmativa, que aos poucos se dissemina por todo o Estado, com o mal de induzir muitos lavradores a comprar sementes particulares em prejuizo do melhoramento do plantio, que se busca com a venda de sementes trabalhosamente selecionadas. Se se comprovar, no entanto, que o novo café "Sumatra de Mundo Novo" é de fato possuidor de melhores qualidades, então não se perca tempo em multiplicar esse novo tipo, isolando as plantas mais produtivas para distribuição ampla a todos os plantadores. Nossos técnicos terão simplificado o seu trabalho, em benefício dos lavradores e da economia de São Paulo e do Brasil, pela felicidade de encontrar, dentro do nosso País, uma variedade melhor, mais produtiva e adequada á instabilidade do nosso clima e diversidade do nosso solo.

(Do Estado de S. Paulo, 20 de Janeiro de 1952)

O PRECEITO DO DIA

OCIOSIDADE E SAÚDE

O trabalho e o exercício devem fazer parte dos nossos hábitos de cada dia. A vida sedentária é prejudicial à saúde porque enfraquece o organismo e acarreta muitos males, entre êles a gordura excessiva ou obesidade.

Evite os males da ociosidade, procurando trabalhar e praticando assiduamente um esporte qualquer. — SNES.

A RECUPERAÇÃO DAS TERRAS NA REGIÃO DE LOUVEIRA

Ha vários anos que estamos acompanhando o trabalho realizado numa das velhas fazendas localizadas na divisa de Louveira com Itatiba. Como ninguém ignora, toda essa zona foi o núcleo da produção cafeeira noutros tempos e, durante quase um século, depois das derrubadas, o nosso principal produto teve aí seu centro de expansão, que se estendia por vasta zona, desde Jundiaí até Campinas, e se prolongava pela Mogiana até aos limites com o Estado de Minas Gerais. Há mais ou menos trinta anos ainda aí se viam excelentes lavouras de café, que permitiam rendosas colheitas, dada a natureza e estrutura dos solos, entregues embora á ação deleteria da erosão. A broca, não encontrando então, como agora, a medicina dos inseticidas, afugentou os lavradores, muitos dos quais começaram a se desfazer de seus cafèzais e a formar lavouras de algodão, de milho, de oleaginosas, ou a cultivar vinhedos e figueirais, ao passo que a maioria achou mais viavel plantar eucalíptos e estender os pastos.

Foi uma transformação rapidíssima. Vinte anos lhe bastaram, e hoje, eucaliptais, vinhedos (em menor número) e invernadas para criação de gado ocupam as áreas maiores, onde se vêem, como em oasis, pequenas lavouras de cereais, algodão, frutas, oleaginosas etc. Alguns lavradores, no entanto, teimaram em manter os cafeeiros ao lado do gado leiteiro, da criação de porcos e, mais recentemente, da avicultura. Numa dessas fazendas — a Paraiso — foi instalado, com apurado bom gosto, um aviário que obedeceu, desde o começo, a sabia orientação técnica, visando não somente á criação de galinhas, mas também a executar, com o tempo, uma integral recuperação das terras para o estabelecimento de lavouras econômicas. Como nos pareceu que a sorte, boa ou má, da iniciativa poderia influir na solução que se pretendesse dar á recuperação de uma vasta zona do nosso Estado, constituida de terras salmourão e massapé, não quisemos perder a oportunidade de acompanhar "in loco" a evolução dessa experiência. Logo que a criação de galinhas, uma das maiores de todo o Brasil, se mostrou exequivel em largas proporções, passou o seu orientador a cuidar do problema de revigoramento das terras. O estrume de galinha foi empregado como matéria orgânica para a recuperação dos solos esgotados, incentivando-se paralalamente a cultura cafeeira como recompensa de tal esforço.

Houve, a princípio, uma como parcela experimental de café, sendo escolhida uma das boas linhagens do Bourbon, das mais produtivas. Plantaram-se cerca de sete mil cafeeiros, para se verificar a reação dos solos diante de uma planta que outrora fôra, ali, senhora absoluta. O café, graças ao bom emprego do estrume de galinha, bem como do "composto" preparado com esterco das aves, se desenvolveu com pujança equiparavel á que se nota em terras de mato recém-desbravado. Desde que esse café começou a produzir, as colhei-

tas sucedem-se em volumes enormes, e este ano, segundo vimos, se espera ali um rendimento excepcional, sem similar em qualquer outra região do Estado. Diante de tal êxito, o proprietário da fazenda passou a plantar café dentro dos seus recursos de pessoal e já dispõe de cerca de 50 mil cafeeiros de todas as idades. Pretende ele dobrar essa cifra, alcançando cem mil cafeiros, que serão tratados intensivamente, com esmero e cuidado especial, de forma a permitir que a lavoura em formação, situada toda ela em curva de nivel, se torne permanente e não cogite jamais de emigrar para outras terras.

A fisionomia da fazenda Paraiso, onde se executa o trabalho de recuperação, transformou-se por completo. Onde, ha cinco ou seis anos, se viam campos de pastagens semi-abandonados, hoje crescem matas, multiplicam-se os aviários, as pocilgas e as culturas de alfafa, rodeadas de lavouras de café tècnicamente formadas. Quem alimentar dúvida sôbre a possibilidade de recuperação de terras esgotadas deve visitar essa propriedade, rapidamente que seja, para avaliar o que será São Paulo um dia, se dispusermos a amparar melhor nossa grande riqueza, a saber, as terras, que apenas reclamam um trato racional e cientifico para voltarem a produzir como em outros seculos.

(Do "O Estado de São Paulo", 12 de Janeiro de 1952)

* * *

Êste Boletim transcreve, com prazer, a pequena mas expressiva mensagem de fim de ano dirigida pelo Sr. Secretário da Fazenda aos seus funcionários.

PORTARIA N. 10, DE 21/12/1951

O balanço das atividades da Secretaria da Fazenda, neste ano que está para se encerrar, é dos mais animadores.

Muito se trabalhou e muito se produziu, em prol dos interêsses de São Paulo e nada mais justo, que se atribua aos servidores desta casa a parte não pequena que indiscutivelmente lhes toca, no conjunto dessas realizações.

É o que ora faço, com a maior satisfação, em nome da administração estadual e no meu próprio ao mesmo tempo que apresento a todos os funcionários votos de felizes festas, em companhia de suas famílias.

MÁRIO BENI — Secretário da Fazenda.

CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS VARIEDADES DE CAFÉ

ALCIDES CARVALHO
(Instituto Agronômico)

No geral, o lavrador paulista conhece uma só espécie de café, pois aqui apenas se cultiva a espécie "Coffea arábica L". No entanto, há cerca de sessenta espécies diferentes de café, originárias da África e algumas da Índia e Java. Essas espécies selvagens são muito variáveis, assemelhando-se algumas a cipós e atingindo outras porte bem elevado. Há espécies que conservam as folhas durante todo o ano e outras que as perdem em certas estações do ano, etc. De todas as sessenta espécies, é apenas aquela que se cultiva no Brasil, isto é, "C arábica", a que melhor produto fornece. Essa espécie é também originária da África, na Abissínia, entre sete a nove graus de latitude norte. A espécie arábica é polimorfa, isto é, apresenta diversas variedades e formas, muitas das quais encontradas em Campinas. Assim já se acham descritas vinte e cinco variedades e quatro formas diferentes dessa espécie de café.

CAFÉ NACIONAL (COFFEA ARABICA L. VAR. TIPICA CRAMER)

Este foi o primeiro café a ser cultivado no Brasil e em São Paulo. Os mais velhos cafèzais do Estado são formados com essa variedade. O cafeeiro nacional não atinge porte muito elevado, 2 a 3 metros conforme o tipo de solo. As ramificações secundárias e de ordem inferior não são muito frequentes. As folhas são lisas e o ângulo da base é pequeno. Os frutos e sementes são normais.

CAFÉ SUMATRA

O café sumatra verdadeiro é o mesmo café nacional, apenas de outra procedência. Há vários milhões de cafeeiros dessa variedade, principalmente na noroeste, onde foi seu grande propagandista o sr. Salvador Piza. As primeiras plantações com sementes do Sumatra foram feitas em Barra Bonita e em Agudos. O Instituto Agronômico vem estudando um bom número de cafeeiros selecionados nessas localidades. No momento, muitos lavradores estão interessados em um outro café conhecido por "Sumatra de Mundo Novo". Desse café há algumas plantações em Mundo Novo e Pindorama, na Araraquarense. É um café muito rústico e de produção elevada. No entanto, ele não é tipico sumatra, mas se aproxima do bourbon. Trata-se, sem dúvida, de um café de grande futuro, mas que ainda precisa ser selecionado. É o que estamos fazendo em Campinas, há 8 anos. Muitas plantas desse sumatra não têm bom rendimento, por apresentar elevada quantidade de sementes chochas. Há também muitas plantas quase improdutivas.

CAFÉ AMARELO DE BATUCATU (COFFEA ARABICA L. VAR. TIPICA (CAMINHOA) KRUG)

Até 1871, não se conhecia café senão de frutos vermelhos. Nessa ocasião foi encontrado, em Botucatu, um cafeeiro com frutos amarelos, originado provavelmente por mutação do café nacional. Por constituir uma raridade, foi espalhado por todos os paìses que cultivam o café. O café amarelo de Botucatu difere do nacional apenas pela cor do fruto. A produção não é elevada e pràticamente igual a do nacional.

CAFÉ MARAGOGIPE (COFFEA ARABICA L. VAR. MARAGOGIPE, HORT EX FROEHNER)

O café maragogipe é uma variedade brasileira. Originou-se no município de Maragogipe, na Bahia, em 1870-71. Caracteriza-se por apresentar porte elevado e folhas, flores, frutos e sementes maiores que os de outras variedades. O maragogipe, apesar de muito vigoroso tem um defeito, isto é, tem baixa produtividade. A fim de obter linhagens mais produtivas, o Instituto Agronômico fez uma série de seleções em plantas existentes em São José do Rio Pardo e Mococa, no café aí conhecido por Maragogipe Alípio Dias, ou também "Hibrido Rosa Branca". Este se caracteriza por ser mais produtivo do que o maragogipe comum e ter sementes mais bem conformadas.

CAFÉ BOURBON (COFFEA ARABICA L. VAR. BORBON (B. RODR.) CHOUSSEY)

E' o café hoje em dia mais cultivado em São Paulo. O porte é semelhante ao do Nacional, mas a ramificação secundária é mais intensa e as folhas mais onduladas, com angulo da base maior. As sementes são mais curtas e mais redondas do que as do nacional. Os brotos novos no geral são verdes. A variedade bourbon não é brasileira. Na verdade, não se sabe bem ao certo onde se originou. Talvez na Arábia, ou na atual ilha Reunião, conhecida, antigamente, por ilha Bourbon. Para o Brasil, o bourbon foi importado, por acaso, em 1860-70, pelo pai do sr. Luiz Pereira Barreto. Na embalagem que trazia mudas de **Coffea liberica Hiern,** vieram umas mudinhas, que eram de variedade bourbon. Essas mudas foram plantadas em Rezende, no Estado do Rio, e sementes dessa planta foram levadas, em 1875, a Cravinhos, pelo sr. Luiz Pereira Barreto. Desse nucleo central, o bourbon se irradiou para as outras zonas do Estado.

CAFÉ BOURBON AMARELO (COFFEA ARABICA L. VAR BOURBON FORMAXANTHOCARPA K.M.C.)

Este café se originou por mutação do bourbon ou pelo cruzamento entre o bourbon e o amarelo de Botucatu. O bourbon amarelo se assemelha ao bourbon vermelho, diferindo na cor dos frutos. As sementes dos dois são semelhantes.

O bourbon amarelo, ao que parece, foi cultivado em maior escala, pela primeira vez, na fazenda Santa Lúcia, em Pederneiras, onde existem plantações deste café há muitos anos. Desde 1931, a Secção de Café do Instituto Agronômico vem estudando a produção do bourbon amarelo em comparação com outras variedades comerciais. As análises dos resultados obtidos até 1946 têm indicado que não há diferença significativa de produção entre o bourbon vermelho e o amarelo, se bem que a média geral de produção do amarelo seja um pouco mais elevada. Nestes últimos anos, a diferença de produção, a favor do amarelo, , parece que vem aumentando. Na Secção de Generica, onde milhares de cafeeiros são estudados, tem-se também notado que outras formas de café amarelo parecem mostrar uma tendência de produzir mais do que a respectiva variedade normal de frutos vermelhos. Foi, porém, em 1945 que o eng. agr. Hélio de Morais, da Estação Experimental do Instituto Agrônomico em Jaú, teve sua atenção voltada para um lote de café existente na propriedade agrícola denominada Fazendinha, em Jaú, do sr. Joaquim Ferraz de Almeida Prado, e, desde essa ocasião, esse engenheiro agrônomo se tornou um dos maiores entusiastas do bourbon amarelo. Nesse lote de café da Fazendinha existe o bourbon amarelo ao lado do bourbon vermelho e do nacional e é bem visivel a diferença de crescimento e produção a favor do bourbon amarelo. Por se tratar de um café bourbon amarelo de alta qualidade, a Secção de Genética, em colaboração com a Secção de Café e Estação Experimental de Jaú, do Instituto Agrônomico, iniciou a seleção, em 1945, nesse mesmo talhão na Fazendinha escolhendo trinta dos melhores cafeeiros para estudos de sua progenie em várias zonas do Estado. A descendência de uma planta, obtida por autofecundação de suas flores, é o que se denomina progênie. Os dados parciais obtidos das progênies de bourbon amarelo indicam que realmente se trata de um café muito produtivo. E' cedo, no entanto, para se dizer e constitui um material mais produtivo do que as seleções de bourbon vermelho, já obtidas no Instituto Agronômico.

CAFÉ CATURRA (COFFEA ARABICA L. VAR CATURRA K.M.C.)

Trata-se de uma variação do bourbon, que tem porte menor e internodios muito curtos. O caturra é muito produtivo e, por isso, quando plantado a um pé por cova, sente muito com a "super-produção". Quando plantado a quatro pés por cova, o efeito da "super-produção" é diminuido. Tem-se preconizado o caturra para zonas onde o cafeeiro cresce muito, dificultando a colheita. Por ter porte menor, pode ser plantado mais junto. Assim, se o bourbon, em terras cansadas, for plantado a 3,00 x 3,00 metros, em quadrado, ou 3,50 x 2,60 metros, em contorno, o caturra poderá ser plantado a 2,50 x 250 metros em quadrado e a 3,50 x 2,20 em contorno, por exemplo. A questão do espaçamento naturalmente depende não só da variedade, como do tipo de solo, adubação etc.

(Do Diário de S. Paulo, de 28-12-51)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 753 CARTA SEMANAL DO MERCADO 30 de Novembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Ao que parece o Congresso, neste país, está olhando com preocupação para a relativa lentidão do programa de defesa. Referindo-se ao caso, o Administrador da Produção para a Defesa declarou, ontem, que se essa produção ia se traduzir em nova expansão do programa de defesa, a escassez de vários metais estratégicos, que já levou à redução de seu uso para a indústria civil, tornar-se-á ainda mais severa até ao ponto de impedir sua utilização na produção de artigos para o consumo civil.

Nesse sentido, pode se dizer que o resultado eventual das negociações de paz na Coreia terá um papel muito importante relativamente à proporção que vae corresponder, na produção total do país, à indústria civil e à indústria de guerra durante o próximo ano. Exatamente o fato de existir tal incerteza, sobretudo no que respeita ao futuro imediato da produção para o consumo civil, tem contribuido grandemente, nas últimas semanas, para a redução de atividade nos mercados especulativos, particularmente na Bolsa de Valores.

Contudo, e à vista de que não há ainda nenhum motivo para aceitar a possibilidade de um movimento deflacionista no futuro imediato, o índice das cotações tem permanecido mais ou menos estático e tudo indica que assim continuará até que a situação se esclareça suficientemente.

A irregularidade observada durante a semana no índice dos produtos primários, foi também atribuída, pelos observadores do mercado, à incerteza sôbre os acontecimentos na Coréia.

Porém, no que respeita aos produtos primários, principalmente os agrícolas, deve se lembrar que a situação é de relativo equilíbrio entre a oferta e procura e êsse fato quiçá impeça oscilações de maior consequência em face dos acontecimentos.

MERCADO DE CAFÉ: Há indícios de que as atividades de compra e venda receberam certa expansão durante a semana em apreço e que a procura foi boa parte dos torradores. Contudo, devido ao fato de que a sua posição de estoques melhorou em comparação com os suprimentos de há duas ou três semanas, diz-se nesta praça que os torradores estão comprando unicamente após muita discussão sôbre os preços.

Por outro lado, a chegada ao mercado das novas safras também influiu nos negócios e por consequência o fim da semana registrou uma ligeira baixa nos níveis de preços do grão. Mas não sucedeu o mesmo no têrmo local, onde ao fechar da sessão de ontem as cotações registraram ganhos de um a onze pontos em tôdas as posições excepto a posição imediata e a posição mais distante.

O volume de operações no têrmo expandiu-se de maneira notável, havendo atingido um total de 712 lotes em comparação com 242 lotes na semana passada. A posição aberta continua aumentando e, para esta manhã, era de 2.580 lotes contra 2.557 lotes na sexta-feira da semana passada. Êsse aumento na atividade da Bolsa de Café local é atribuida, em parte, aos reajustamentos de posições para fins de imposto de renda à vista da proximidade do fim de ano.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Como já dissemos existe nesta praça uma boa procura por parte dos torradores mas a preços que lhes parecem mais atrativos. A cotação geral mais mencionada na praça é de 50,50/c FOB para o Santos 4. O preço mais mencionado para os colombianos, tanto sôbre água como disponíveis, é de 58,25/c na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Samanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	24-11-1951	292.000	125.000	34.000	451.000
	17-11-1951	165.000	151.000	7.000	323.000
	25-11-1950	110.000	71.000	17.000	198.000
COLÔMBIA**	24-11-1951	123.411	10.595	2.393	136.399
	17-11-1951	56.032	525	2.328	58.885
	25-11-1950	56.033	17.714	3.214	76.988

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 24-1--1951	17-11-1951	25-11-1950
BRASIL*	Santos	1.733.000	1.702.000	1.573.000
	Rio	484.000	431.000	731.000
	Vitória	125.000	115.000	113.000
	Paranaguá	1.031.000	1.046.000	970.000
	Pernambuco	8.000	8.000	16.000
	Bahia	25.000	26.000	19.000
	Angra dos Reis	59.000	71.000	32.000
	TOTAL	**3.465.000**	**3.399.000**	**3.454.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	150.438	174.994	161.481
	Cartagena	67.929	66.517	87.836
	Buenaventura	89.949	98.157	28.364
	Cucuta	92.345	92.345	97.410
	TOTAL	**400.661**	**432.013**	**375.091**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
24-11-1951	17.642	42.223	2.984	62.849
17-11-1951	11.227	42.564	3.666	57.397
25-11-1950	113.381	124.098	76.949	314.428

N.º 47 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 30 de Novembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 19 do corrente, reproduz-se a seguinte nota: "As perspetivas continuam boas relativamente à safra de 1952. O tempo tem decorrido favorável na maior parte das regiões produtoras. A colheita

de 1951 já foi calculada em 16.800.000 sacas de 60 quilos. As exportações para os Estados Unidos aumentaram um pouco após a descida que ocorreu no período Janeiro/Junho de 1950. Contudo, as exportações para outros países continuaram em declínio. Essa redução notou-se, particularcmente, no caso das exportações para a Inglaterra, Itália, Bélgica e para a maior parte dos países de Ásia e África. O mesmo sucedeu com as exportações para a Argentina e Chile. Os estoques visíveis de café cru, no fim de Agôsto último, eram de 7.242.643 sacas".

Equador: Do Boletin da firma local George Gordon Paton & Co., edição de 26 do corrente, reproduzimos o seguinte artigo sôbre a situação cafeeira naquele país: "Tal como informamos em Julho último, a safra 1951/52 no Equador foi consideravelmente reduzida para uma cifra inferior às estimativas feitas antes e que haviam sido baseadas na seca e depois chuvas torrenciais fora de estação. De acôrdo com informações recentes do Consul Americano, espera-se, agora, uma safra de 210.000 sacas em vez da estimativa anterior de 275.000 sacas. O referido Consul diz que a estimativa sôbre a safra da segunda metade de 1950 continua em 420.000 sacas ao passo que a estimativa da safra 1949 permanece em 215.000 sacas. Tomando o consumo doméstico como sendo de 35.000 sacas, o café exportável da safra 1951/52 será de umas 175.000 sacas. A estimativa do café exportável da safra 1950/51 permanece inalterável em 385.000 sacas e a safra exportável 1949/50 em 180.000 sacas.

"Segundo diz o referido Consul, os preços atuais para o café contribuiram para o aumento das plantações. Não existe, porém, crédito a longo prazo para esse fim além das pequenas quantias emprestadas aos lavradores pelo Instituto Equadoriano do Café. Este Instituto, fundado com o fim de aperfeiçoar e expandir a cafeicultura, foi dotado com fundos para empréstimos agrícolas, os quais devem ser suficientes para plantar de café uns 2.000 hectares. Mas o Instituto exige dos lavradores que beneficiam dêsses empréstimos métodos de cultura mais científicos. Embora o tipo de café cultivado no Equador seja considerado fundamentalmente bom, a técnica do lavrador local de plantar, cultivar e colher bem como a sua preparação para o mercado, exige muito aperfeiçoamento".

Peru: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 19 do corrente, traduz-se a seguinte nota sôbre a produção de café naquele país: "A produção de café tem aumentado gradualmente nos últimos anos. Novos arbustos têm sido plantados, de maneira que há agora uns 27.180 acres sob cultura. A procura mundial de café e o subsequente aumento de preços animaram os lavradores locais a plantar mais árvores. A exportação de café tem estado sujeita a certas restrições locais. Durante muitos anos, antes de 1950, a exportação era permitida sob a condição de que se importasse uma quantidade igual do produto, para satisfazer adequadamente as exigências do consumo doméstico."

O Salvador: Da mesma revista reproduzimos a seguinte notícia sôbre o grilo do café: "Êste inseto, uma praga que começou a assumir sérias proporções no meio de Setembro, continua causando prejuízos e muito embora tais prejuízos não tenham sido avaliados em tôda a sua extensão, alguns lavradores bem informados calculam que talvez possam causar uma diminuição adicional de uns 10% a 15% na próxima safra, além da redução de 10% que já se esperava como resultado das chuvas tardias".

Cuba: Da revista "Foreign Crops and Markets" traduz-se o seguinte artigo sôbre a safra cubana 1950/51: "Segundo os dados finais e revistos do Instituto

Cubano de Estabilização do Café, a safra 1950/51 foi de aproximadamente 547.000 sacas de 60 quilos. Essa produção junto com importações de cêrca de 105.000 sacas, deverá ser suficiente para o consumo doméstico anual e deverá permitir amplas reservas para suprir o país até que entre no mercado o café da safra 1951-52. Calcula-se que a safra 1951/52 será aproximadamente de 613.000 sacas, um pouco mais que a produção do ano anterior mas menos que a safra "record" de 1949/50. Até Outubro último pouco café tem saído das fazendas porque os lavradores esperam obter melhores preços quando, no fim do ano, os contrôles sôbre preços forem eliminados em Cuba".

Guatemala: O "Journal of Commerce", desta cidade, publicou recentemente a seguinte notícia de Guatemala City: "Informações provenientes das regiões produtoras indicam que a safra 1951/52 talvez seja a maior registrada na história dêste país. A colheita continua nas regiões de altitude até quatro mil pés e a colheita nas regiões mais altas vae começar em Dezembro e continuará até Março de 1952. Bom tempo continua ao longo da costa e o fim das chuvas nas regiões de altitude fez que os lavradores alterassem suas estimativas sôbre a safra para cima de 1.200.000 quintais calculados para esta estação. Entrementes, os preços de exportação mantêm-se firmes não se prevendo sério declínio, não obstante os resultados das negociações de paz na Coréia. Se as exportações continuarem ao nível atual, o comércio local diz que Guatemala terá provàvelmente o ano mais próspero em sua história. As exportações de café representam quase 90% do valor total das exportações de Guatemala".

O CAFÉ NA ETIÓPIA: Do boletim de Edm. Schluter & Co., Ltd., de Londres, reproduzimos o seguinte artigo sôbre a produção de café naquele país africano: "A safra 1951/52 é calculada em cêrca de 35.000 toneladas métricas ou 583.310 sacas de 60 quilos, segundo informações dignas de crédito. Durante 1950/51 as exportações de Etiopia foram no total de 479.714 sacas ao passo que a safra nesse ano fôra de 519.979 sacas. A diferença entre essas duas cifras, representa o consumo doméstico. Julga-se que devido aos bons preços atuais e a melhores meios de transporte, Etiópia vae exportar em 1951/52 um total de 516.646 sacas, ficando 66.640 sacas para consumo doméstico.

"Etiópia é uma região da qual torna-se bastante difícil obter-se informação estatística exáta. Os dados baseiam-se no calendário de Etiópia, o qual é diferente do nosso. Por outro lado, as autoridades devem ter dificuldade em avaliar a quantidade de café que sae do país para a Eritreia, Sudão e Somalilândia. A safra 1950/51 é estimada como sendo maior que a do ano anterior. Os lavradores, tal como noutros países retardaram a entrega do café esperando preços mais altos. As exportações de café para a área esterlina foram limitadas por licença com o fim de se exportar mais café aos Estados Unidos e assim obterem-se dólares. A vista desses contrôles e em presença da latitude permitida nas transações cambiais, duvida-se que o destino declarado para o café seja, com efeito, o verdadeiro mercado importador".

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ DA INDONÉSIA: Durante os primeiros oito mêses do corrente ano, as exportações de café da República de Indonésia foram no total de 248.783 sacas, comparado com a cifra de 108.413 sacas exportadas durante o mesmo período do ano passado:

Destino	Janeiro/Setembro, 1951	Janeiro/Setembro, 1950
Singapura	79.479	60.773
Itália	60.845	1.291
Holanda	45.338	37.334
Bélgica-Luxemburgo	11.639	—
Austrália	9.702	33
Reino Unido	9.284	—
França	8.406	—
Japão	5.945	—
Estados Unidos	5.632	—
Trieste	5.172	418
Ceilão	1.416	—
Tandjung Uban	1.222	1.055
Egito	818	—
Nova Zelândia	666	—
Síria e Libano	591	—
Africa do Sul	579	—
Polônia	507	—
Sião	412	—
Port Said	325	—
Marrocos Francês	247	—
Iran	175	167
Outros	382	1.666
TOTAL	248.783	108.413

N.º 754 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **7 de Dezembro de 1951**

SITUAÇÃO GERAL: Os mercados deram sinais de gradual firmeza, durante a semana, possìvelmente influenciados pelas opiniões otimistas sôbre as perspetivas econômicas para 1952 expressas tanto por banqueiros como por fabricantes. A bolsa de valores esteve forte e com cotações em moderada ascendência, ao passo que nos mercados de produtos primários os cereais continuam dando a nota de maior firmeza devido ao bom volume das exportações.

Tanto os banqueiros como os fabricantes que têm falado ùltimamente em público, dizem que 1952 será outro ano de prosperidade mas observam que o custo da vida provàvelmente subirá devido aos altos impostos federais e aos aumentos de salários e nos preços das matérias primas. Tudo isso, notam êles, contribuirá para aumentar o custo de produção.

MERCADO DE CAFÉ: Durante os primeiros três dias da semana em aprêço, notou-se uma certa diminuição na atividade e, como resultado, os preços do café cru mostraram ligeira debilidade. Essa diminuição na procura por parte dos torradores é atribuída, em parte, a reajustamento de estoques para fins fiscais, particularmente no caso daqueles torradores que têm de pagar impostos sôbre os respetivos estoques de fim de ano.

Contudo, a partir de ontem viu-se um certo aumento da procura acompanhada de preços melhores. A êsse respeito a decisão da Federação Nacional de Cafeeiros

de Colômbia de elevar os níveis de seus preços de compra no interior contribuiu bastante para a firmeza subsequente do grão nesta praça.

Na Bolsa de Café desta cidade as cotações reagiram ontem, conseguindo recuperar grande parte do terreno perdido nos dias anteriores. As cotações hoje continuaram o mesmo movimento ontem iniciado. O volume de operações, embora seja bom, registra uma cifra menor que a da semana passada. Com efeito o total das transações foi esta semna de 484 lotes em comparção com 712 lotes na semana anterior. A posição aberta voltou a registrar novo aumento e, para esta manhã, era de 2.644 lotes, ou sejam 64 lotes mais que a cifra de 2.580 registrada na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista do movimento nêste mercado, torna-se difícil estabelecer níveis gerais de preços. Há indícios, porém, de que o tipo Santos 4, depois de haver sofrido certa debilidade no decurso da semana, já está sendo negociado, outra vez, ao mesmo preço da semana passada, isto é, 50,50 c/ por libra FOB. Os cafés colombianos também mostram maior firmeza, havendo notícias de que o preço de 58 c/ por libra está dominando tanto para os disponíveis locais como para os café sôbre água, aliás com tendências para subir.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	1-12-1951	284.000	179.000	14.000	477.000
	24-11-1951	292.000	125.000	34.000	451.000
	2-12-1950	250.000	68.000	32.000	350.000
COLÔMBIA**	1-12-1951	65.940	8.535	58	74.533
	24-11-1951	123.411	10.595	2.393	136.399
	2-12-1950	24.598	20.836	——	45.434

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 1-12-1951	24-11-1951	2-12-1950
BRASIL*	Santos	1.685.000	1.733.000	1.567.000
	Rio	527.000	484.000	647.000
	Vitória	112.000	125.000	78.000
	Paranaguá	1.091.000	1.031.000	1.013.000
	Pernambuco	12.000	8.000	23.000
	Bahia	23.000	25.000	18.000
	Angra dos Reis	59.000	59.000	31.000
	TOTAL	**3.509.000**	**3.465.000**	**3.377.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	170.679	150.438	164.784
	Cartagena	72.172	67.929	86.365
	Buenaventura	138.722	89.949	76.968
	Cucuta	92.637	92.345	91.443
	TOTAL	**474.210**	**400.661**	**419.560**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
1-12-1951	25.045	40.941	10.294	76.280
24-11-1951	17.642	42.223	2.984	62.849
2-12-1950	120.235	121.223	77.335	31.873

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 48 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 7 de Dezembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Na edição de Novembro último da revista local "Tea & Coffee Trade Journal" apareceu o seguinte artigo do correspondente dessa revista em Santos, Sr. J. T. Junqueira Loureiro: "As novas condições para a aprovação de café, segundo o acôrdo feito em Junho entre os Estados com a aprovação do Ministro da Fazenda, estão apresentando agora dificuldades imprevistas que se consideram prejudiciais para a economia do país. Já em Setembro a quota de exportação de Paraná tinha sido esgotada e, êste mês, desde o dia oito, o mesmo aconteceu no Rio segundo notícias provenientes dessa capital. Portanto, novas vendas para êsse pôrto terão que ser arranjadas para novembro, dezembro e até mesmo Janeiro de 1952. Dentro de três ou quatro meses, outros países produtores poderão iniciar suas colheitas e vendê-las para os centros consumidores na época mais oportuna. O Ministro da Fazenda convidou os representantes dos Estados Produtores para uma nova reunião no Rio, com o fim de tratar das difíceis condições em que se encontram os portos de Paraná e Rio, impossibilitados de exportar o café que já foi vendido. Os armazéns do Rio pediram aos seus clientes para não encaminharem mais café para êsse pôrto à vista de que não há lugar para armazená-lo.

"Por outro lado, Santos continua perdendo clientes e a preferência dos consumidores. Assim, de 2.610.000 sacas que se esperava exportar nos meses de Julho a Setembro (à razão de 870.000 sacas por mês) apenas foram embarcadas 1.670.000 sacas, ou sejam, 940.000 sacas menos do que se havia previsto. A comparação com o período correspondente a 1950, põe em relêvo a presente situação alarmante:

Café exportado de:	Julho a Setembro, 1950	Julho/Setembro, 1951
	2.954.000 sacas	1.658.000 sacas
Diferença: **1.296.000** sacas		

"Ao regressar de uma recente viagem ao interior do Estado de São Paulo e depois de verificar a exatidão das notícias provenientes das regiões não visitadas, vejo que são verdadeiras as notícias sôbre a precária condição dos cafèzais devido à sêca prolongada. Em Outubro de 1950 disse que as notícias do interior eram desfavoráveis para a possibilidade de uma boa safra em 1951. A despeito de opiniões contrárais, nessa data, aquela previsão foi confirmada. Atualmente temos condições similares ou talvez piores que as do ano passado, de maneira que a safra 1952 em São Paulo não será tão grande como se pensava. O bicho mineiro está causando enorme prejuízo nas plantações. A sêca favorece o desenvolvimento dessa peste. No Estado de Espírito Santo a broca está causando grande destruição nos cafèzais".

O Salvador: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 26 de Novembro ultimo, reproduz-se a seguinte nota: "A safra 1950/51 rendeu 1.111.855 sacas exportáveis, cifra que é de comparar com 1.149.123 sacas em 1949/50 e com 1.223.939 sacas em 1948/49. No terceiro trimestre de 1951 a Compañina Salvadoreña de Café registrou 38.071 sacas para exportação, segundo informação fidedignas. No trimestre anterior, o registro atingiu 174.565 sacas e no terceiro trimestre de 1950 foi de 153.300 sacas. As vendas são, pois, vagarosas devido ao fato de que os lavradores têm esperança de obter melhores preços não obstante o regime de contrôle sôbre os preços nos Estados Unidos. Até ao fim de Setembro apenas tinham sido vendidas 30.705 sacas da nova safra. Quase todo êsse café destina-se aos Estados Unidos."

Costa Rica: Do boletim da firma local George Gordon Paton & Co., edição de 4 do corrente, reproduzimos a seguinte nota sôbre um novo impôsto ao café naquele país. Dizem nos de Costa Rica que o Ministro da Fazenda naquele país avisou os lavradores sôbre a sua intenção de decretar uma taxa de exportação sôbre o café. Chegou a ser mencionado um imposto de US 9.00 por 100 libras mas recentemente o Ministro parece ter mudado de idéia. Diz-se agora que o imposto máximo será de US$ 3,90 por quintal quando o preço do produto estiver a $55,00 por quintal FOB ou mais, e numa escala decrescente até zero no caso do preço baixar para menos de $30,00 por quintal. O projeto do Ministro será discutido, êste mês, no Congresso. A única interrogação é se o impôsto será retroativo e nesse caso quem o vae pagar. Quer dizer, é o lavrador ou é o exportador que vae pagar tal imposto? Diz-se que os pequenos lavradores esperam que o Congresso peça um aumento no imposto individual sôbre renda em vez de uma taxa direta sôbre o café, a qual terá de ser paga quer o lavrador tenha lucro ou perda."

República Dominicana: Segundo informa a revista "Foreign Crops and Markets" a nova safra será substancialmente maior que a colheita anterior, esperando-se que 300.000 sacas de café torrado e cru serão exportadas em 1951/52. As exportações durante 1950/51 foram de 231.361 sacas, incluindo 1.408 sacas durante Setembro último. Exportação de 193.596 quilos de café torrado para Porto Rico durante Setembro fez o total de 2.460.958 quilos em 1950/51, ou o equivalente a 48.829 sacas de café cru. As exportações de café torrado e café cru foram, pois, no total de 280.190 sacas. A Embaixada dos Estados Unidos em Ciudad Trujillo diz que a safra 1951/52 será maior e que as exportações em grande escala para Nova York deverão começar no fim de Novembro de 1951."

PRODUÇÃO NA ÍNDIA: Segundo informa o boletim de Paton, a safra 1950/51 na Índia foi no total de 312.438 sacas aproximadamente, das quais 256.131 são de Arábica e 56.307 são de Robusta. A safra 1951/52 é calculada em 372.554 sacas, das quais 270.949. Arábica e 101.606 Robusta. Durante o período Abril 1950 a Março 1951, as exportações foram de 45.142 sacas contra 5 .415 sacas em 1949/50.

Devido às perspectivas para uma safra melhor em 1951/52, foi concordado que não haveria necessidade para remanescentes da safra 1950/51. Inicialmente, 1.500 toneladas das safras 1950/51 foram postas de lado para exportação e 300 toneladas foram vendidas ao Ministério de Alimentos Inglês a £ 525 por tonelada FOB. Há meses o Governo disse que do remanescente de 1.200 toneladas para exportação, um total de mil toneladas poderá ser destinado para consumo interno."

EUROPA

Importação na Bélgica-Luxemburgo: A União Aduaneira Bélgica-Luxemburgo importou 69.350 sacas de café cru durante Setembro de 1951, com o que as importações para os primeiros nove meses do corrente ano atingem a cifra de 615.482 sacas ou seja 13% menos que o total de 710.367 sacas importadas no mesmo período do ano passado. Re-exportações de café cru em Setembro último foram no total de 11.683 sacas, das quais 10.417 entraram na França e no Saar; 800 sacas na Alemanha Ocidental; 333 sacas em Espanha; 117 sacas na Italia e 17 sacas noutros países. O quadro das importações nos dois períodos em questão é como segue:

País de origem	Jan./Setembro, 1951	Jan./Setembro, 1950
Brasil	249.367	400.799
Haiti	115.534	82.615
Congo Belga	106.268	117.700
Angola	42.132	25.167
Indonesia	22.567	1.733
Colômbia	16.052	22.965
México	14.683	6.767
Guatemala	11.134	10.300
Estados Unidos	5.666	4.517
Equador	5.516	1.417
Costa Rica	4.833	4.917
Nicarágua	4.732	4.533
Holanda	4.384	12.383
Venezuela	2.067	2.233
República Dominicana	1.867	1.885
Yemen	1.650	717
O Salvador	1.333	400
Keniya e Uganda	1.067	1.066
Índia	984	167
Aden	917	533
Liberia	634	516
Nigeria	533	400
Ruanda-Urundi	300	25
Saudi Arabia	200	216
Ianganyika	67	—
Outros	999	6.402
Total	**615.482**	**710.367**

N.º 755 CARTA SEMANAL DO MERCADO 14 de Dezembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana despertou natural interêsse o telegrama do Brasil revelando a posição estatística relativamente à safra 1951-52 segundo a Divisão da Economia Cafeeira. As cifras sôbre o total disponível em 30 de Novembro de 1951 indicam que o café despachado do interior e para ser liberado atinge o total de 6.128.000 sacas de 60 quilos; que o café armazenado nos portos

é de 3.011.000 sacas e que a quantidade ainda por encaminhar do interior aos portos, entre Dezembro de 1951 e Junho de 1952, é de 2.186.000 sacas.

As cifras acima mostram um total disponível de 11.325.000 sacas em 30 de Novembro de 1951. Durante o período Julho/Novembro de 1951, inclusive, foram exportadas 7.248.000 sacas ao passo que 355.000 sacas foram consumidas localmente. Assim, 7.603.000 sacas foram retiradas daquele total geral.

O significado dêsses dados ressalta melhor à vista quando se comparam com as cifras correspondentes ao movimento de café da safra anterior. Durante o período compreendido de 1.º de Julho de 1950 a 30 de Junho de 1951, o total dêsse café atingia 17.450.000 sacas das quais 16.593.000 sacas representavam exportações e 857.000 sacas representavam o consumo doméstico. Aquela cifra de 17.450.000 sacas significa, pois, uma média mensal de 1.454.000 sacas para exportação, consumo nos portos e cabotagem.

Durante os primeiros cinco mêses do presente ano de safra, a média mensal do café exportado, consumido nos portos e cabotagem atinge a cifra de 1.520.000 saças. Admitindo a hipótese dessa média ser mantida durante os restantes sete mêses do atual ano de safra, o Brasil teria exportado 10.640.000 sacas até Junho de 1952 e ficaria unicamente com estoques de 685.000 sacas para essa mesma data.

Por outro lado, se considerarmos que de 1.º de Dezembro até 30 de Junho de 1952 o total disponível no Brasil atinge 11.325.000 sacas e que já foram despachadas 7.603.000 sacas até 30 de Novembro último, o total disponível para o ano 1951-52 é de 18.928.000 sacas. À vista de que os estoques no Brasil em 30 de Junho último eram de 5.828.000 sacas, deduz-se que a safra 1951-52 apenas será de 13.100.000 sacas exportáveis, indicando, assim, uma diminuição de 1.700.000 sacas relativamente ao total que em 2 de Agôsto último anunciou a Divisão da Economia Cafeeira como safra exportável para 1951-52 cuja cifra era então de 14.800.000.

Por consequência, descontando do total disponível no Brasil da safra 1951-52 a quantidade que o país necessita para atender o consumo nos portos e para cabotagem (ao redor de 900.000 sacas) ficariam apenas para exportação 18.028.000 sacas, **incluindo todo o café no Brasil.** Na base mundial e tomando em conta os dados mais recentes que se conhecem, o total disponível para o consumo durante o ano agrícola em curso atinge 34.728.000 sacas, cifra essa que é de comparar com os 37.841.000 sacas que, nas mesmas bases estiveram disponíveis para o consumo mundial em 1950-51.

MERCADO DE CAFÉ: Durante a semana em revista o mercado físico do produto manteve-se calmo ao passo que o têrmo mostrou maior atividade acompanhada de firmeza nas cotações. A procura pelo grão continuou limitada à vista de que os torradores estão mantendo a baixo nível seus estoques do fim de ano. Porém, a atividade foi maior do que a da semana passada e consequentemente os preços melhoraram ligeiramente. O Santos 4 foi negociado a 50,65/c FOB e os colombianos a 58,25/c para embarque imediato.

No têrmo local houve maior atividade acompanhada de bom volume. Foram negociados 744 lotes em comparação com 484 na semana anterior. A posição aberta continuou aumentando pela terceira semana consecutiva e esta manhã era de 2.726 lotes em comparação com 2.644 na semana passada. A firmeza nas cotações ontem e hoje deve ser atribuida, à falta de outros motivos imediatos, à interpretação dada pelo comércio local aos dados revelados pela Divisão de Economia Cafeeira sôbre os quais fizemos os comentários acima.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
		Dados Semanais — Destinos Principais			
BRASIL*	8-12-1951	292.000	197.000	35.000	524.000
	1-12-1951	284.000	179.000	14.000	477.000
	9-12-1950	177.000	58.000	18.000	253.000
COLÔMBIA**	8-12-1951	166.813	1.989	7.444	176.000
	1-12-1951	65.940	8.535	58	74.533
	9-12-1950	69.201	8.493	3.814	81.508
	Dados Mensais				
BRASIL*	Novembro, 1951	1.008.000	644.000	73.000	1.725.000
	Outubro, 1951	1.089.000	348.000	155.000	1.792.000
	Novembro, 1950	713.000	375.000	163.000	1.251.000
COLÔMBIA**	Novembro, 1951	385.414	31.974	7.587	424.975
	Outubro, 1951	383.611	56.794	9.807	450.212
	Novembro, 1950	212.642	65.371	8.091	286.104

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 8-12-1951	1-12-1951	9-12-1950
BRASIL*	Santos	1.735.000	1.685.000	1.562.000
	Rio	411.000	527.000	654.000
	Vitória	121.000	112.000	73.000
	Paranaguá	1.044.000	1.091.000	944.000
	Pernambuco	11.000	12.000	26.000
	Bahia	23.000	23.000	17.000
	Angra dos Reis	53.000	59.000	31.000
	Total	**3.398.000**	**3.509.000**	**3.307.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	144.193	170.679	165.713
	Cartagena	67.207	72.172	86.365
	Buenaventura	90.710	138.722	79.503
	Cucuta	92.345	92.637	95.293
	Total	**394.455**	**474.210**	**426.874**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pêsos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
8-12-1951	47.917	53.271	18.851	120.039
1-12-1951	25.045	40.941	10.294	76.280
9-12-1950	117.494	119.231	84.342	321.067

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a retificação.

N.º 49 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 14 de Dezembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

O Salvador: De uma recente edição da revista "Lamatepec", de O Salvador, reproduzimos o seguinte artigo sôbre a cultura de café naquele país: "A cafeicultura na América Central tende a assumir proporções de uma verdadeira ciência agrícola. Neste país, por exemplo, as experiências realizadas no Centro Nacional de Agronomia revelam que o velho costume de adubar a terra por meio de covas consome muito tempo e prejudica as árvores. Êsses estudos mostraram, outrossim, que tal método de adubação está baseado em falsas premissas. As raízes cortadas durante a excavação raras vezes voltam a crescer. Consequentemente chegará o dia em que a árvore fica privada das raízes que necessita para penetrar até a profundidade onde se encontram os elementos nutritivos e a água. Outro costume, igualmente nocivo, é o da limpeza total que se encontra generalizado nas plantações de O Salvador. Durante essa limpeza muitas raízes superficiais do cafeeiro são destruídas, ou ficam expostas à ação do vento, da chuva e do sol. Dessa forma a limpeza total parece anular qualquer valor que o sistema das covas ao redor do tronco poderia ter no sentido de conservar o solo e água. A análise química da matéria orgânica decomposta nas covas, mostrou que existe ali bastante alimento para a planta. Porém, a análise também mostrou que não existe lixiviação para o solo que rodeia as covas nem tampouco das camadas inferiores da terra para a superfície. Dessa maneira, embora as covas tenham sido ideadas para armazenagem de alimentos para a planta, pouca ou nenhuma matéria nutritiva chega à planta em virtude de seu sistema radicular de alimentação encontrar-se à superfície.

"Em recentes estudos do Centro Nacional de Agronomia sôbre os métodos de cultura e sua influência no rendimento do cafeeiro, decidiu-se fazer experiências com 'mulche', o qual consiste em uma camada ligeira de palha cobrindo folhas do cafeeiro e das árvores de sombreamento. Êsse método permite que as raízes da planta fiquem intactas ao mesmo tempo que as matérias orgânicas são espalhadas uniformemente pelo solo. O resultado imediato dêsse método, foi o aumento de 100% no rendimento dos cafeeiros. E' evidente que a acumulação de um 'mulche' produz todos os efeitos que se pretendiam obter com as covas de adubação ao redor do tronco da árvore mas sem as despesas da excavação e sem os prejuízos causados pela destruição das raízes de alimentação. Ainda mais importante é o fato de que por meio dêsse método os elementos nutritivos para a planta estão na camada superior do solo e em contacto com o sistema radicular de alimentação. Os lavradores locais ficaram impressionados com os resultados do trabalho do Centro Nacional de Agronomia e alguns estão já abandonando o sistema antigo de limpeza total e de covas para adubação."

GUATEMALA: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 3 do corrente, reproduzimos a seguinte nota sôbre a safra de café naquele país: "Calcula-se que a safra 1951-1952 será de 1.050.000 sacas de 60 quilos. Os lavradores e exportadores são de opinião que a safra exportável será de umas 900.000 sacas. Durante o ano de safra 1950/51 (do 1.º de Outubro de 1950 a 30 de Setembro de 1951) foram exportadas 818.244 sacas, o que representa pouco mais ou menos 17% de redução relativamente ao ano anterior. O principal importador de café guatemalteco

em 1950/51 foram os Estados Unidos, os quais importaram 761.573 sacas de café dessa origem. E' interessante notar que nos primeiros nove meses de 1951 as exportações de café de Guatemala foram avaliadas em $55,926,000 ou seja uma quantia maior, em $3,170,000 que o valor total das exportações do ano civil 1950 não obstante ter havido uma redução no volume de café. Cálculos feitos indicam que as exportações de 1952 poderão atingir uns $60,000,000 para o fim do ano. O valor das exportações em 1952 quiçá seja superior ao do presente ano, apesar de que se calcula uma safra menor do que a colheita de 1950/51".

Costa Rica: A revista "Foreign Commerce Weekly", edição de 3 do corrente, informa que segundo o decreto publicado na "La Gaceta" de 31 de Outubro último, foi proibida a importação nesse país de sacas de café já usadas bem como a importação de produtos agrícolas em sacas que não sejam completamente novas. O decreto em questão estipula que outras sacas usadas podem ser importadas sob condição que sejam previamente fumigadas mas, sob nenhumas condições, poderão ser usadas para café.

ESTADOS UNIDOS

Inflação e o Valor do Dinheiro: Na carta mensal que publica o National City Bank of New York apareceu um interessante artigo sôbre a depreciação do valor do dinheiro através do mundo. Nêsse artigo faz-se referência a um estudo sôbre a matéria pelo Professor Summer H. Slichter, da Universidade de Harvard, com as seguintes observações: "Evidentemente, o que o professor Slichter prevê é que o Govêrno, por meio de uma combinação de financiamento à custa de deficits orçamentais e crédito fácil estará preparado para aumentar o meio circulante sempre que os negócios se contraiam e assim tentar manter uma prosperidade perpétua baseada numa moeda em contração. O professor Slichter é de opinião que há um "limite de tolerância" na depreciação do dólar de talvez 3 ou 4% por ano. Uma depreciação de 3½%, composta, fará dobrar o nível de preços e provocará uma perda de 50% no valor do dólar cada vinte anos. Para além dessa percentagem, o professor Slichter receia que o público sucumba ao pânico e comece a trocar o dinheiro por mercadoria, precipitando, assim, uma inflação desenfreada". A seguir apresenta-se o quadro compilado pelo National City Bank of New York sôbre a redução no valor do dinheiro desde 1939 a 1951, medida pelo nível de preços dos artigos de consumo ou pelo custo da vida:

Países	% de Redução*	Países	% de Redução*
Suiça	39,5	Colômbia	71,6
África do sul	41,6	Argentina	73,4
Suécia	43,7	Espanha	73,4
Canadá	45,4	Bélgica	74,8
Estados Unidos	46,1(**)	México	74,8
Inglaterra	48,5	Brasil	76,3
Uruguai	49	Chile	85,3
Austrália	50	França	94,6
Holanda	61,1	Itália	98,1
Egito	68,1	Japão	99,3
Índia	68,5	Grécia mais de	99,9
Turquia	71,1	China " "	99,9

EUROPA

Inglaterra: O boletim de Edm. Schluter & Co., de Londres ,edição de 1.º de Dezembro, diz o seguinte sôbre a situação do café naquele país e na Europa em geral: "Os negócios continuam calmos com moderadas flutuações e sem qualquer sinal quanto a tendência definida nos preços. Embora tenha havido pouca pressão nas ofertas e os colombianos tivessem de fato adquirido firmeza para o fim de Novembro, os compradores mostram pouco interêsse. O café brasileiro tem se mantido razoàvelmente firme. As cifras de importação recolhidas até a data, levam-nos a prever uma importação mundial de aproximadamente 30 milhões de sacas, das quais os Estados Unidos provàvelmente comprarão cêrca de dois terços. A produção exportável continua mais ou menos ao nível com aquela cifra. À vista dêsse fato os preços atuais deverão ser mantidos, muito embora alguns observadores se mostrem inclinados a pensar que tais preços tenderão a baixar.

"A importação de café na Europa continua sendo governada, sobretudo por considerações cambiais. O Ministério dos Alimentos na Inglaterra fez de novo pequenas compras de café de Paraná mas dificuldades operárias nas docas de Londres estão preocupando os importadores ingleses. Alguns torradores calculam que as vendas de café torrado no varejo sejam 20% abaixo do ano passado. Por êsse motivo alguns observadores pensam que os estoques talvez estejam subindo".

(*) Percentagem de redução no valor da moeda até Junho de 1951.

(**) Percentagem de redução no valor do dólar até Outubro de 1951 foi de 47,0.

N.º 756 CARTA SEMANAL DO MERCADO 21 de Dezembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: A semana presenciou maiores oscilações nas bolsas de produtos primários, ao passo que a bolsa de valores continua mostrando decidida estabilidade. O único acontecimento que poderá eventualmente exercer influência sôbre a economia, foi a decisão dos principais bancos de Nova York de aumentar a taxar de juros para seus empréstimos. Essa decisão denota, à primeira vista, uma situação de relativa escassez de dinheiro que poderá afetar não só a economia dêste país como também a do mundo.

MERCADO DE CAFÉ: O mercado, durante a semana em revista, esteve sob a influência de fatores poderosos especialmente no que ao termo local. Resumindo os acontecimentos, as cotações no Contrato "S" haviam começado a subir na quinta-feira anterior, tendo atingido na segunda-feira última o ponto mais alto nesse avanço, devido sobretudo ao conhecimento das cifras reduzidas sôbre os estoques de café no Brasil.

Aquele movimento altista foi naturalmente exagerado pelos rumores que circularam aqui no princípio da semana corrente sôbre a possibilidade da suspensão dos preços "tetos" nos Estados Unidos e também pela falsa informação de que o Governo brasileiro estaria intervindo diretamente no mercado com o fim de manter os preços atuais. Êsses rumores foram categòricamente desmentidos na terça-feira última tanto pelo Escritório de Estabilização de Preços como pelo Ministro da Fazenda no Brasil.

Como resultado dêsses desmentidos o impulso especulativo altista desapareceu e as cotações imediatamente começaram a baixar. A baixa foi, porém ,acelerada

por um bom número de liquidações para realizar lucros. Essa descida nos preços continuou na quarta-feira e durante a manhã de quinta-feira mas para o fim da sessão dêsse mesmo dia começou a formar-se um movimento de reação baseado, ao que parece, na convição de que a baixa havia sido excessiva. Hoje pela manhã êsse movimento de firmeza continuou em evidência, tendo as cotações ganho cerca de 35 pontos no momento em que escrevemos esta CARTA. O preço para a posição imediata de Dezembro chegou a 55,50/c ou seja .28/c abaixo do nível máximo que atingira durante aquele movimento altista.

O volume de transações durante o período em apreço foi o mais alto que se registrava desde há anos, tendo sido negociados até ao fim da sessão de ontem 1.578 lotes. A posição aberta continuou em expansão, sendo esta manhã de 2.773 lotes em comparação com a cifra de 2.726 lotes na sexta-feira da semana passada.

Êsse aumento na posição aberta deve ser interpretado como indicação de firmeza e confiança no mercado da rubiácea à vista de que o forte movimento de liquidações para realizar lucros provocado pelo avanço das cotações, foi já classificado pelos observadores do mercado como tendo sido verdadeiramente substancial.

Por outro lado, a firmeza no mercado do grão foi menos evidente devido, ao que parece, a uma certa pressão de vender por parte dos países produtores, a qual é atribuída a motivos fiscais de fim de ano.

Tal como sempre sucede em similares períodos de transição, torna-se naturalmente difícil estabelecer níveis gerais de preços neste momento. Por consequência, e a título puramente informativo, poderemos mencionar que o Santos 4 anda ao redor de 51/c FOB ao passo que os cafés colombianos são cotados em geral de 58/c a 58-1/4/c na base sôbre água.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas terminadas em:	**Estados Unidos**	**Destinos Principais**		
			Europa	**Outros**	**Total**
BRASIL*	15-12-1951	308.000	111.000	5.000	424.000
	8-12-1951	292.000	147.000	35.000	524.000
	16-12-1950	183.000	65.000	16.000	264.000
COLÔMBIA**	15-12-1951	128.530	1.945	3.650	134.125
	8-12-1951	166.813	1.989	7.444	176.246
	16-12-1950	68.797	3.387	1.306	73.490

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas findas em:		
	Portos	**15-12-1951**	**8-12-1951**	**16-12-1950**
BRASIL*	Santos	1.731.000	1.735.000	1.722.000
	Rio	495.000	411.000	667.000
	Vitória	123.000	121.000	81.000
	Paranaguá	1.031.000	1.044.000	943.000
	Pernambuco	11.000	11.000	24.000
	Bahia	22.000	23.000	18.000
	Angra dos Reis	33.000	53.000	35.000
	Total	**3.446.000**	**3.398.000**	**3.495.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	157.396	144.193	162.229
	Cartagena	75.715	67.207	86.822
	Buenaventura	72.987	90.710	85.530
	Cucuta	92.045	92.345	96.284
	Total	**398.143**	**394.455**	**430.865**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
15-12-1951	66.438	51.121	21.805	139.364
8-12-1951	47.917	53.271	18.851	120.039
16-12-1950	109.720	116.278	80.913	306.911

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	Novembro, 1951	Outubro, 1951	Novembro, 1950
1949-50			52.000
1950-51	304.000	714.000	
1951-52	4.184.000	4.350.000	6.012.000
Total	**4.488.000**	**5.064.000**	**6.064.000**

Despachos por estrada de ferro durante 1.º de Julho a 30 de Novembro de 1951, para:

Santos	5.149.000
Rio	570.000
Angra dos Reis	45.000
Outros (***)	149.000
Total	**5.913.000**

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 50 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 21 de Dezembro de 1951

ESTADOS UNIDOS

Comentários Sôbre o Mercado: A firma local de corretores, Merril Lynch, Pierce, Fenner & Beane, dizia o seguinte em seu recente boletim sôbre o mercado de café: "O termo esteve um pouco mais ativo devido, ao que parece, a contínua e persistente atividade de compra por parte de interêsses brasileiros, o que induziu certa cobertura especulativa de vendas a descoberto. O comércio continua vendedor e essa transferência de vendas a descoberto para mãos mais firmes, dá fôrça adicional a sua posição mas enfraquece técnicamente o mercado. Alguns observadores vêem estreita relação entre as dificuldades financeiras de certas firmas no Brasil e essa atividade de interêsses amistosos no termo local.

"Durante as últimas doze semanas, o Contrato de Dezembro 1951 tem oscilado numa margem estreita de uns 53/c ao passo que no mesmo período a posição

aberta aumentou em mais de 300 lotes. O comércio local tem sido o principal vendedor mas interêsses representativos do produtor continuam comprando e muitos observadores estão perguntando o que vae suceder se, por qualquer razão, aquele apôio fôr retirado. A reação da semana passada surpreendeu alguns observadores mas a verdade é que raciocíneos baseados em estatísticas jamais forçarão o mercado a avançar quando há outros que pensam de maneira oposta. Os especuladores não gostam de ver o mercado caminhar no sentido oposto aos seus interêsses e o recente avanço forçou algumas compras de vendas a descoberto. Mas quanto mais durar essa atividade de cobertura, mais enfraquecerá a posição técnica do mercado. A justificação do atual nível de preços continua sendo um ponto de discussão e os bons descontos nas posições mais distantes parecem ser indicação da mesma incerteza. Pareceria absurdo vender a posição de Dezembro 1952 a cinco centavos abaixo da posição de Dezembro 1951 se não se esperasse realizar um lucro na transação. Essa atitude tem persistido desde que o mêdo dos preços tetos desapareceu, mas cada mês que passa encontramos a posição mais próxima liquidar de 52,50/c a 55/c. O mercado do grão manteve-se firme êste verão quando o têrmo caiu, mas diz-se agora que chegou a hora em que o mercado brasileiro vae passar por um 'test'. Isso não envolverá menor reajustamento ao zig-zag horizontal de hoje mas sim uma re-avaliação daquele nível de preços."

AFRICA

Produção no Congo Belga: O Departamento de Estado em Washington divulgou recentemente a seguinte nota sôbre a situação do café naquela colónia belga: "Autoridades agrícolas e associações de lavradores dizem que as condições têm sido normais durante a presente safra. Contudo, estima-se que a produção será menor que a safra anterior devido a fatores que re-aparecem com certa regularidade de safra para safra. Parte da redução geral foi, porém, compensada pelo café de novas plantações. Mas as plantações mais recentes só produzirão para 1952. A produção total, êste ano, será portanto inferior a 547.257 sacas que constitue a cifra revista para 1950. A maior parte da safra será exportada, de vez que o consumo local é insignificante, não devendo exceder 600 toneladas métricas. Não há remanescentes de safras anteriores e o café está em movimento do interior e dos portos normais de exportação.

"As cifras revistas sôbre as exportações de café do Congo Belga e Ruanda-Urundi em 1949 são de 27.530 toneladas métricas ou 458.842 sacas de 60 quilos a que se deve juntar cêrca de 500 toneladas de consumo local, dando assim uma produção total para aquele ano de 467.175 sacas. Em 1950 as cifras revistas indicam exportação de 538.923 sacas e 500 toneladas para o consumo local, ou seja umaprodução total de 547.257 sacas. As estimativas sôbre o corrente ano indicam ligeira redução na safra e consequentemente menos café exportável mas espera-se que o consumo local atinja umas 600 toneladas métricas.

"O total das exportações de café cru do Congo Belga e Ruanda-Urundi durante o primeiro semestre de 1951 foi de 207.771 sacas no valor de 566 milhões de francos (Congo Belga). Êsse total de café cru exportado é muito inferior à cifra de 224.264 sacas exportadas durante o primeiro semestre de 1950 embora o valor em francos seja maior que os 423 milhões de francos do primeiro semestre do ano passado. Essa redução é explicada pelo baixo nível da água nos rios no nordeste do Congo durante a primavera dêste ano. A colheita de Robusta, que predomina naquela região, é completada em Fevereiro e os rios são usados para transportar o produto para os centros de beneficiamento perto de Leopoldville. Como isso não foi possível êste ano, o café só começou a chegar a Leopoldville em Setembro."

ÍNDIA

Cultura de Café à Sombra: Do boletim do "Indian Coffee Board" reproduzimos os seguintes trechos de um interessante artigo do Sr. E. F. Studer sôbre a cultura de café sombra: "Quando o café é cultivado sem árvores de sombreamento, tal como sucede no Brasil, a terra fica cansada relativamente em pouco tempo, tornando necessária a transferência de plantações para terras novas. Há mais de um século que a Índia produz café e a terra não apresenta sinais de esgotamento. A árvore poderá mostrar sinais de enfraquecimento devido a diversas causas e necessitar substituição, mas o solo mantém sua fertilidade e continua em condições de produzir café. A explicação reside no fato de que o cafeeiro é cultivado à sombra.

"A crise econômica de antes da guerra e depois a escassez de mão de obra forçaram muitos lavradores a reduzir as árvores de sombreamento com o fim de obter maiores safras, mas essa medida teve efeitos adversos nos cafezais. O primeiro objetivo do sombreamento é evitar a perda de terra pela erosão, a qual tinha destruído tantas plantações nos primeiros tempos da cafeicultura na Índia, especialmente nas regiões de Malabar-Wânaad e no ocidente de Goorg Ghauts. Mas tal não sucedeu na região de Mysore onde o costume de cultivar café à sombra foi adotado pelos pioneiros da cafeicultura.

"Outra vantagem do sombreamento é o enriquecimento do solo pelas folhas e outras matérias das respectivas árvores. Outrossim, não deve esquecer que as árvores de sombreamento proporcionam abrigo a numerosas variedades de aves que dão prazer à vista e ao ouvido, mas que são sobretudo de incalculável valor como destruidores de insetos nocivos ao café e como preciosos auxiliares na adubação dos cafezais. O Dr. Chokkanna calcula que a matéria fertilizante que proporciona a árvore de sombreamento representa cerca de 10.000 lbs. por acre anuais nos cafezais mais sombreados. O valor dessa matéria fertilizante é igual a 120 lbs. de nitrogênio; 70 lbs. de potassa e 20 lbs. de ácido fosfórico.

"A "Ainda outra vantagem do sombreamento consiste em evitar qualquer excesso de temperatura e consequente perda de humidade do solo. Sabe-se que a diferença em temperatura entre um solo exposto ao sol e outro protegido pela sombra na mesma plantação pode subir a 60 graus F. durante o dia. A terra muito seca afeta a árvore produtora pois impede o livre acesso do ar para as raízes ao passo que a reserva de água diminue e as raízes de alimentação perto da superfície secam.

"O vento seca a terra, especialmente o vento sêco do oriente rouba à terra grandes quantidades de água. Árvores de sombra estratègicamente plantadas nos cafezais protegem o cafeeiro não só contra os raios do sol como também contra o vento que seca o solo. A falta de proteção contra o sol e contra as chuvas tropicais podem causar grande destruição nos cafezais. A sombra também proporciona a atmosfera favorável que é indispensável para a atividade dos micro-organismos que transformam os elementos fertilizantes na terra em alimento assimilável pelo cafeeiro. Nas terras altas sujeitas a geadas, o sombreamento constitue um elemento importante para a proteção do cafeeiro.

"Essas múltiplas vantagens da árvore de sombreamento justificam absolutamente Elliot quando êle disse que a questão principal em cafeicultura é o **sombreamento.**"

EUROPA

O Café na Suécia: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, edição de 18 do corrente, reproduzimos o seguinte: "Um importante comerciante de Stockholm escreve-nos o seguinte: "O consumo de café é agora livre. Os preços, porém, são considerados altos pelo público e provàvelmente o nível de consumo que prevalecia antes da guerra não poderá ser atingido ainda. Café cru é importado sobretudo do Brasil sob a formalidade de licença de importação. Da Colômbia, o café é importado numa base de quota. As quotas atuais duram até ao fim de Dezembro. Nada foi decidido ainda sôbre quotas ulteriores, mas espera-se que novas quotas serão permitidas, de vez que a Colômbia está comprando produtos suecos. Outros cafés que podem ser comprados sem quaisquer restrições são: Kenyas, Ugandas, Tanganyikas, mas o volume de tais compras não é muito alto. Os tratados comerciais com a Bélgica, Holanda e França também estipulam a compra de seus cafés coloniais."

N.º 757 CARTA SEMANAL DO MERCADO 28 de Dezembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Ao passar em revista as atividades econômicas do país durante o ano, o Secretário de Trabalho, Sr. Tobin, disse que a cifra total sôbre a produção vae exceder em 10% a do ano passado e que, em comparação com o volume da produção nacional em 1944 — o período da maior atividade durante a guerra mundial — o ano expirante vae registrar, também, um aumento de pelo menos 5%.

Falando em termos gerais sôbre o movimento dos negócios durante êste ano, que presenciou, primeiro, "corridas" as lojas e depois "guerras de preços" num ambiente de contínuas ameaças inflacionistas, o Sr. Tobin disse, porém, que o público americano mostrou grande moderação e perspicácia em suas aquisições, de vez que os consumidores conseguiram economizar oito dólares em cada $100. em contraste com cinco dólares em cada $100. durante o ano passado.

Ao referir-se ao novo ano, o Secretário de Trabalho predisse que os níveis "record" conseguidos em 1951 provàvelmente seriam ultrapassados no que respeita a produção industrial, renda individual, despesas e investimentos.

Por outro lado, e até certo ponto refreando aquêle otimismo de Washington, os circulos particulares chamam a atenção para o fato de que o país terá de enfrentar as consequências de um programa de impostos elevadíssimos ao passo que o programa de rearmamento encontra-se bastante atrasado. Êsse atraso na realização dos planos de defesa, significa que ao considerarem-se as perspetivas econômicas para 1952, haverá que tomar em conta o fato de que qualquer intensificação do trabalho para a defesa vae fatalmente implicar uma redução proporcional na produção de artigos para o consumo da população civil, não obstante o fato da indústria estar trabalhando a plena capacidade.

Como 1952 é o ano da eleição presidencial — acontecimento de grande importância — e à vista de que se espera uma campanha eleitoral mais violenta por parte de ambos partidos os quais vão, ao que parece, apresentar plataformas muito melhor definidas, é muito provável que ocorram oscilações acentuadas nos índices dos vários mercados de acôrdo com a sorte dos respectivos partidos na contenda eleitoral.

MERCADO DE CAFÉ: A despeito de ter havido apenas três dias de negócios no decurso da semana, o mercado de café registrou boa atividade particularmente no termo local. Devido a boa procura pelo produto por parte dos torradores, os preços tanto no mercado físico como no termo mostraram notàvel firmeza apenas com oscilações insignificantes.

O número total de transações no Contrato "S" da Bolsa de Café e Açucar desta cidade atingiu 892 lotes durante os três dias em que a Bolsa esteve aberta. Exceto a baixa aliás insignificante na posição de Julho, todas as posições registraram ganhos de 10 a 44 pontos em comparação com o encerramento de quinta-feira da semana passada. Os contratos pendentes de entrega voltaram a aumentar se bem que em menor escala que na semana anterior. Esta manhã o número de contratos pendentes somava 2.788 lotes em comparação com 2.773 na semana passada, ou seja um aumento de 15 lotes.

O mercado de grão mostrou maior firmeza que na semana passada e pode se dizer que os ganhos conseguidos foram de maneira geral uniformes para os principais tipos de café. O tipo Santos 4, na base FOB é cotado, neste momento, a níveis não inferiores a 51,25/c, ao passo que os colombianos são em geral mencionados ao redor de 58,50/c na base ex-doca Nova York sôbre água.

NOTA: Na CARTA anterior, ao fazer-se referência ao movimento da Bolsa local saiu, por lapso, a seguinte linha: "O preço para a posição imediata de Dezembro chegou a 55,50/c ou seja .28/c abaixo do nível máximo que atingira durante aquele movimento altista." Como é óbvio, a referência alí dizia respeito ao nível máximo dos preços "tetos" nos Estados Unidos o qual é, como se sabe, 55,78%. Do lapso pedimos desculpa aos leitores.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
		Dados Semanais			
		Destinos Principais			
BRASIL*	23-12-1951	139.000	184.000	45.000	368.000
	15-12-1951	308.000	111.000	5.000	424.000
	23-12-1950	155.000	88.000	25.000	268.000
COLÔMBIA**	23-12-1951	88.211	8.336	3.191	99.938
	15-12-1951	128.350	1.945	3.650	134.125
	23-12-1950	80.398	4.734	1.616	86.748

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 22-12-1951	15-12-1951	23-12-1950
BRASIL*	Santos	1.818.000	1.731.000	1.735.000
	Rio	577.000	495.000	699.000
	Vitória	116.000	123.000	85.000
	Paranaguá	1.070.000***	1.031.000	914.000
	Pernambuco	11.000	11.000	25.000
	Bahia	22.000	22.000	17.000
	Angra dos Reis ...	35.000	33.000	35.000
	Total	**3.649.000**	**3.446.000**	**3.510.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	147.336	157.396	157.090
	Cartagena	73.475	75.715	82.015
	Buenaventura	110.915	72.987	70.809
	Cucuta	93.220	92.045	94.488
	Total	**424.946**	**398.143**	**404.483**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
22-12-1951	89.415	56.232	23.723	169.370
15-12-1951	66.438	51.121	21.805	139.364
23-12-1950	103.396	111.893	75.298	290.587

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Das quais 650 liberadas e 420 por liberar.

N.º 51 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 28 de Dezembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, publicado pela Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, reproduzimos os seguintes trechos de um artigo que alí apareceu em Agôsto último, da autoria do Sr. J. Testa, redator-chefe do referido Boletim, sôbre a possibilidade de se intensificar a exportação de café para a Europa:

"Insistem, todos os brasileiros que vão à Europa, na necessidade de uma propaganda do nosso café no velho continente. Informam-nos êles que, salvo raras exceções, o líquido que se ingere, nos cafés, hoteis e restaurantes, com o nome de café, contém às vezes bem pequena porcentagem da per-

fumada rubiácea. Já pelas dificuldades de aquisição, no tempo da guerra e logo após, já devido ao hábito, muito arraigado entre os europeus, de adicionar ao pó de café chicórea torrada e outros ingredientes, o fato é que o licor negro que servem aos consumidores só raramente contém café.

"Necessário se torna, pois, que uma bem orientada e persistente campanha de propaganda seja alí feita, a qual deverá exercer-se em todos os setores, começando por um trabalho diplomático no sentido de atenuar, nos casos em que seja possível, os pesados impostos aduaneiros, continuando no setor da distribuição, da qualidade do produto, da forma de o preparar, e terminando por uma bem feita persistente campanha publicitária, a qual deveria, tanto quanto possível, ser realizada em colaboração com o comércio distribuidor e organizada em cooperação com todos os países produtores.

"Em todo êsse conjunto, há um ponto que vem sendo muito focalizado, e é o que se refere ao trabalho feito por interessados ligados aos três grandes portos de Londres, Havre e Antuerpia, especialmente os dois últimos, no sentido de conseguir a importação e a distribuição da maior quantidade possível do nosso grande produto. Relativamente ao aparelhamento portuário e à capacidade de financiamento, todos os três reunem excepcionais condições. Com referência ao mercado interno de que dispõem, Havre e Antuerpia levam maior vantagem, o primeiro por ser o maior importador na grande área consumidora representada pelo mercado francês e o segundo por ser um redistribuidor de tôda a Europa Central, sendo a própria Bélgica um grande centro de consumo.

"O Haiti primeiramente, e agora a Colômbia, já estão dedicando ao mercado europeu a importância que êle merece, não apenas fornecendo um bom produto nas casas de consumo, como também servindo-se adequadamente dos portos, principalmente dos portos francos. O Brasil, preocupado apenas com os dólares, ainda não enveredou por êsse caminho. Mas, deverá fazê-lo por todos os motivos, e, quanto mais cedo melhor.

"O fator mais importante, entretanto, nas nossas exportações para o velho mundo, é a considerável importância que assumiu o porto de Antuerpia, nos últimos tempos. Aliás, sempre foi ela ponderável, como acima dissemos, pois o grande porto belga, muito bem situado e aparelhado, bem assistido de financiamento e possuidor de ótimos comerciantes e redistribuidores, constituiu sempre um dos melhores da Europa Central e da própria Bélgica, grande país consumidor. Essa importância de Antuerpia, todavia, muito aumentou com o fim da guerra. Basta dizer que, antes do conflito, por exemplo nos anos de 1935 e 1938, êle nos adquiriu, respectivamente, 432.528 em um total de 5.522.866 e 392.220 e um montante de 6.843.209. Foram, pois, cerca de 6% e de 8%. A partir de 1946, essa porcentagem cresceu enormemente, atingindo a cerca de 24% nesse mesmo ano de 1946, a 22% em 1947, a 27% em 1948 e a 23% em 1949, descendo em 1950 a cerca de 12%.

"A Europa está madura para restabelecer suas grandes aquisições da rubiácea, anteriores à guerra. Temos experimentado algumas dificuldades na colocação de nossa atual safra, nas condições de presteza e de preços que desejaríamos. Superprodução não existe, imediata, mas temos que nos prevenir quanto ao futuro. E o grande mercado europeu lá está à nossa espera. A espera de que nos decidamos a reconquistá-lo."

República Dominicana: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 24 do corrente, reproduz-se o seguinte sôbre a safra naquele país: "A nova colheita começou nos últimos mêses de verão e continuou em Outubro, havendo esperanças de se poder exportar uma grande parte da safra em breve. Os resultados preliminares não corresponderam às estimativas prévias, pois há dúvida de que a safra exportável 1951-52 chegue aos 300.000 sacas que se haviam previsto há meses. Durante Outubro último, as exportações de café torrado foram de 162.237 quilos e as exportações de café cru ùnicamente de 20.140 quilos."

ESTADOS UNIDOS

Preços dos Produtos Agrícolas: O boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, fez recentemente uma comparação dos preços dos produtos agrícolas atualmente com os preços que regiam há ano e meio, isto é, antes da guerra na Coreia. Dessa comparação vê-se que a maior parte dos produtos agrícolas avançou mais, numa base de porcentgem, do que o café, como se vê pelo quadro seguinte:

PRODUTO	Preço em 23/6/50	Preço em 19/12/51	Porcentagem de +
Borracha	23,75/c	52,00/c	+119%
Centeio	138-1/4/c	211,50/c	+53%
Feijão soja	209-3/4/c	301,00/c	+44%
Milho	135-3/8/c	193-1/8/c	+43%
Manteiga de porco	11-3/8/c	15,07/c	+34%
Peles e couros	20,45/c	27,00/c	+32%
Manteiga	56,60/c	74,00/c	+31%
Aveia	74,7/8/c	95-3/8/c	+28%
Algodão	32,76/c	42,00/c	+25%
Ovos	37,90/c	47,50/c	+25%
Açucar N.º 4	3,95/c	4,85/c	+23%
CAFÉ	44,70/c	54,60/c	+22%
Trigo	216-3/4/c	259-3/4/c	+20%
Lã	150,00/c	172,10/c	+15%
Óleo de algodão	13,92/c	15,60/c	+12%
Cacáu	28,25/c	30,07/c	+6%

Estatística

SUPLEMENTO ESTATISTÍCO

ANO XVIII | São Paulo, 14 de Janeiro de 1952 | Nº. 312

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO — SAFRA 1951/1952 — CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho/nov.	1.ª dezena dezembro	2.ª dezena dezembro	3.ª dezena dezembro	Totais
Santos a Jundiaí	107 466	3 235	4 202	2 562	117 465
Sorocabana	864 697	15 670	18 509	9 529	908 405
Paulista	1 834 997	10 726	13 395	6 914	1 866 032
Mogiana	469 629	15 367	11 060	7 638	503 694
Araraquara	(*)614 130	3 778	3 169	3 245	624 322
Noroeste do Brasil ..	1 247 549	7 897	8 253	9 217	1 272 916
Central do Brasil	—	487	—	(*)	487
Estradas de Rodagem	—	—	—	—	—
Total	**5 138 468**	**57 160**	**58 588**	**39 105**	**5 293 321**

NOTA: Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. — Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de dezembro da Estrada de Ferro Central do Brasil. (*) De acôrdo com comunicação da Estrada de Ferro Araraquara (T. 263/275/1901, de 17 de dezembro de 1951) foram excluidas 10.750 scs.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/novembro	312 915	260 764	8 732	36 740	619 151
1.ª dez. de dezembro	8 928	6 718	—	—	15 646
2.ª dez. de dezembro	4 014	14 921	—	7 379	26 314
3.ª dez. de dezembro	3 700	6 947	—	6 317	16 964
Total	**329 557**	**289 350**	**8 732**	**50 436**	**678 075**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/nov.	1.ª dezena dezembro	2.ª dezena dezembro	3.ª dezena dezembro	Totais
Paraná	63 192	6 525	(*) 462	(*)1 737	71 916
Minas Gerais	73 175	4 354	(*)4 501	(*)4 660	86 690
Goiás	17 798	—	—	(*) —	17.798
Goiás (Rod.)	1 240	260	—	—	1 500
Mato Grosso	5 382	—	300	—	5 682
Total	**160 787**	**11 139**	**5 263**	**6 397**	**183 586**

(*) Incompletos.

SAFRA 1950/1951 — (ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1951) MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Liberado	Interditado e d. alterado	A liberar
Anteriores	6 061 163	5 924 735	136 428	—
1.ª dez. novembro 50	166 342	144 647	21 171	524
2.ª " " "	133 264	111 039	22 225	—
3.ª " " "	164 788	140 859	23 329	600
1.ª " dezembro "	113 896	89 679	24 217	—
2.ª " " "	110 322	91 256	19 066	—
3.ª " " "	93 534	80 379	13 155	—
1.ª " janeiro 51	32 521	28 595	3 926	—
2.ª " " "	40 382	39 287	989	106
3.ª " " "	40 114	33 187	6 927	—
1.ª " fevereiro "	24 427	22 905	1 522	—
2.ª " " "	17 667	15 150	2 517	—
3.ª " " "	22 404	20 454	1 950	—
1.ª " março "	17 976	15 476	2 500	—
2.ª " " "	16 296	13 776	2 500	20
3.ª " " "	20 946	18 888	2 058	—
1.ª " abril "	10 203	8 702	1 501	—
2.ª " " "	11 952	10 752	1 200	—
3.ª " " "	9 218	8 718	500	—
1.ª " maio "	8 381	8 366	—	15
2.ª " " "	3 027	3 027	—	—
3.ª " " "	20 343	20 343	—	—
Total	**7 139 166**	**6 850 220**	**287 681**	****1 265**
Despolpado	28 528	28 528	—	—
Rodoviário	—	—	—	—
Total Geral	**7 167 694**	**6 878 748**	**287 681**	**1 265**
Outros Estados (até 3.ª dezena de maio)				
Paranaense	662 495	470 895	49 905	141 695
Mineiro (*)	354 107	346 954	6 392	**761
Goiano	44 054	43 224	830	—
Matogrossense	7 395	7 395	—	—
Catarinense (Via Marítima)	1 540	1 540	—	—
Total	**1 069 591**	**870 008**	**57 127**	**142 456**

OBS.: — Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 157 549
— Destino alterado p/ "Interior e Cap." 128 379
— Anulado 673
— Interditado 1 080 287 681

(*) Mais 50 scs. destino alterado "Marítima" p/ "SANTOS"
(**) Consultada a E. F. a respeito.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1951)

Paulista	Despachado	Liberado	Destino alterado	A liberar
1.ª dez. julho 51	443 886	442 479	950	457
2.ª " " "	300 718	298 489	559	1 670
3.ª " " "	530 241	526 444	598	3 199
1.ª " agôsto "	447 166	355 943	72	91 151
2.ª " " "	421 301	—	—	421 301
3.ª " " "	648 622	—	138	648 484
1.ª " setembro "	429 157	—	160	428 997
2.ª " " "	552 948	—	170	552 778
3.ª " " "	440 488	—	2 263	438 225
1.ª " outubro "	302 295	—	—	302 295
2.ª " " "	193 273	—	500	192 773
3.ª " " "	189 662	—	1 341	188 321
1.ª " novembro "	80 891	—	—	80 891
2.ª " " "	76 477	—	—	76 477
3.ª " " "	66 946	—	—	66 946
1.ª " dezembro "	57 160	—	—	57 160
2.ª " " "	58 588	—	—	58 588
3.ª " " "	39 105	—	—	39 105
Total	**5 278 924**	**1 623 355**	**6 751**	**3 648 818**
Despolpado	14 397	14 397	—	—
Total Geral	**5 293 321**	**1 637 752**	**6 751**	**3 648 818**
Outros Estados (até 3.ª dezena de dezembro)				
Paranaense	71 916	54 729	—	17 187
Mineiro	86 690	39 001	—	47 689
Goiano	17 798	5 260	—	12 538
Goiano (Rodoviário)	1 500	—	*24	1 476
Matogrossense	5 682	2 254	—	3 428
Total	**183 586**	**101 244**	**24**	**82 318**

OBS.: — (*) — Apreendidas.
— Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
— Destino alterado p* "Interior e Cap." 4 710
— Anulado 395 **6 751**
— Os dados desta publicação retificam as anteriores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

DEZEMBRO DE 1951

Porto de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Dezembro de 1951:				
Santos	636 526	177	120	636 823
Rio de Janeiro	609 826	63	1 264	611 153
Vitória	81 721	—	15 610	97 331
Paranaguá	299 794	—	—	299 794
Angra dos Reis	45 935	—	—	45 935
Salvador	2 329	—	295	2 624
Recife	6 147	—	—	6 147
Total	1 682 278	240	17 289	1 699 807
Janeiro	1 241 156	224	18 451	1 259 831
Fevereiro	1 598 385	164	18 016	1 616 565
Março	1 489 071	347	33 536	1 522 954
Abril	1 012 218	206	16 258	1 028 682
Maio	1 172 545	351	20 431	1 193 327
Junho	914 292	238	34 608	949 138
Julho	891 810	350	24 176	916 336
Agôsto	1 407 029	290	40 585	1 447 904
Setembro	1 533 400	229	30 985	1 564 614
Outubro	1 763 933	262	34 346	1 798 541
Novembro	1 651 876	214	28 750	1 680 840
Total de Jan.º a Dez.º	**16 357 993**	**3.115**	**317 431**	**16 678 539**

NOTA: — Cifras sujeitas a retificações.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

OUTUBRO DE 1951

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA :		
EGITO: Alexandria	3 799	3 729 833
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	2 916	2 846 437
MOÇAMBIQUE: Lourenço Marques	50	53 087
SUDOESTE AFRICANO: Walvis Bay	25	28 618
TUNÍSIA: Tunis	8 333	8 058 428
UNIÃO SUL AFRICANA:	**6 165**	**6 534 200**
Cape Town	1 525	1 589 719
Durban	2 791	3 011 263
Mossel Bay	600	652 245
Port Elizabeth	974	1 001 749
Via Lourenço Marques	275	279 224
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇAO:	205	220 417
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**30 815**	**37 380 097**
Montreal	20 075	24 478 637
Saint John	500	596 770
Toronto	2 265	2 748 421
Vancouver	6 725	8 055 330
Winnipeg	1 250	1 500 939
ESTADOS UNIDOS:	**1 065 592**	**1 271 599 273**
Baltimore	46 496	55 410 520
Boston	36 924	44 372 765
Carleston	4 250	4 807 938
Filadélfia	9 205	11 290 017
Houston	40 492	48 996 871
Jacksonvelle	12 125	14 826 892
Los Ângeles	26 456	31 632 626
Nova Orleans	324 741	383 862 607
Nova York	448 224	536 018 927
Norfolk	20 790	23 843 093
Oakland	3 000	3 694 700
Portland	7 301	8 803 770
São Francisco	83 153	101 088 966
Seattle	1 935	2 370 114
Tacoma	500	579 458
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**51 688**	**55 835 709**
Buenos Aires	48 418	52 469 709
Rosário	3 270	3 366 000
CHILE:	**8 460**	**8 276 707**

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Antofagasta	100	94 595
Coquimbo	100	96 076
Curral	500	475 297
Puerto Montt	150	141 930
Punta Arenas	350	327 810
Talcahuano	1 820	1 707 265
Valparaiso	5 440	5 433 734
PARAGUAI: Assunção	400	497 812
URUGUAI: Montevidéu	3 150	3 168 647
ASIA:		
CHIPRE:	510	521 863
Famagusta	450	458 485
Limassol	60	63 378
FILIPINAS: Manilla	311	335 651
JAPÃO:	262	340 254
Cobe	126	158 778
Iocoama	136	181 476
JORDÂNIA: Amman	916	910 650
LIBANO: Beirute	10 085	10 363 953
SÍRIA:	**5 691**	**6 055 424**
Damasco	5 191	5 550 037
Lattaquie	500	505 387
TURQUIA:	**6 657**	**6 768 016**
Smirna	2 874	2 996 384
Stambul	3 783	3 771 632
EUROPA:		
ALEMANHA:	**42 343**	**52 066 181**
Bremen	9 902	12 088 268
Hamburgo	32 446	39 977 913
AUSTRIA:	**7 412**	**9 296 945**
Via Genova	7 000	8 775 641
Via Hamburgo	287	360 015
Via Trieste	123	161 289
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E. Antuerpia	79 729	91 764 908
DINAMARCA: Copenhague	31 088	36 023 408
ESPANHA: Barcelona	2	2 462
FINLÂNDA: Helsink	26 285	27 689 536
FRANÇA:	**93 383**	**101 955 566**
Bordeaux	1 075	1 994 854
Dunquerque	10 140	10 694 388
Havre	75 283	80 571 800

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Marselha	7 830	8 364 955
Strasburgo	250	329 569
GRÃ-BRETANHA:	**17 500**	**20 430 181**
Liverpool	12 000	14 143 934
Londres	5 300	6 286 247
GRÉCIA:	18 777	18 223 933
Pireus	18 251	17 689 062
Salônica	526	534 871
HOLANDA:	**63 561**	**76 938 699**
Amsterdam	57 971	70 131 091
Rotterdam	5 590	6 807 608
IRLANDA: Dublin	50	62 310
ISLÂNDIA: Reykjavik	2 060	2 204 476
ITÁLIA:	**22 704**	**27 270 734**
Bari	1 000	1 153 997
Catânia	375	368 037
Gênova	11 770	14 657 054
Livorno	578	740 246
Messina	375	397 287
Monfalcone	250	317 468
Nápoles	5 734	6 309 328
Palermo	100	128 380
Riposto	125	123 835
Veneza	2 397	3 075 102
NORUEGA:	**27 500**	**32 810 475**
Bergen	5 500	6 480 015
Oslo	17 500	20 976 090
Stanager	1 000	1 220 280
Trondhjein	3 500	4 134 090
POLÔNIA: Sdinia	833	1 016 910
SUÉCIA	**69 932**	**87 412 868**
Estocolmo	36 793	45 978 913
Gotemburgo	19 547	24 399 519
Helsingborg	9 357	11 702 162
Malmo	4 235	5 332 374
SUIÇA:	**19 102**	**23 497 237**
Via Amsterdam	2 529	3 191 995
Via Antuérpia	15 073	18 448 210
Via Rotterdam	1 500	1 857 032
TCHECOSLOVÁQUIA: via Hamburgo	4 500	5 479 814
TRIESTE:	28 734	30 510 927
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA:	**403**	**498 947**
Melborne	136	163 268
Sidney	267	335 679
TOTAL GERAL	**1 763 933**	**2 068 681 593**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhes pelos portos de procedência

JANEIRO a OUTUBRO DE 1951

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Argélia	Santos	125	149 625
	Rio de Janeiro	1 108	1 103 400
	Total	**1 233**	**1 253 025**
Canárias	Rio de Janeiro	2 586	2 516 304
	Vitória	4 282	4 089 588
	Total	**6 868**	**6 605 892**
Egito	Rio de Janeiro	34 403	34 386 104
	Vitória	500	473 603
	Total	**34 903**	**34 859 707**
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	4 350	4 403 466
	Vitória	11 418	10 871 510
	Total	**15 768**	**15 274 976**
Marrocos Francês	Santos	625	753 312
	Rio de Janeiro	12 250	13 410 812
	Vitória	8 740	8 734 964
	Total	**21 615**	**22 899 088**
Moçambique	Rio de Janeiro	565	569 279
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	639	731 409
Tanger	Rio de Janeiro	5 100	5 553 078
Tunísia	Rio de Janeiro	33 332	36 521 214
	Vitória	3 834	4 272 534
	Total	**37 166**	**40 793 748**
União Sul Africana	Santos	3 846	4 801 668
	Rio de Janeiro	38 474	42 051 326
	Paranaguá	150	191 203
	Total	**42 470**	**47 044 197**
AMÉRICA CENTRAL:			
Curaçao	Rio de Janeiro	540	590 058
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	141 165	174 472 762
	Rio de Janeiro	38 610	46 270 881
	Paranaguá	38 605	46 275 211
	Angra dos Reis	1 000	1 210 725
	Recife	1 187	1 478 307
	Total	**220 567**	**269 707 886**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Estados Unidos	Santos	4 319 286	5 321 747 717
	Rio de Janeiro	1 898 655	2 192 372 116
	Vitória	111 660	108 527 108
	Angra dos Reis	194 685	236 808 795
	Paranaguá	2 059 087	2 474 735 057
	Recife	6 275	7 421 595
	Total	**8 589 648**	**10 341 612 388**
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	44 861	58 240 097
	Rio de Janeiro	296 466	342 106 428
	Vitória	73 154	78 549 018
	Paranaguá	2 647	3 431 272
	Total	**417 128**	**482 326 815**
Chile	Santos	133	168 032
	Rio de Janeiro	19 459	21 876 491
	Vitória	26 466	26 234 598
	Total	**46 058**	**48 279 121**
Paraguai	Rio de Janeiro	3 300	4 099 441
Uruguai	Santos	700	893 882
	Rio de Janeiro	31 536	36 064 028
	Vitória	3 530	3 732 929
	Total	**35 766**	**40 690 839**
ASIA:			
Chipre	Rio de Janeiro	2 785	2 888 349
Filipinas	Santos	12 016	14 757 016
	Rio de Janeiro	2 971	3 181 050
	Vitória	45 693	48 368 765
	Total	**60 680**	**66 306 831**
Japão	Santos	973	1 281 267
	Rio de Janeiro	143	178 238
	Total	**1 116**	**1 459 505**
Jordânia	Rio de Janeiro	7 478	7 837 061
Líbano	Santos	100	126 543
	Rio de Janeiro	30 149	30 769 685
	Total	**30 249**	**30 896 228**
Síria	Rio de Janeiro	5 941	6 348 236
Turquia	Rio de Janeiro	63 928	68 611 416
EUROPA:			
Alemanha	Santos	180 006	233 909 631
	Rio de Janeiro	53 102	64 294 346
	Angra dos Reis	1 500	1 903 984
	Paranaguá	27 076	34 111 296
	Bahia	144	181 036
	Total	**261 828**	**334 400 293**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Áustria	Santos	22 066	28 211 490
	Rio de Janeiro	4 711	5 061 952
	Total	**26 777**	**33 273 442**
Belgo-Luxemburguesa U. S.	Santos	141 093	181 044 955
	Rio de Janeiro	173 588	194 461 996
	Vitória	46 515	47 461 294
	Paranaguá	27 486	33 984 560
	Bahia	30	43 704
	Recife	6 550	8 159 581
	Total	**395 262**	**465 156 090**
Dinamarca	Santos	163 470	193 709 143
	Rio de Janeiro	51 309	57 744 517
	Total	**214 779**	**251 453 660**
Espanha	Santos	2	2 462
Finlândia	Santos	23 332	29 507 587
	Rio de Janeiro	161 387	166 508 341
	Total	**184 719**	**196 015 928**
França	Santos	32 511	40 826 867
	Rio de Janeiro	261 113	284 099 372
	Vitória	58 259	57 445 542
	Paranaguá	49 650	58 234 163
	Bahia	3 000	3 373 650
	Recife	21 080	24 447 508
	Total	**425 613**	**468 427 102**
Gibraltar	Santos	1 177	1 503 908
	Rio de Janeiro	4 998	4 772 069
	Vitória	4 544	4 347 823
	Total	**10 719**	**10 623 800**
Grã-Bretanha	Santos	102 037	130 140 081
	Rio de Janeiro	29 590	30 717 351
	Paranaguá	194 543	235 096 066
	Total	**326 170**	**395 953 498**
Grécia	Rio de Janeiro	74 123	74 560 919
	Paranaguá	1	1 227
	Total	**74 124**	**74 562 146**
Holanda	Santos	280 472	356 604 001
	Rio de Janeiro	71 173	78 027 465
	Vitória	250	226 583
	Paranaguá	33 545	42 278 482
	Bahia	80	94 356
	Total	**385 520**	**477 230 887**
Irlanda	Santos	200	251 907
Islânda	Rio de Janeiro	15 599	16 104 283

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Itália	Santos	92 997	121 893 531
	Rio de Janeiro	66 013	70 687 454
	Vitória	9 545	9 412 701
	Paranaguá	2 101	2 689 103
	Bahia	3 741	4 421 604
	Recife	4 404	5 078 234
	Total	**178 801**	**214 182 627**
Iugoslávia	Rio de Janeiro	11 666	13 626 625
Malta	Vitória	250	265 840
Noruega	Santos	144 175	174 726 046
	Rio de Janeiro	250	285 000
	Paranaguá	46 600	55 936 470
	Total	**191 025**	**230 947 516**
Polônia	Santos	4 499	5 686 660
Portugal	Santos	1	1 200
	Rio de Janeiro	1 474	1 736 925
	Recife	140	172 919
	Total	**1 615**	**1 911 044**
Suécia	Santos	328 057	416 561 531
	Rio de Janeiro	82 188	102 088 007
	Angra dos Reis	14 050	17 616 315
	Paranaguá	36 209	45 062 793
	Bahia	6 726	8 277 322
	Total	**467 230**	**589 605 968**
Suiça	Santos	17 210	21 860 738
	Rio de Janeiro	16 653	19 246 554
	Vitória	250	257 217
	Paranaguá	2 300	2 755 100
	Bahia	170	199 662
	Total	**36 583**	**44 319 271**
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	2 000	2 351 170
	Angra dos Reis	4 000	4 997 890
	Total	**6 000**	**7 349 060**
Trieste	Santos	47 049	63 014 621
	Rio de Janeiro	98 856	103 786 851
	Vitória	5 440	5 483 918
	Total	**151 345**	**172 285 390**
Vaticano	Rio de Janeiro	79	86 480
OCEANIA:			
Austrália	Santos	1 089	1 375 633
	Rio de Janeiro	799	973 684
	Total	**1 888**	**2 349 317**
Nova Zelândia	Santos	50	66 184
TOTAL GERAL		**13 023 854**	**15 553 376 053**

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO DE 1951

VIAS	PROCEDÊNCIAS				TOTAL
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	
E. F. C. do Brasil	118.251	67.865	—	—	186.116
E. F. Leopoldina	—	35.958	3.653	7.139	46.750
Regulador	—	—	—	65.744	65.744
Rodoviário	87.092	260.772	11.587	108.650	468.101
Totais:	**205.343**	**364.595**	**15.240**	**181.533**	**766.711**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO E SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1951		
julho	279.271	282.021
agôsto	390.108	410.182
setembro	442.806	531.090
1.º trimestre:	**1.112.185**	**1.223.293**
outubro	703 560	615.614
novembro	729.740	509.561
dezembro	766.711	611.090
2.º trimestre:	**2.200.011**	**1.736.265**
1.º semestre:	**3.312.196**	**2.959.558**

CAFÉ DÍSPONIVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1951	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. do Reis	Recife	Total
Janeiro	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
Fevereiro	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
Março	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
Abril	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
Maio	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
Junho	1 477 517	498 745	22 307	10 076	278 963	15 660	12 370	2 315 638
Julho	1 373 970	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 179 540
Agôsto	1 457 264	418 616	64 044	10 602	369 157	18 921	10 710	2 349 314
Setembro	1 521 611	303 716	49 694	12 770	591 384	14 452	9 116	2 502 743
SETEMBRO:								
1950	2 023 557	561 649	83 443	24 062	598 935	8 691	15 174	3 315 511
1949	2 029 417	703 528	129 529	49 560	319 889	40 309	20 670	3 292 902
1948	2 107 662	651 276	44 276	72 800	208 404	40 830	29 023	3 154 271
1947	2 216 768	423 062	98 597	81 726	265 484	37 815	69 697	3 193 149

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

DEZEMBRO DE 1951

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
3	193 00	192 00	188 00	156 00	142 20
4	193 00	192 00	188 00	15 600	14 260
5	193 00	192 00	188 00	155 00	—
6	193 00	192 00	188 00	154 00	142 40
7	193 00	192 00	188 00	Nominal	142 10
10	193 00	192 00	188 00	156 00	142 60
11	193 00	192 00	188 00	”	141 70
12	193 00	192 00	188 00	”	141 20
13	193 00	192 00	188 00	”	141 40
14	193 00	192 00	188 00	”	141 40
17	193 00	192 00	188 00	”	141 20
18	193 50	192 50	188 50	”	141 40
19	194 00	193 00	189 00	”	141 40
20	194 00	193 00	189 00	”	140 10
21	194 00	193 00	189 00	”	140 50
26	194 00	193 00	189 00	”	140 60
27	194 00	193 00	189 00	”	—
28	194 00	193 00	189 00	”	140 70
Média	**193 36**	**192 36**	**188 36**	**155 25**	**141 40**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Novembro	736 049	29 750	2 203	87 366	2 362	857 730	718 554	781 513	1 835	1 658 952
Dezembro	611 373	17 229	2 456	157 802	1 759	790 619	640 042	570 482	1 676	1 807 853
TOTAL	**3 457 741**	**155 933**	**21 838**	**386 606**	**8 549**	**4 030 667**	**3 779 407**	**3 776 799**	**11 176**	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

DEZEMBRO DE 1951

DIAS	ENTRADAS						MOVIMENTO					Est. de Café em Santos em poder do D.N.C.		
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	grossense	Total	Liberado p/E.F.S.J.	Liberado p/E.F.S.	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
1	23 795	923	500	2 290	—	27 508	13 024	14 484	37 409	13 948	—	438	12 065	1 649 051
3	27 390	—	—	4 488	—	31 878	18 082	13 796	21 725	29 039	—	438	12 884	1 659 204
4	20 584	—	—	12 670	—	33 254	8 227	25 027	5 140	28 076	—	438	16 727	1 687 318
5	29 702	600	—	2 792	—	33 094	13 096	19 998	15 118	41 077	—	438	25 169	1 705 294
6	28 643	900	—	2 657	—	32 200	13 188	19 012	23 470	31 257	1 644	438	12 230	1 712 380
7	28 003	600	—	1 800	759	31 162	15 024	16 138	36 073	31 492	—	438	17 014	1 707 469
8	23 964	651	—	6 715	—	31 330	16 585	14 745	57 380	—	—	438	5 032	1 681 419
10	25 537	3 608	440	2 095	—	31 680	15 401	16 279	23 500	28 293	—	438	14 278	1 689 599
11	18 842	867	—	12 425	—	32 134	13 158	18 976	34 450	8 816	—	438	23 983	1 687 283
12	26 224	685	—	4 380	500	31 789	14 526	17 263	32 572	31 290	—	438	37 541	1 686 500
13	25 751	815	—	4 985	—	31 551	16 044	15 507	14 855	13 854	—	438	37 571	1 703 196
14	26 555	600	—	4 637	—	31 792	19 194	12 598	31 888	17 065	—	438	25 911	1 703 100
15	20 368	748	—	10 352	—	31 468	18 368	13 100	28 995	2 255	—	438	20 053	1 705 573
17	22 361	1 262	—	7 858	—	31 481	20 894	10 587	14 800	12 146	—	438	20 381	1 722 254
18	20 517	700	—	10 541	—	31 758	16 643	15 115	14 600	23 363	—	438	34 892	1 739 412
19	22 184	600	216	8 405	—	31 405	13 212	18 193	10 395	21 740	—	438	31 894	1 760 422
20	25 758	300	—	5 512	—	31 570	17 236	14 334	22 125	19 210	—	438	19 801	1 769 867
21	27 934	380	500	2 927	—	31 741	16 983	14 758	7 927	58 249	—	438	28 248	1 793 681
22	23 836	—	—	7 390	500	31 726	16 006	15 720	14 028	19 150	—	438	16 941	1 811 379
24	25 419	600	—	6 128	—	32 147	16 024	16 123	23 902	4 637	—	438	27 685	1 819 624
26	24 087	—	300	7 227	—	31 614	17 443	14 171	7 486	37 879	—	438	11 867	1 843 752
27	15 618	—	500	15 487	—	31 605	7 352	24 253	20 216	30 152	—	438	23 240	1 855 141
28	25 891	1 240	—	4 508	—	31 639	11 034	20 605	43 244	53 122	—	438	27 314	1 843 536
29	26 535	559	—	4 468	—	31 553	14 830	16 723	60 681	8 860	—	438	12 694	1 814 408
31	25 875	600	—	5 065	—	31 540	8 599	22 941	38 063	5 511	32	438	20 181	1 807 853
Total	**611 373**	**17 229**	**2 456**	**157 802**	**1 759**	**790 619**	**370 173**	**420 446**	**640 042**	**570 482**	**1 676**	**—**	**535 596**	**—**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

DEZEMBRO DE 1951

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	4 Tipo	7 Tipo
3	53 00	52 75	54 50	53 50	—	45 50
4	53 00	52 75	54 50	53 50	—	45 50
5	53 00	52 75	54 50	53 50	—	45 50
6	52 75	52 50	54 00	53 00	—	44 50
7	52 75	52 50	54 00	53 00	—	44 50
10	52 75	52 50	54 00	53 00	—	44 50
11	53 00	52 75	54 25	53 25	—	44 50
12	53 00	52 75	54 25	53 25	—	44 50
13	53 00	52 75	54 25	53 25	—	44 50
14	53 00	52 75	54 25	53 25	—	44 50
17	53 50	53 25	54 75	53 75	—	45 00
18	53 75	53 50	55 25	54 25	—	—
19	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 00
20	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 00
21	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 00
26	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 00
27	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 75
28	53 75	53 50	55 25	54 25	—	45 75
Média	**53 28**	**53 02**	**54 67**	**53 58**	**—**	**44 97**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Dezembro de 1951

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	1	8	15	22	29	Média
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(3) 58 1/2	(3) 58 1/2	58 2/32
Armenia	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(3) 58 1/2	(3) 58 1/2	58 21/32
Manizales	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(3) 58 1/2	(3) 58 1/2	58 21/32
Cucutá	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(3) 58 1/4	(3) 58 1/4	58 13/32
Bogotá	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(3) 58 1/4	(3) 58 1/4	58 13/32
Tolima	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(3) 58 1/4	(3) 58 1/4	58 13/32
Ocana	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(3) 58 1/4	(3) 58 1/4	58 13/32
COSTA RICA:						
Duro	58 1/2	(—) 58 1/2	(X) 58 1/4	(—) 58 1/4	(—) 58 1/4	58 11/32
Atlântico Fino	58 3/4	(X) 58 3/4	(X) 58 1/4	(—) 58 1/4	(—) 58 1/4	58 29/64
EQUADOR:						
Lavado	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	55 1/2
Extra não lavado ...	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(2) 48 00	(2) 48 00	(2) 48 00	47 51/64
GUATEMALA:						
Tntigua	n/cot	n/cot	(X) 58 3/4	(—) 58 3/4	(—) 58 3/4	58 3/4
Extra primeira	57 1/2	(+) 57 1/2	(X) 58 1/4	(—) 57 7/8	(—) 57 7/8	58 13/64
Lavado bom	56 3/4	(=) 56 3/4	(X) 57 00	(—) 57 00	(—) 57 00	56 29/32
Bourbon	56 1/2	(=) 56 1/2	(X) 56 00	(—) 56 00	(—) 56 00	56 13/64
HAITÍ:						
Lavado bom mole ..	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 51/64
Catado à mão	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 51 00	(6) 51 00	52 13/64
HONDURAS:						
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	55 1/2
Tipo 5 - comum duro	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(2) 48 1/4	(2) 48 1/4	(2) 48 1/4	47 61/64

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Dezembro de 1951)

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS 1	8	15	22	29	Média
MÉXICO:						
Coatepec	57 00	(—) 57 00	(—) 57 00	(X) 56 3/4	(—) 56 3/4	56 29/32
Tapachula primeira .	57 00	(—) 57 00	(X) 56 00	(—) 56 1/4	(—) 56 1/4	56 1/2
NICARÁGUA:						
Matagalpa	56 00	(+) 56 00	(—) 55 1/2	(—) 55 1/2	(—) 55 1/2	55 45/64
Lavado primeira ...	53 3/4	(=) 55 3/4	(—) 55 1/4	(—) 55 1/4	(—) 55 1/4	55 29/64
EL SALVADOR:						
Lavado primeira ...	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(2) 58 1/4	(2) 58 1/4	58 1/4
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole ..	(6) 55 1/4	(6) 55 1/4	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 1/2
Fino	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
VENEZUELA:						
Maracaibo	(£) 58 00	(£) 58 00	(£) 57 1/2	" 57 1/2	(1) 57 1/2	57 45/64
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(2) 58 1/4	(6) 58 00	(6) 58 00	57 61/64
Natural robusta	(2) 57 3/4	(2) 46 3/4	(6) 47 1/4	(6) 46 1/2	(6) 46 1/2	46 3/4
MOOCA:						
Mooca (Arabia)	(2) 59 00	(2) 59 00	(6) 58 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	58 19/64
N.E.I.:						
Genuino Java lavado	69 00	69 00	(3) 67 1/2	(6) 67 1/2	(6) 67 1/2	68 3/32
UGANDA:						
Lavado	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	(6) 48 1/4	(6) 48 1/2	(6) 49 1/2	48 29/64

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista liquido
(3) Disponivel
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal
(—) Embarques em Novembro e Dezembro
(X) Embarques em Novembro
(+) Embarques em Dezembro e Janeiro
(=) Embarques em Dezembro
(£) Pronto embarque.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "U"

DEZEMBRO DE 1951

DIA	Dezembro		Março		Maio	
	A	F	A	F	A	F
3	n/cot.	52 35	n/cot.	51 00	n/cot	n/cot.
4	"	52 40	"	51 00	"	"
5	"	52 30	"	50 80	"	"
6	"	52 40	"	50 95	"	"
7	"	52 55	"	51 15	"	"
10	"	52 85	"	51 70	"	"
11	"	52 95	"	51 70	"	"
12	"	52 70	"	51 95	"	"
13	"	52 70	"	51 45	"	"
14	"	53 07	"	52 00	"	"
17	"	54 90	"	53 40	"	"
18	"	54 70	"	53 05	"	"
19	"	54 35	"	52 60	"	"
20	"	54 60	"	52 65	"	"
21	"	54 80	"	52 70	"	"
26	"	—	"	52 60	"	"
27	"	—	"	52 60	"	"
28	"	—	"	52 60	"	"
Média	—	53 32	—	51 94	—	—

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 grs.) — "Contrato "S"

DEZEMBRO DE 1951

DIAS	Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro		Dezembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	52 80	52 53	51 25	51 22	50 10	50 15	49 25	49 06	48 05	48 05	47 05	47 05
4	52 65	52 58	51 30	51 15	50 20	50 15	49 20	49 09	48 20	48 07	47 20	47 08
5	52 58	52 50	51 05	51 01	50 00	50 01	49 00	48 95	47 93	47 92	46 95	46 95
6	52 70	52 60	51 05	51 19	50 05	30 24	49 10	49 17	48 00	48 16	47 00	47 16
7	52 85	52 75	51 19	51 35	50 25	50 35	49 30	49 35	48 25	48 28	47 18	47 28
10	52 90	53 03	51 60	51 90	50 68	50 90	49 64	49 90	48 90	48 85	47 65	47 86
11	53 15	53 15	51 95	51 89	51 05	50 94	50 05	49 88	49 00	48 88	48 05	47 93
12	53 19	52 89	51 85	51 63	50 80	50 71	49 80	49 71	48 80	48 65	47 80	47 71
13	53 00	53 05	51 70	51 85	50 80	51 05	49 80	50 07	48 80	49 03	47 80	48 05
14	53 20	53 27	52 20	52 17	51 70	51 40	50 30	50 48	49 32	49 50	48 44	48 49
17	53 10	55 10	52 46	53 60	51 30	52 95	50 95	52 40	49 98	51 35	49 19	50 49
18	54 90	54 88	53 30	54 30	52 75	52 70	52 20	52 25	51 15	51 20	50 25	50 40
19	54 55	54 60	53 18	52 82	52 43	52 10	52 00	51 60	50 95	50 70	50 25	49 95
20	54 37	54 80	52 80	52 85	52 10	52 15	51 45	51 65	50 50	50 85	49 75	49 86
21	54 88	55 00	52 96	52 90	52 25	52 20	51 85	52 20	51 05	51 54	50 11	50 10
26	55 35	—	53 10	53 15	52 45	52 43	51 80	51 87	51 40	51 20	50 90	50 51
27	—	—	53 15	53 15	51 70	52 35	51 85	51 62	51 10	50 95	50 44	50 30
28	—	—	53 10	53 23	52 40	52 38	51 70	51 65	51 05	50 85	50 21	50 09
Média	53 51	53 52	52 18	52 30	51 28	51 40	50 51	50.60	49 58	49 67	48 68	49 29

CÂMBIO

1951

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de Dezembro

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	1.501.230	1.176.208
Dólares	23.211.452	31.327.967
Franco Franceses	1.102.260.568	1.373.395.569
Escudos	91.616	136.050
Pesetas	1.928.259	2.091.876
Franco Suiços	1.918.323	3.777.433
Francos Belgas	26.914.659	30.836.864
Pesos Argentinos	——	3.000
Pesos Uruguaios	1	123
Corôas Tchecas	227.118	30.881
Corôas Suecas	8.574.525	10.633.438
Corôas Dinamarquezas	2.941.208	4.415.298
Florins	5.609	2.055
CONVÊNIOS		
US$ Alemão	9.309.091	10.120.706
US$ Italiano	1.359.071	2.551.518
US$ Japonês	1.525.784	1.022.983
US$ Português	234.591	293.782
US$ Austriaco	103.384	405.003
US$ Yugoslavio	——	1.460
US$ Polonês	216.080	2.065
US$ Tcheco	184.428	192.914
US$ Uruguaio	1.085	3.225
US$ Chileno	7.064	1.156.860
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 161.356,05	Cr$ 1.773.305,60
Brasileiro-Holandês	Cr$ ——	Cr$ 57.249,20
Brasileiro-Argentino	Cr$ ——	Cr$ 1.199.655,97

Resumo dos negócios realizados no mês de Dezembro de 1951

MOEDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	4.843.178	13.247.545,00
Corôas Suecas	12.176.118	44.088.509,00
Dólares	39.021.330	730.479.293,00
Escudos	43.588	28.646,00
Florins	14.417	71.009,00
Franco Belgas	32.488.387	12.248.121,00
Francos Francêses	1.614.462.560	86.373.747,00
Francos Suiços	3.748.279	16.198.188,00
Libras	1.955.598	119.203.504,00
Pesetas	1.790.733	3.061.438,00
TOTAL	....	1.025.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acordo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada este mês por esta Bolsa.

£ .... 19.555.097 = 52,4160
U$S .... 54.754.273 = 18,72—

Total computado em Dezembro de 1950 .... 701.000.000,00
Total computado em Novembro de 1951 .... 1.676.000.000,00
Total computado em Dezembro de 1951 .... 1.025.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

DEZEMBRO DE 1951

D I A	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florin
1	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 08	7,61 08	n/cot.	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 08	7,61 08	"	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 44	7,61 08	"	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 89	7,51 74	"	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 89	7,51 74	"	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,20 72	0,63 64	1,28 71	7,51 38	"	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,28 35	7,55 60	"	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 64	1,28 82	7,57 94	"	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,21 45	0,63 64	1,26 82	7,65 83	"	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,21 47	0,63 64	1,27 82	7,59 50	"	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,21 47	0,63 64	1,27 82	7,65 83	"	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,21 47	0,63 64	1,27 82	7,59 50	"	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,21 47	0,63 64	1,27 82	7,59 50	"	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,21 09	0,63 64	1,28 44	7,48 68	"	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,21 09	0,63 64	1,28 44	7,42 63	"	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 82	7,48 68	"	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 82	7,48 68	"	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,29 07	7,54 83	"	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,29 07	7,54 83	"	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,29 07	7,54 83	"	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,28 80	7,54 83	"	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 82	7,59 50	"	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 64	7,59 50	"	3,55 51	4,38 58
31	51,46 40	18,38 00	4,20 90	0,63 64	1,27 64	7,59 50	"	3,55 51	—
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,21 01**	**0,63 64**	**1,28 28**	**7,56 44**	"	**3,55 51**	**4,38 58**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

JANEIRO DE 1952

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florin
3	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 27	7 88 21	N/cot.	3 62 09	—
4	52 41 60	18 72 00	4 31 99	0 65 72	1 29 91	7 80 00	”	3 62 09	—
5	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 30 27	7 80 00	”	3 62 09	—
7	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 30 27	7 80 00	”	3 62 09	—
8	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 30 73	7 81 63	”	3 62 09	—
9	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 30 82	7 83 26	”	3 62 09	—
10	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 30 82	7 83 26	”	3 62 09	—
11	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 82	7 81 63	”	3 62 09	—
12	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 64	7 81 63	”	3 62 09	—
14	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 64	7 81 63	”	3 62 09	—
15	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 73	7 84 91	”	3 62 09	—
16	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 73	7 89 87	”	3 62 09	—
17	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 30 73	7 96 60	”	3 62 09	—
18	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 30 73	7 96 60	”	3 62 09	—
19	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 30 73	7 96 60	”	3 62 09	—
21	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 30 73	7 96 60	”	3 62 09	—
22	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 73	7 91 54	”	3 62 09	—
23	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 31 28	7 88 21	”	3 62 09	—
24	52 41 60	18 72 00	4 31 96	0 65 72	1 31 55	7 89 87	”	3 62 09	—
25	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 31 55	7 91 54	”	3 62 09	—
26	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 18	7 89 87	”	3 62 09	4 92 34
28	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 18	7 89 87	”	3 62 09	—
29	52 41 60	18 72 00	4 31 77	0 65 72	1 30 45	7 88 21	”	3 62 09	—
30	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 31 18	7 91 54	”	3 62 09	—
31	52 41 60	18 72 00	4 31 59	0 65 72	1 31 18	7 91 54	”	3 62 09	—
Média	**52 41 60**	**18 72 00**	**4 31 79**	**0 65 72**	**1 30 71**	**7 87 78**	—	**3 62 09**	**4 92 34**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo

DEZEMBRO DE 1951

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	4,3186	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3176	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	4,3186	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	4,9252	4,3186	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3196	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,3177	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	4,3251	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	4,3275	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	4,9234	4,3271	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,0535
17	52,4160	18,72	7,2937	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	4,3234	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3233	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	4,3234	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	4,3235	3,6209	2,7353	—	—	0,3642	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	4,3215	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,3215	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,3204	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	4,3196	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**7,2937**	**4,9252**	**4,3215**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3770**	**0,0535**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Socialização sem socialismo, no Brasil — J. Testa 5
A água do solo e o sombreamento dos cafèzais em São Paulo — Coaraci M. Franco 10
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 20

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Uma interessante experiência de Serviço Social Rural 40
A produção de café na Venezuela 45
Restauração dos cafeeiros — Paulo Cuba 47
Café "caturra amarelo" — Edgard Fernandes Teixeira 49
Instruções sôbre a adubação do cafeeiro — Salim Simão 51
O café Sumatra de Mundo Novo 56
A recuperação das terras na região de Louveira 57
Características das principais variedades de café — Alcides Carvalho 59
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 62

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 312 86
Exportação Brasileira de Café — Dezembro 89
Exportação Brasileira de Café — I - Detalhe pelos países de destino — Outubro 90
Exportação Brasileira de Café — II - Detalhes pelos portos de procedência — Janeiro a Outubro de 1951 93
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, dezembro 97
Café disponivel nos portos de exportação do Brasil — Jan. a Dez. 1951 98
Movimento de café em Santos — Safra 1951/52 .... Apenso
Movimento de café na praça de Santos — Dezembro .... Apenso
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — Dezembro 99
Cotações de cafés brasileiros no disponivel de Nova York — Dezembro .. 100
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — dezembro 101
Cotação de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "U" — Dezembro .. 104
Cotação de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — dezembro 105
Câmbio — Resumo das operações de Câmbio, efetuada pelos Bancos, durante o mês de Dezembro 106
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II Mercado Livre — Compras à Vista — Dezembro de 1951 107
Cambio no Rio de Janeiro sobre diversas praças — I Mercado Livre — Vendas à Vista — Dezembro de 1951 108
Câmbio em São Paulo — Média diária — Dezembro 109
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — dezembro .... Apenso
Balancete financeiro em 30 de Novembro de 1951 do Instituto de Café do Estado de São Paulo .... Apenso

SECRETARIA

SUPERINTENDÊNCIA D

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE NOVEMBRO DE 1951

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	27.333.258,10		
Patrimonial	9.344.862,00	36.678.120,10	
Extraordinária			
Diversos		2.801.222,30	39.479.342,40
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		44.967,50	
Diversos		22.033.588,70	22.078.556,20
			61.557.898,60
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		677.290,40	
Em Bancos		11.542.231,50	12.219.521,90
			73.777.420,50

Departamento de Contabilid

VICENTE LOSSO
Chefe Substituto — Contador — CRC 3979

DA FAZENDA

OS SERVIÇOS DO CAFÉ

DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

DESPESA

	Cr$	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviços da Dívida Externa ...	15.336.756,60		
Encargos Diversos	456.829,40		
Administração	1.881.547,70	17.675.133,70	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Administração		17.336,00	17.692.469,70
DESPESAS EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1946		2.000,00	
Restos a Pagar — 1949		2.180,00	
Restos a Pagar — 1950		2.886.353,40	
Depósitos		37.500,00	
Diversos		40.391.001,70	43.319.035,10
			61.011.504,80
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		497.713,90	
Em Bancos		12.268.201,80	12.765.915,70
			73.777.420,50

ade, 30 de novembro de 1951

Visto

BERNARDO SPINDOLA MENDES

Gerente Substituto

Estando esgotadas, por motivo de fôrça maior, as edições da maioria de nossas "Separatas" relativas a assuntos agrícolas, comunicamos aos nossos leitores que se encontram suspensas as remessas, até segunda ordem.

Em devido tempo, comunicaremos o restabelecimento da distribuição.

Aos numerosos e distintos leitores, do país e do estrangeiro, aos quais, com o melhor de nossos esforços, temos procurado prestar um serviço que julgamos útil, agradecemos as amáveis referências com que nos têm distinguido.

— AVISO —

Estando esgotada a capacidade de distribuição de nosso Boletim, e havendo numerosos pedidos de remessa a serem atendidos, pedimos aos nossos atuais assinantes a gentileza de nos comunicar, dentro de 30 dias, se lhes interessa continuar a recebê-lo.

Decorrido êsse prazo, cancelaremos a remessa para aqueles de que não tenhamos recebido resposta.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL